



**OS
SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS
DE ESQUERDA
NA REVOLUÇÃO RUSSA**

ED

Outros lançamentos de 2012

**Capitalcracia: a crise como
exploração e degradação**

Valcionir Corrêa

**Sociologia:
conhecimento e ensino**

*Fernando Ponte de Sousa
(organizador)*

**A violência e o poder de destruição
do capital na Amazônia**

Fiorelo Picoli

**Informatização e
doenças psicossociais**

Guillermo Alfredo Johnson

**Memória viva
Relatório I**

*Fernando Ponte de Sousa
José Carlos Mendonça
Valcionir Corrêa
(organizadores)*

**Os socialistas-revolucionários de
esquerda na Revolução Russa**

Coletânea de documentos

**A pobreza humana:
concepções, causas e soluções**

Adir Valdemar Garcia

PUBLICAÇÕES DE 2011 EM CATÁLOGO:

<http://editoriaemdebate.ufsc.br/catalogo/>

OS SOCIALISTAS-
REVOLUCIONÁRIOS DE
ESQUERDA
NA REVOLUÇÃO RUSSA

UMA LUTA MAL CONHECIDA

Título original:

*Les Socialistes-Révolutionnaires de gauche
dans la Révolution Russe – Une lutte méconnue*

© 1983 par Spartacus

Capa

Tiago Roberto da Silva

Editoração eletrônica

Carmen Garcez

Catálogo na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da UFSC

S678 Os socialistas-revolucionários de esquerda na Revolução
Russa : uma luta mal conhecida : duas brochuras
publicadas pelos S-R de esquerda em 1918 /
tradução: Plínio Augusto Coelho.
– Florianópolis : Editoria em Debate, 2012.
175 p.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-8267-001-9

Conteúdo: A Rússia socialista : acontecimentos de julho
de 1918 – Por que somos contra a paz de Brest-Litovsk /
Isaac Steinberg.

1. Rússia – História - Revolução. 2. Socialismo – História.

I. Título: A Rússia socialista : acontecimentos de julho de 1918.

II. Título: Por que somos contra a paz de Brest-Litovsk.

III. Steinberg, Isaac.

CDU: 329.14

2012

Todos os direitos reservados a

Editoria Em Debate

Campus Universitário da UFSC – Trindade

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Bloco anexo, sala 301

Telefone: (48) 3338-8357

Florianópolis – SC

www.editoriaemdebate.ufsc.br

www.lastro.ufsc.br

OS
SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS
DE ESQUERDA
NA REVOLUÇÃO RUSSA

UMA LUTA MAL CONHECIDA

DUAS BROCHURAS PUBLICADAS PELOS
S-R DE ESQUERDA EM 1918:

- **A Rússia socialista (acontecimentos de julho de 1918)**

(Coletivo)

- **Por que somos contra a paz de Brest-Litovsk**

(Isaac Steinberg)

Tradução:

PLÍNIO AUGUSTO COELHO

Florianópolis

UFSC

 **Editoria
EM DEBATE**

2012

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA.....	9
PREFÁCIO, POR G. BEDROSSIAN.....	15

A RÚSSIA SOCIALISTA

(ACONTECIMENTOS DE JULHO DE 1918)

MARIA SPIRIDONOVA.....	25
OS ACONTECIMENTOS DE 4 A 7 DE JULHO EM MOSCOU.....	28
DUAS RESOLUÇÕES.....	39
O TERRORISMO COMO MEIO DE AÇÃO REVOLUCIONÁRIA.....	41
NOSSOS ALIADOS NO CAMPO DE NOSSOS ADVERSÁRIOS.....	46
OS CAMPONESES E A REVOLUÇÃO.....	55
A PENA CAPITAL.....	64
NÃO FALAI MENTIRAS!.....	67
O QUE SE DIZ DA RÚSSIA NA ALEMANHA.....	73
ALGUMAS PÁGINAS DA HISTÓRIA DO PARTIDO DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA.....	88
CRÔNICA DOS ACONTECIMENTOS SEGUNDO OS JORNAIS ALEMÃES E FRANCESES.....	95
RESOLUÇÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA.....	103

POR QUE SOMOS CONTRA A PAZ DE BREST-LITOVSK

POR QUE SOMOS CONTRA A PAZ DE BREST-LITOVSK.....	107
A REVOLUÇÃO ATÉ O MÊS DE OUTUBRO	109
A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO	113
AGRESSÃO DO IMPERIALISMO ALEMÃO	118
RESPOSTA DO PODER DOS SOVIETES.....	121
CONSEQUÊNCIAS DA PAZ (FINLÂNDIA, UCRÂNIA, ARMÊNIA)	123
CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA PAZ.....	131
FRAQUEZA ECONÔMICA.....	135
INFLUÊNCIA INTERNACIONAL.....	137
VAI-SE A ESPERANÇA.....	139
O QUE A REALIDADE PROVOU.....	141
COMO SE DEVE LUTAR?	145
POSFÁCIO, POR GUY SABATIER UM ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO (RÚSSIA 1917/1918)	147

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Ao vencedor as batatas.¹ E a condição de escrever a história como lhe aprouver.

Negar às gerações do futuro uma apreciação menos unilateral sobre acontecimentos do passado tem sido uma tentação irresistível para quem se apropriou do poder após duros processos de enfrentamento. No caso da Revolução Russa de 1917 – parte mais sensível de um processo revolucionário europeu único desencadeado pela I Guerra Mundial (1914-1918) –, iniciada quando a frente russa derrocou e a insurreição bolchevique triunfou, a corrente política que se apropriou do poder esteve muito distante de se constituir em exceção.

Assim, documentos que possibilitem conhecer a história da Revolução Russa por fontes outras que não as da historiografia oficial ligada aos vencedores² contribuem para uma nova reflexão de conjun-

¹ Alusão a trecho do romance *Quincas Borba*, publicado em 1891, de Machado de Assis. Quincas Borba é um filósofo que sintetiza sua filosofia pelo seguinte exemplo: duas tribos famintas diante de um campo de batatas suficientes apenas para alimentar um dos grupos. Com as energias repostas, os vencedores podem transpor as montanhas e chegar a um campo onde há uma grande quantidade de batatas. Então, Quincas Borba finaliza: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”. Quincas Borba comenta ainda: “A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação”. Assim, o desfrute das batatas pelos vencedores simplifica ao máximo o preceito básico de que, na luta pela sobrevivência, quem vence é o mais forte.

² A tardia oposição encabeçada por Trótski não pode ser excluída do campo dos vencedores, pois se tratou de uma derrota pelo controle dos aparelhos do

to do processo revolucionário e em seus desdobramentos posteriores.

Mesmo ideólogos e apologistas do bolchevismo admitem que os bolcheviques foram, passo a passo, eliminando todas as outras correntes que com eles lutaram pelo fim do regime dos tsares. O que a ideologia e a apologia não revelam é que, em escala crescente, as justificativas utilizadas foram perdendo base real na medida em que as etapas do processo avançavam no sentido de assegurar o monopólio do poder pelo Partido Bolchevique e para que este aplicasse a sua ditadura sobre todas as novas instituições revolucionárias, em especial sobre os soviets (conselhos) de operários, camponeses e soldados. Tal escalada culminou com as mais grosseiras falsificações do período Stálin.

Uma combinação de artifícios foi utilizada para obtenção desse resultado de eliminação de adversários *internos ao campo da revolução socialista*. E se o conhecimento de tais artifícios é válido desde suas origens, conhecê-los em suas primeiras manifestações oficiais, do momento em que adquirem a força de ações de Estado, e a partir de fontes vindas de um tipo de vencidos a quem não se aplica a elástica acusação de contrarrevolucionário, torna-se crucial.

Não se trata, portanto, de vencidos em etapas anteriores do processo, como as correntes liberais (caso dos Constitucionais Democratas – Cadetes) ou da esquerda reformista, impedidas de existirem enquanto forças de oposição legal após a queda dos governos provisórios instaurados a partir de fevereiro de 1917 (caso dos mencheviques e socialistas revolucionários de direita), tampouco dos anarquistas (que muito cedo conheceram as prisões bolcheviques e na sequência conheceram na Ucrânia a tragédia do massacre do exército negro a traição pelo exército vermelho).³ Trata-se de uma corrente político-partidária

partido e do Estado. Por tentarem se colocar como “mais bolcheviques que o bolchevismo”, assumiram a feição de uma oposição “oficial”, expressão de uma confluência e partilha das mesmas premissas do bolchevismo oficial.

³ Trata-se da *makhnovtchina* ou Movimento Makhnovista. Leva o nome de seu principal expoente, Nestor Makhno (1891-1935). Baseados em forças armadas de tipo guerrilheiro, combateram ao mesmo tempo o exército alemão, o exército branco e o exército vermelho, chegando a controlar uma área de 150.000 km² com uma população aproximada de 10.000.000 de habitantes. Aplicaram na prática parte das concepções do comunismo libertário em cerca

que não era adversária da Revolução de Outubro, nem dos soviets e nem mesmo, em uma primeira fase do processo, dos próprios bolcheviques. Com tais características, a única corrente existente na Rússia à época era o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda (internacionalistas) – PSRE.

A obra que o leitor brasileiro, pela primeira vez, tem à sua disposição abrange o período que compreende os primeiros nove meses do governo revolucionário (outubro de 1917 a julho de 1918), escrita por integrantes do PSRE que conseguiram sobreviver à repressão bolchevique. Está composta por dois textos: o primeiro, de autoria coletiva, se intitula *A Rússia Socialista (acontecimentos de julho de 1918)* e o segundo, de autoria de Isaac Steinberg, primeiro Comissário do Povo (Ministro) da Justiça da Rússia Soviética, intitulado *Por que somos contra a paz de Brest-Litovsk*.⁴

Além destes dois textos, foram também traduzidos por Plínio Augusto Coelho o prefácio e o posfácio da edição francesa de 1983, o primeiro da autoria de G. Bedrossian e o segundo de autoria de Guy Sabatier, que nos fornecem além da devida contextualização com informações complementares, esboços analíticos para uma crítica do PSRE livre da perspectiva bolchevique.

Vale ressaltar o compromisso das Éditions Spartacus, a editora francesa, de retirar de um esquecimento de 65 anos estes documentos. Fundada em 1936 por René Lefevre, militante e editor até a sua morte em 1988. Desde então a editora é administrada pela Associação Les Amis de Spartacus (Os Amigos de Spartacus), que mantém a linha

de um terço dessa área.

⁴ Acordo assinado pela Rússia Soviética com os chamados “impérios centrais” (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Bulgária e Império Turco-Otomano) em 3 de março de 1918 na atual cidade bielorrussa de Brest (antiga Brest-Litovsk) em que, em troca de territórios (Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Bielorrússia e Ucrânia, distritos turcos de Ardahan e Kars e distrito georgiano de Batumi), se reconhecia a retirada da Rússia da Primeira Guerra Mundial. Esses territórios continham um terço da população da Rússia, metade de sua indústria e 90% de suas minas de carvão. As implicações internas e internacionais desse tratado para a revolução europeia são objeto do texto de I. Steinberg.

editorial caracterizada pela divulgação de conteúdos que impulsionem o pensamento crítico e transformador de modo radical e independente.⁵

Em seu posfácio, Sabatier corretamente nos alerta que estes dois documentos constituem uma contribuição para o esclarecimento das posições do PSRE, mas que estão longe de significar uma história geral do PSRE na Revolução Russa, tarefa que continua por se realizar. Registremos de passagem alguns estudos que, depois de sua publicação em 1983, apareceram no mundo acadêmico anglo-estadunidense que ajudam a minimizar essa lacuna e constituem indicações para o leitor interessado em ampliar conhecimentos sobre o tema.

Em 1990, a Editora da Universidade do Estado de Ohio nos EUA publicou *The Socialist Revolutionaries and the Russian anti-war movement, 1914-1917* (Os Socialistas Revolucionários e o movimento antiguerra na Rússia, 1914-1917), de autoria do professor da Universidade de Auburn Michael Melancon, que aborda, em termos programáticos e de atividades práticas, o trabalho dos socialistas-revolucionários durante o período que abrange do início da I Guerra Mundial até a Revolução de Fevereiro de 1917.

Em 2007, o professor Francis King traduziu e compilou para a Socialist History Society (Sociedade de História Socialista) do Reino Unido uma série de 47 documentos dos SR elaborados durante o ano de 1917 e reunidos sob o título *The Narodniks in the Russian Revolution – Russia's Socialist-Revolutionaries in 1917* (Os Narodniks na Revolução Russa – Socialistas-Revolucionários da Rússia em 1917).

Em 2011, dois trabalhos apareceram de ambos os lados do Atlântico Norte.

A obra *Captives of revolution: the socialist-revolutionaries and the Bolshevik dictatorship, 1918-1923* (Prisioneiros da revolução: os socialistas-revolucionários e a ditadura bolchevique, 1918-1923), publicada pela Editora da Universidade de Pittsburgh (EUA) e de autoria de Scott B. Smith, professor do Linfield College, analisa o período iniciado pelos dois documentos aqui publicados e apresenta tanto um

⁵ Sobre a trajetória histórica desse esforço editorial, consultar <<http://atheles.org/spartacus/page/historique.html>>.

quadro convincente da derrota dos SR como uma reflexão mais profunda do significado da dinâmica política da guerra civil para a história soviética posterior.

Por sua vez, em *The socialist alternative to Bolshevik Russia: the Socialist Revolutionary Party, 1921-1939* (A alternativa socialista para a Rússia Bolchevique: o Partido Socialista Revolucionário, 1921-1939), publicado pela Editora Routledge, a autora, Elizabeth White, professora da University of Ulster (Irlanda do Norte), examina as atividades e a vida intelectual dos SR que se encontravam exilados na então Checoslováquia, mas continuavam a observar e a comentar os desenvolvimentos da cena política na Rússia.

Quanto ao conteúdo dos dois documentos ora publicados, torna-se possível conhecer as razões que levaram o PSRE a romper com o Governo Soviético, que integrava em coalizão com o Partido Bolchevique e no qual ocupava sete pastas ministeriais (comissariados do povo), além de serem expostas, uma a uma, todas as questões palpitantes daquele momento: o Tratado de Paz de Brest-Litovsk, a insurreição fracassada de julho de 1918, o debate sobre a pena de morte e a política do governo revolucionário diante dos camponeses. Esses são alguns dos temas que o leitor conhecerá pela perspectiva e pelas próprias palavras daqueles que venceram reacionários e contrarrevolucionários, mas foram vencidos internamente ao campo revolucionário. Uma leitura incontornável para interessados seja na história da Revolução Russa, seja em transformações sociais profundas.

Posto isso, que a acuidade do leitor possa descobrir e ampliar outras tantas possibilidades que o acesso a estes textos poderá oferecer.

Por fim, algumas palavras sobre a subjetividade que orientou o coletivo de editores nesse esforço de publicação. Do mesmo modo que Marx, ao concluir o prefácio de sua obra “Contribuição à Crítica da Economia Política”, inspirou-se em Dante Alighieri para afirmar que nenhum temor pode ter lugar diante da ciência; e a Associação Les Amis de Spartacus, para justificar sua linha editorial radical e independente, se inspirou em Condorcet para reafirmar que a verdade pertence aos que a procuram e não aos que alegam detê-la, nós, da

Editoria Em Debate, estamos convencidos de que não devemos temer as lições de nenhuma experiência, de nenhuma contribuição crítica, se quisermos prosseguir nossa busca interminável por novas verdades provisórias, que nos sirvam de apoio para outras verdades mais sólidas e igualmente provisórias.

Porque, se na Revolução Russa as batatas ficaram definitivamente com os bolcheviques, que a História não seja escrita apenas pelo viés do vencedor.

José Carlos Mendonça

Dezembro de 2012

PREFÁCIO

Durante os poucos meses que precedem a tomada do poder, os bolcheviques acusam os mencheviques e os socialistas-revolucionários, estes últimos mais globalmente, de terem se tornado os lacaios da burguesia.

A leitura das atas do Comitê Central do Partido Bolchevique revela-se primordial para compreender essas jornadas. Ela mostra, graças à carta que lhe endereça Lênin, datada de 30 de agosto, que a revolta de Kornilov conduziu o partido a mudar de tática. Com efeito, podemos ler ali:

Consiste, também, em colocar agora em primeiro plano o reforço da agitação para o que se poderia chamar de “reivindicações parciais”, dizendo a Kerenski: prende Miliukov, arma os operários de Petrogrado, chama as tropas de Kronstadt, de Vyborg e de Helsingfors em Petrogrado, dissolve a Duma de Estado, prende Rodzianko, legaliza a transmissão das terras dos grandes proprietários fundiários aos camponeses, estabelece o controle operário sobre o trigo e as fábricas etc. [...] E não é só a Kerenski que devemos apresentar estas reivindicações, nem tanto a Kerenski, mas aos operários, aos soldados e aos camponeses engajados na luta contra Kornilov. É preciso engajá-los ainda mais, encorajá-los a surrar os generais e os oficiais que se pronunciaram a favor de Kornilov, insistir para que eles exijam imediatamente a transmissão da terra aos camponeses, sugerir-lhes a necessidade de prender Rodzianko e Miliukov, dissolver a Duma de Estado, suprimir o *Retch* e os outros jornais burgueses e levá-los aos tribunais. Importa sobretudo engajar nessa via os socialistas-revolucionários de “esquerda”.

Este texto reconhece a existência de uma facção de esquerda no

seio dos S-R dos quais tudo deve ser feito para ganhar os favores. Todavia, é somente na reunião de 23 de setembro do Comitê Central que se podem encontrar os vestígios de um começo real de colaboração:

Decidiu-se propor aos S-R de esquerda intervir em favor da imunidade dos membros do pré-parlamento.

Em contrapartida, durante as reuniões preparatórias à tomada do poder, em particular em 16 de outubro, não é absolutamente falado dos S-R de esquerda. É só durante a reunião de 24 de outubro, a saber, na véspera da insurreição, sob proposição de Kamenev, que estimava “que seria necessário iniciar conversações com os S-R de esquerda e entrar em contato político com eles”, que uma resolução é tomada. O Comitê Central propõe encarregar três camaradas para entabular conversações com estes últimos.

A colaboração entre os socialistas-revolucionários de esquerda, que desde esse momento formavam uma organização separada do conjunto do Partido S-R, e os bolcheviques, conheceu um período de entendimento. Com efeito, os bolcheviques adotaram as teses destes em relação à questão agrária. Entretanto, contrariamente a estes últimos, Lênin e seus partidários projetavam uma cooperação em sentido único entre a enorme massa camponesa e a minoria operária. Enquanto os S-R de esquerda estimavam que os 3-5% de operários e os 75-80% de camponeses deviam equitativamente, no âmbito de uma livre troca de gêneros alimentícios e mercadorias, contribuir para aplicar um tipo de mercado socialista, os bolcheviques mostraram-se resolutamente hostis a toda participação dos camponeses em qualquer ação se estes não estivessem agrupados no seio dos comitês de camponeses pobres que eles haviam instituído.

No entanto, um importante problema subsistia: aquele da Assembleia Constituinte. Os socialistas-revolucionários de esquerda, contrariamente aos bolcheviques, permaneciam, contudo, seus partidários. Eles estimavam que em torno dessa instituição devia realizar-se uma unidade revolucionária. Mostravam-se favoráveis a um duplo poder: o dos soviets e aquele da Assembleia Constituinte.

No dia seguinte à tomada do poder pelos bolcheviques, os socia-

listas-revolucionários tentaram constituir, apesar de tudo, um poder homogêneo. A resolução do comitê central bolchevique, datada de 1º de novembro de 1917, testemunha isso:

Estimando, com base em conversações precedentes, que os partidos conciliadores regatearam não com o objetivo de criar um poder soviético unificado, mas para provocar a cisão nos meios operários e dos soldados, para sapor o poder soviético e acorrentar definitivamente os socialistas-revolucionários de esquerda a uma política de conciliação com a burguesia, o Comitê Central decide: permitir aos membros de nosso Partido, tendo em vista a recente decisão do Comitê Executivo Central, tomar parte hoje da última tentativa dos S-R de esquerda de criar um poder pretensamente homogêneo, com o objetivo de desmascarar, de uma vez por todas, o despropósito dessa tentativa e pôr fim às conversações ulteriores relativas a um poder de coalizão.

Essas tentativas dos S-R de esquerda fracassaram por causa da intransigência dos bolcheviques, que não desejavam de modo algum aliar-se, no seio de um governo, e, conseqüentemente, na Assembleia Constituinte, com mencheviques ou com S-R de direita.

Lênin, consciente, apesar de tudo, do isolamento de seu partido na Rússia, busca a adesão da maior parte do campesinato por intermédio de seus representantes políticos, os S-R de esquerda, e, assim, proposições de aliança no seio de um governo são formuladas. Encontramos a resposta destes em um texto de Lênin datado de 5 ou 6 de novembro.

Todo mundo sabe que o Comitê Central do Partido Bolchevique, algumas horas antes de formar o novo governo e antes de propor a lista de seus membros ao II Congresso dos Sovietes da Rússia, havia convidado à sua sessão os três membros mais conhecidos do grupo socialista-revolucionário de esquerda, os camaradas Kumkov, Spiro, e Karelin, e propusera-lhes participar do novo governo. Lamentamos vivamente que os camaradas socialistas-revolucionários de

esquerda tenham recusado a oferta; estimamos que tal recusa é inadmissível por parte de revolucionários e partidários dos trabalhadores; estamos prontos a incluir no governo os socialistas-revolucionários de esquerda em qualquer momento; todavia, declaramos que, na qualidade de partido da maioria no II Congresso dos Sovietes da Rússia, temos ante o povo o direito e o dever de formar o governo.

.....

Escrevinhadores burgueses e aqueles que se deixaram intimidar pela burguesia acusam-nos em coro de sermos intransigentes, intratáveis, de não desejarmos partilhar o poder com um outro partido. Não é verdade, camaradas! Propomos e proporemos aos S-R de esquerda partilhar o poder conosco. Não é nossa culpa se eles recusaram: havíamos entabulado conversações durante as quais fizemos múltiplas concessões, inclusive após o encerramento do II Congresso dos Sovietes...

As reticências dos S-R de esquerda provinham da suspeita de que ocorreria uma ruptura face à intransigência dos bolcheviques em relação às outras organizações. Sua atitude será, a seguir, perfeitamente explicitada nas medidas que eles adotarão durante a época em que participaram do governo para prevenir os excessos dos bolcheviques e atenuar a política de terror.

Paralelamente, os bolcheviques empreendiam uma ação visando eliminar do seio dos soviets os elementos que não lhes eram inteiramente devotados; a finalidade de sua política revelava-se enfim clara aos S-R de esquerda, que não admitiam a ditadura de um partido sobre o conjunto da população por intermédio de órgãos, os soviets, no seio dos quais a única liberdade seria a de ser apenas correias de transmissão a serviço dos bolcheviques.

A partir desse momento eclodiram conflitos entre os dois partidos que compunham o novo regime, em particular sobre dois pontos. Os S-R de esquerda aceitavam de fato como um mal necessário o terror

político aplicado pela Tcheka contra os inimigos da Revolução, mas recusavam seus excessos. As críticas dos S-R de esquerda foram numerosas; eles tentaram, em particular por intermédio do comissariado de justiça, opor-se aos órgãos centrais soviéticos e, ao final, acusaram os bolcheviques por suas práticas que iam contra a lei, em particular no que concerne à pena de morte (por exemplo, o caso dos barões bálticos postos fora da lei) que havia sido abolida. O segundo ponto de desacordo foi provocado pela assinatura do tratado de Brest-Litovsk. Os bolcheviques não se preocuparam em pedir a opinião de seus parceiros em relação às negociações, estes últimos tinham numerosíssimos partidários na Ucrânia, que por isso caíam sob a influência alemã e aquela dos nacionalistas a soldo da Alemanha que procederam a importantes massacres de camponeses. Eles não podiam de modo natural aceitar tal situação sem igualmente aceitar um enfraquecimento de sua organização. Lênin aproveitou-se desse concurso de circunstâncias para empurrar, mostrando-se intransigente, os S-R de esquerda à revolta, pois eles começavam seriamente a incomodá-lo, e cujo número de partidários aumentava regularmente no seio da população.

Na oficial *Histoire de l'U.R.S.S.: de l'antiquité à nos jours* (Moscou, 1965), podemos ler:

Os S-R de esquerda elevaram-se contra a política do poder soviético. Desde que a luta de classes exacerbou-se no campo, os S-R de esquerda, que traduziam os interesses dos kulaks, haviam-se engajado definitivamente na via da luta antissoviética; seu grupo exigiu no Congresso que mudassem a política alimentar e dissolvessem os comitês de camponeses pobres, mas a maioria dos delegados apoiou inteiramente a política do governo. Os S-R de esquerda provocaram então uma sublevação antissoviética em Moscou. Em 6 de julho, eles assassinaram o embaixador alemão Mirbach a fim de levar a Alemanha à guerra contra a Rússia. No mesmo dia, passaram à ação armada. Conseguiram apoderar-se da central telegráfica de onde expediram imediatamente algumas falsas mensagens nas quais sustentavam que o poder encontrava-se em suas mãos. Sob a direção de Lênin, o governo

soviético adotou medidas enérgicas para liquidar a sublevação. Na noite de 7 de julho, a central telegráfica já estava liberada. Na madrugada, uma ofensiva foi lançada contra um palacete tendo pertencido ao milionário Monozov, e onde os insurretos haviam instalado seu estado-maior. Privados de todo apoio das massas, os chefes dos S-R de esquerda fugiram. Em 7 de julho, às 4 horas da tarde, o Conselho dos Comissários do povo publicou um comunicado sobre a liquidação da revolta. Em 10 de julho, o V Congresso adotou a primeira Constituição soviética.

Resumir, assim, trazer ao nível do acontecimento tais eventos, não pode permitir uma compreensão dessa insurreição dos S-R de esquerda contra um governo do qual eles participavam.

A História do Partido Comunista da União Soviética, manual oficial publicado quando Kruschev ainda vivia, dá algumas informações suplementares, mas só isso: “Em consequência do tratado com a Alemanha (3 de março de 1918), eles tentaram – os S-R de esquerda – destituir Lênin e criar um novo governo composto de S-R de esquerda e comunistas de esquerda (os partidários de Bukharin)”. Isso pode mostrar, mesmo equivocando-se e falsificando a realidade – pois Bukharin não estava de forma alguma em uma linha de esquerda, contrariamente àqueles que, em seguida, participaram da corrente da oposição operária “de esquerda” –, que os S-R de esquerda situavam-se à esquerda dos bolcheviques e, em certa medida, lutavam contra a burocratização do regime e a infiltração dos soviets, que assim deviam passar sob o controle dos bolcheviques.

No mesmo sentido, o comitê central socialista-revolucionário de esquerda adotou, em 24 de junho, “no interesse da Rússia e daquele da revolução internacional”, a resolução de “lançar-se em uma série de atos terroristas contra os principais representantes do imperialismo alemão”. Essa resolução não devia absolutamente ser conservada... secreta, pois os dirigentes S-R de esquerda declaravam:

estimamos que nossa política constitui um ataque contra a política atual do governo soviético, e não contra os bolche-

viques como tais; mas como é inaceitável que estes adotem medidas repressivas contra o nosso Partido, estamos igualmente decididos a defender pelas armas a posição que adotamos. A fim de impedir os elementos contrarrevolucionários de servirem-se de nosso Partido para seus próprios fins, no caso de tal conflito produzir-se, resolvemos anunciar ao país nossa nova política pelos cuidados de nossa propaganda, e insistir mais do que nunca na necessidade de aplicar com constância e firmeza, na Rússia soviética, uma política internacionalista e socialista-revolucionária.

A lacuna onde nos encontrávamos até o presente acha-se hoje parcialmente preenchida pela publicação, mais à frente, de um documento editado em 1918, em Genebra, pelos próprios S-R de esquerda sobre os eventos de 6 de julho de 1918. Esse documento inencontrável havia décadas dá o ponto de vista, é fato, dos vencidos, mas pode esclarecer enormemente a sequência dos eventos e fornecer uma explicação extremamente interessante, cuja importância é indiscutível agora que se começam a estudar as diversas correntes da esquerda socialista e comunista. As teses dos S-R de esquerda revelam-se distintamente como estando na origem da maioria das oposições democráticas que se manifestaram na Rússia quando Lênin ainda vivia, e também na sequência, particularmente em nossos dias.

Em um texto bem documentado, *L'An I de la Révolution Russe*, Victor Serge apresenta um relato bem completo dessas jornadas, e de muito longe mais interessante do que aqueles das publicações oficiais, mas esse texto demanda um certo número de observações das quais a mais importante é aquela que concerne às motivações profundamente políticas dos S-R de esquerda e ao problema da passagem ao socialismo. Estes, partidários do marxismo, estimavam que era necessário – para poder instaurar o socialismo em um único país, enquanto a revolução tardava a nascer nos países ocidentais, por causa da guerra – provocá-la ou proceder à instauração de estruturas que pudessem permitir um definhamento do Estado. Lênin, em todos os seus primeiros escritos, pensava da mesma maneira, mas a experiência do poder e a vontade que ele tinha de livrar-se de seus companheiros de percurso

conduziram-no a mudar sua política. A linha que ele havia definido a partir de sua tomada do poder foi em seguida aplicada por Stálin. Ela necessitava da eliminação de todas as oposições. Os S-R de esquerda foram as primeiras vítimas dessa política nascente.

Após as jornadas que se seguiram a 6 de julho de 1918, a repressão foi particularmente violenta, mas o Partido dos S-R de Esquerda sobreviveu; com efeito, houve uma cisão no seio da organização, e os extremistas criaram um grupo terrorista clandestino que praticou alguns atentados antes de ser totalmente dizimado pela Tcheka.

Sob a instigação dos S-R de esquerda, houve ainda algumas manifestações, em particular com a participação de anarquistas. Mas eles foram rapidamente presos e, em 1922, se ainda eram encontrados S-R de esquerda dispersos através da Rússia soviética, após a morte de Lênin, o conjunto destes encontrou-se preso na Sibéria. Alguns, tais como Kanikov e Karelin, apareceram, autênticos espectros em 1938, durante o processo de Bukharin.

O movimento populista havia passado. Os herdeiros dos narodniks do século XIX apodreciam nas prisões de Stálin.

Certos historiadores, como E. H. Carr e Leonard Schapiro, os acusaram de terem sido utopistas ilógicos, ingênuos e quiméricos em matéria de política, e a ponto de parecerem infantis. Isso para muitos pode soar verdadeiro, mas as declarações que se poderão ler no conjunto dos textos que seguem provam claramente o contrário.

G. Bedrossian

A RÚSSIA SOCIALISTA

(ACONTECIMENTOS DE JULHO DE 1918)

MARIA SPIRIDONOVA

Maria Spiridonova, membro do Comitê Central do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, presa por causa da recente revolta dos socialistas-revolucionários de esquerda em Moscou, possui um magnífico e glorioso passado revolucionário.

Em 15 de janeiro de 1906, Spiridonova matou, cumprindo as ordens do Comitê do Partido Socialista-Revolucionário de Tambow, o general Lujenovski, bem conhecido nessa cidade, e que mandara fustigar à morte e submeter a suplícios pavorosos camponeses da província de Tambow, culpados de participação em revoltas agrárias e políticas.

Spiridonova disparou contra Lujenovski no momento em que este descia de um vagão na estação de Borisoglebsk.

Spiridonova foi presa por cossacos e sofreu terríveis torturas.

Todo mundo ainda se lembra da carta que ela publicou nos jornais russos e na qual narrava os terríveis detalhes de seus sofrimentos.

Ela foi vingada algum tempo depois: seus algozes, um oficial cossaco e um comissário de polícia, foram executados pelos socialistas-revolucionários.

Em 11 de março do mesmo ano, Spiridonova foi condenada à morte por enforcamento. Mas a grande agitação e os protestos provocados por essa condenação, tanto na Rússia como na Europa, resultaram na comutação dessa pena por trabalhos forçados em caráter perpétuo. A grande revolução russa concedeu a liberdade a Spiridonova.

A ação terrorista, depois os sofrimentos do presídio e, enfim, a luta nas fileiras de um povo em revolução, eis o caminho percorrido por esse ser de coragem e firmeza.

Liberada da prisão, permaneceu algum tempo na Sibéria, onde em várias cidades, notadamente em Nertschinsk e Tchita, todas as prisões, inclusive aquelas dos presos de direito comum, foram demolidas sob sua iniciativa. Seu retorno à Rússia foi um verdadeiro triunfo; com energia extraordinária, raro talento e eloquência sem igual, ela começou seu trabalho revolucionário, ocupando um lugar de destaque no Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda.

O restabelecimento da pena de morte por Kerenski provocou por parte de Spiridonova um protesto indignado e de uma força pouco comum. Escrevia em agosto de 1917:

O restabelecimento da pena de morte é o coroamento de uma série de erros políticos e de uma queda do moral revolucionário. Qualquer que seja o ponto de vista adotado, a pena de morte não pode ser justificada. Essa instituição é irrevogavelmente condenada por toda a força da indignação popular, por todas as autoridades científicas e pela própria inutilidade desse ato infame.

Quanto ao lado moral desse assassinato judiciário organizado, não vale a pena falar dele.

Tudo foi dito em seu tempo sobre a pena capital, e ante a multidão inumerável dos heróis executados pelo regime czarista e pelo regime capitalista e imperialista do mundo inteiro, não sentimos nem mesmo a força para continuar a falar.

A Revolução de Outubro pôs Spiridonova à frente de todo o movimento camponês.

Desde essa época, ela sempre foi eleita presidente de todos os congressos camponeses. Foi igualmente chefe da seção camponesa do Comitê Executivo Central. A questão da aplicação da lei sobre a socialização das terras tornou-se a obra sagrada de sua vida. Toda a sua energia profunda e sincera foi consagrada a essa ideia.

A realização da paz de Brest-Litovsk, paz esmagadora para a

Rússia revolucionária, a organização desses comitês de camponeses pobres que desorganizaram o campo laborioso e corrompeu a saudável noção do que deve ser a luta de classes, tudo isso colocou ante o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda o problema de uma revolta aberta; a chefe do partido, Spiridonova, tomou a frente dos revoltados. Seu devotamento fanático e sem igual à causa da revolução fez com que as portas da prisão de novo se fechassem sobre ela.

Há alguns meses ela escrevia:

Se a revolução deve perecer, então que ela nos arrebate no estrepito de sua queda e em sua trágica ruína! É melhor desaparecer com a revolução do que permanecer nas prisões suportando interrogatórios. É preferível morrer que suportar essa vergonha e esse ultraje, que são insuportáveis quando eles cobrem-se com o nome do Povo, que amamos e adoramos, a serviço do qual dedicamos toda a nossa vida e a quem sacrificamos atualmente o resto dessa vida...

Matai-nos, portanto!...

*Morituri te salutant!*¹

¹ Os que vão morrer te saúdam! (N. da E.)

OS ACONTECIMENTOS DE 4 A 7 DE JULHO EM MOSCOU

A Rússia revolucionária, bem como a Rússia, simplesmente, permanece para o europeu, até o presente, um país de milagres e surpresas. A complicada rede de interesses sociais e nacionais, a complexidade dos grupamentos políticos no interior da Rússia, as tenebrosas maquinações do capital europeu em torno deste “país da revolução”, tudo isso forma um quadro assaz confuso, e a Europa está reduzida a contentar-se com informações relativas a ela de caráter demasiado geral. Os *socialistas* revolucionários da Europa não sofrem menos com essa informação insuficiente concernente às coisas da Rússia, e isso faz com que eles próprios não possam compreender tanto quanto deveriam os destinos da República dos Sovietes, nem tornar sensíveis a estes o coração dos proletários europeus.

Podemos dizer francamente que a primeira República de operários e camponeses que o mundo viu está quase completamente *isolada*; que, não se sentindo apoiada efetivamente pelos operários e pelos camponeses dos outros países, ela sofre e luta sozinha para superar dificuldades inauditas, e que vão num crescendo dia após dia. Eis o que o proletariado da Europa deve saber de uma maneira muito precisa, e, o que é ainda mais importante, saber a tempo.

As primeiras jornadas e as primeiras semanas radiosas que se seguiram à vitória das classes trabalhadoras na Rússia, passaram há muito tempo. Agora, é chegado o momento para elas de lutar na dor para

fazer viver *seu* Estado, para mantê-lo até o momento em que as massas trabalhadoras da Europa despertarão e entrarão em ação. A República dos Sovietes não quer mais ser apenas uma grande república “anônima socialista”; ela deseja ser conhecida em todas as suas obras e em todas as suas tarefas que lhe incumbem, porque a Rússia dos trabalhadores tem o direito de dizer ao proletariado europeu, declarando-lhe suas reivindicações sociais e morais: “de tua re agitur”!²

Falamos mais acima das dificuldades da revolução russa. Devemos, com a tristeza na alma, falar em primeiro lugar da mais terrível e da mais perigosa dessas dificuldades. Estamos falando da revolta dos socialistas-revolucionários de esquerda em Moscou e em outras cidades, revolta que era dirigida contra a atual política do Governo dos Sovietes. Devemos expor tão completamente quanto possível e com toda a sinceridade da qual somos capazes, a origem histórica e a significação desse trágico acontecimento.

Devemos fazê-lo não só porque nosso Partido assumiu a responsabilidade inteira por esse acontecimento, mas ainda porque, naquela ocasião, as oposições fundamentais que despedaçam a revolução apareceram abertamente.

Compreender do ponto de vista político e social a revolta de 6 e 7 de julho, designar com justeza a cada um sua parte de “culpa” e de responsabilidade, indicar as consequências que disso decorrem, implica seguir a marcha de nossa revolução desde o momento do funesto ato que foi a paz de Brest-Litovsk. É com grande dor que falaremos da revolta de Moscou, porque o partido que a provocou e o partido contra o qual ela era dirigida, estão ligados um ao outro por uma afinidade social, porque ela ocorreu no interior do campo daqueles que, desde o início da revolução de março do ano passado, lutaram juntos, de início no campo das ideias e, em seguida, naquele de uma organização comum.

E se essa luta, essa luta sangrenta, fizesse afrontar-se exclusivamente partidos, pequenos grupos de intelectuais ou comitês, a revolução teria podido percorrer seu caminho com dor, mas passar, apesar de tudo, ao lado desse obstáculo que se erguia em seu caminho. Mas o enorme

² Trata-se de coisa tua. É de teu interesse. (N. da E.)

alcance, o alcance *social* dessa luta reside precisamente no fato de que o conflito produziu-se entre dois partidos aos quais se ligam as *massas*, e que representam as camadas mais ativas da classe dos trabalhadores.

Estas não são puras ideias, princípios teóricos, que lutaram nas ruas de Moscou, mas programas reais aos quais se aliaram as massas populares.

O conflito atual dos socialistas-revolucionários de esquerda e dos bolcheviques é um conflito entre a parte ativa do proletariado e a parte ativa dos camponeses trabalhadores; esses dois grupos tiveram igual participação no estabelecimento da República dos Sovietes e estão igualmente interessados na vitória da revolução social. E quando passarmos daqui a pouco à exposição da essência de nossas divergências, será preciso lembrar-se sempre de que a luta se deu entre dois grupos pertencendo a um mesmo campo de classe, ao campo socialista, que uma alta muralha separa de todo o mundo da reação burguesa ou do socialismo pseudorrevolucionário.

* * *

O que nos separa dos bolcheviques? É a ausência da coisa que, no momento mais forte da revolução de novembro, selou nossa união pelo sangue e na luta. É o abandono pelos bolcheviques da própria base do socialismo internacional e revolucionário. Nossa revolução, desde seu início (no mês de março), quando ela ainda não aparecia aos políticos míopes senão como uma revolução burguesa, já dependia das condições e da situação internacionais. Essa dependência fez-se ver ainda mais claramente no mês de novembro, quando as classes laboriosas da Rússia levantaram o estandarte da revolta social.

Não foi só contra a burguesia russa, mas também contra o capital mundial que a República da Rússia ergueu-se, formidável e majestosa. Esta República reivindicava não uma paz separada com a coalizão dos Impérios centrais, mas uma paz internacional e revolucionária. E não é surpreendente que esta República, que considerava como seus amigos de direito os explorados do mundo inteiro, tenha visto erguer-se contra ela, do outro lado da barricada social, as forças unidas dos capitalistas

de todos os neutros e “aliados” bem como beligerantes.

Nessas condições, se a República dos trabalhadores da Rússia podia sair vitoriosa da luta, não era lutando isolada, engajando um combate singular com um imperialismo apenas, mas *atraindo* para essa luta as massas populares atrasadas, passivas ou pouco conscientes da Europa e da América.

A revolução russa não era, por consequência, um resultado, era só a vanguarda da revolução internacional. Mas este processo de internacionalização da luta começada na Rússia, podia realizar-se rápido e facilmente? Absolutamente não! A revolução russa nunca nutriu vãs esperanças em relação a isso. Nós nos demos conta de que as causas históricas que conduziram os povos da Europa à possibilidade dessa guerra não são fáceis de suprimir. Em contrapartida, nós nos dávamos conta de que as massas populares da Europa que ainda não tinham chegado à consciência de classe necessitavam de uma luz muito forte, de uma luz contínua e deslumbrante proveniente de um país que, graças a numerosas causas históricas, poderia ser o primeiro a dar um passo decisivo no caminho da regeneração revolucionária. E nós acreditávamos com razão, e ainda agora cremos, que é a República dos Sovietes da Rússia que tem o privilégio de ser essa “grande potência” do socialismo e da revolução, que estimulará e acelerará na Europa o “processo” revolucionário instintivo e inconsciente engendrado pela guerra atual, e que só terá de assumir, levado pela revolução russa, formas claras e suscetíveis de viver. Se a Rússia dos soviets não pudesse alcançar esse objetivo só pelo fato de sua existência, por seus apelos e por sua propaganda, ela estaria pronta a *continuar a luta desesperada* contra os inimigos de classe (Alemanha ou Entente), a fim de convidar por sua vida e por sua morte os povos da Europa a imitá-la e a fazer a revolução.

A revolução de novembro conservou constantemente essa significação durante os primeiros meses. A época das negociações de Brest-Litovsk foi aquela da luta da Rússia socialista com o imperialismo alemão, luta conduzida, contudo, no interesse dos trabalhadores *de todos os países*; em razão disso, as negociações de Brest-Litovsk marcavam não o fim da luta revolucionária, mas, ao contrário, o co-

meço de uma nova era de luta proletária para a paz internacional e para a revolução social. Para o caso em que as “negociações de paz” de Brest-Litovsk falhassem, a Rússia dos soviets preparava-se não à conclusão de uma paz imperialista, mas a uma nova luta, que nós, socialistas-revolucionários de esquerda, denominaríamos *insurreição* e os bolcheviques guerra revolucionária.

É só nessa pura atmosfera de luta de classe intransigente que podia viver a vanguarda da revolução social e internacional, era simultaneamente uma necessidade de princípio e uma condição de oportunidade.

* * *

Entretanto, aconteceu outra coisa: o partido dos bolcheviques, que havia integrado a extrema esquerda de Zimmerwald, que tinha lutado valentemente contra o governo de Kerenski, que havia tomado a iniciativa viril da revolta de novembro, esse partido bolchevique que conduziu as negociações em Brest-Litovsk, deu repentinamente uma guinada inesperada. À primeira notícia da ofensiva dos alemães após a ruptura das negociações de Brest, a corrente capitulante, inseparável do nome de Lênin, tornou-se preponderante; os adeptos dessa tendência assumiram como palavra de ordem: ceder sobre toda a linha ao imperialismo alemão a fim de salvar a República dos Sovietes.

O Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda não pôde resignar-se a essa ruptura com todas as tradições da revolução social, e para salvar o próprio espírito da revolução de novembro, os socialistas-revolucionários de esquerda abandonaram o governo.

É verdade que no IV Congresso dos Sovietes, a resolução do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, pela qual este protestava contra a ratificação da paz de Brest, só obteve 300 votos contra 700 que votaram a favor da paz. Entretanto, nós julgamos necessário, sem romper com a República dos Sovietes como tal, submeter nossas divergências ao julgamento das massas populares ao mesmo tempo em que continuávamos a trabalhar em outras instituições da República diferentes do Governo supremo. Admitimos que a resolução aceita no Congresso fora ditada não por um cálculo minucioso das consequências

interiores e internacionais desse voto, mas pelo ardente desejo de paz e repouso do qual as massas camponesas e os soldados estavam animados a despeito da razão de classe e a despeito de seu dever revolucionário.

E estimamos igualmente que a tarefa do Partido Socialista não consistia na aquiescência a esse movimento de *pacifismo* instintivo das massas, pacifismo marcado pela fadiga e reação; ao contrário, nossa tarefa devia ser aquela de imprimir nesse movimento um caráter tal que ele pudesse tornar-se um estimulante para a sequência da luta e soldá-la indissolúvelmente às aspirações *universais* à paz.

* * *

Os bolcheviques, sozinhos no Governo dos Sovietes, assumiram toda a responsabilidade concernente à aplicação do tratado de paz de Brest-Litovsk; mas desde esse momento, a revolução dos soviets cessou de ser uma revolução *internacional* para tornar-se, ao contrário, uma revolução *nacional*. Com efeito, ela não está mais, doravante, preocupada antes de tudo em influenciar *sobre* a política da democracia internacional em nome dos interesses desta e de seus próprios interesses. A revolução dos soviets encerrou-se nos limites de seus próprios interesses, e ela tergiversa esperando que a democracia internacional venha *em seu socorro*. Desde essa guinada, a revolução dos soviets cessou de ser para a Europa imperialista um fermento revolucionário. Bem mais, ela esforçou-se para subtrair-se aos olhares ávidos dessa Europa imperialista e prolongar sua existência mantendo-se apartada.

À época de luta e realizações que entusiasmava os corações dos proletários do mundo inteiro, sucedeu uma época de cálculos práticos, acordos “diplomáticos” e inúmeros comprometimentos. Se a própria revolução de março pereceu por causa de sua união mortal com as potências aliadas que lhe impuseram objetivos estrangeiros, imaginamos facilmente o que pode ser a situação de uma *revolução social* ligada por força ao imperialismo guerreiro dos Impérios centrais.

A influência internacional da República dos Sovietes caiu a zero após a paz de Brest-Litovsk; os socialistas da Europa sabem-no, por sinal, melhor do que nós.

Esse período de decadência de nosso prestígio revolucionário internacional foi amplamente explorado pelos imperialistas de todos os campos; uns e outros encontraram aí um pretexto para proclamar a impotência de uma revolução proletária e para atizar e salvar da extinção as paixões chauvinistas de seus povos.

* * *

Mas a República dos Sovietes não cessou apenas de ser internacional: ela não pôde subsistir inclusive em seus âmbitos nacionais. Se, no exterior, a influência da paz de Brest-Litovsk nada tem de revolucionário, no interior, ela operou em um sentido claramente *contrarrevolucionário*.

O imperialismo alemão, assim como podíamos, por sinal, prevê-lo, projetou a paz de Brest-Litovsk como uma carta branca para sua política futura na Rússia. Antes de tudo, os alemães começaram, ora sob um pretexto, ora sob outro, a ocupar pela força armada as províncias da Rússia, umas após outras. O Imperialismo alemão privou, assim, os soviets do concurso de milhões de trabalhadores já familiarizados com a nova ordem social e que constituíam a sua força.

Por outro lado, os alemães privaram o Estado dos operários e dos camponeses de seus recursos mais necessários (trigo, carvão, ferro, petróleo). Pior ainda, em muitas províncias o imperialismo alemão cria ou apoia governos que, manifestamente, não repousam sobre a soberania do povo, e que, contudo, abolem o poder dos soviets.

Foi dessa maneira que, sob a desculpa da paz de Brest-Litovsk, os alemães criaram o governo de Skoropadski na Ucrânia, aquele de Krasnov no Don, aquele outro de Sulkevitch na Crimeia, governos que não poderiam ser, em relação ao Governo vermelho da Rússia, senão governos *brancos*, governos de vendeenses modernos, emigrados tornados de alguma nova Koblenz³.

Todas essas criações políticas, implementadas à vista dos soviets, favorecem os objetivos da Entente e sustentam esta última no seio dos partidos russos.

³ Alusão aos emigrados franceses em Koblenz, partidários da monarquia durante a Revolução Francesa, que retornaram à França para participar como contrarrevolucionários na guerra da Vendeia, 1793-1796. (N. do T.)

A Entente, temendo desperdiçar uma oportunidade para explorar em seu proveito as riquezas naturais da Rússia (matérias-primas e material humano), esforça-se para opor-se à infiltração “pacífica” do capital alemão na Rússia. A Entente faz planos com vistas a “ajudar” a Rússia a intervir a seu favor. Ocupa sucessivamente Vladivostok e a costa murmane. Suscita o movimento dos tcheco-eslovacos. A República dos Sovietes torna-se, assim, uma arena de luta aberta entre duas coalizões capitalistas. Os partidos simpatizando com a Entente e desejando reconquistar o poder (os socialistas-revolucionários de direita, os mencheviques, os cadetes etc.) apoiam moral e materialmente todos esses movimentos e servem-se da divisa popular de “luta contra o imperialismo alemão”; ao mesmo tempo, buscam às escondidas a realização de seus planos políticos.

Enfim, sob a pressão da bota prussiana, a República dos Sovietes já não é capaz de realizar nenhuma de suas grandes reformas sociais; os bancos, as sociedades por ações, os empréstimos, as terras e as casas, todos esses meios de produção sobre os quais a República dos Sovietes pusera a mão a fim de transferir sua fruição às massas populares, todos esses bens, dizemos, passam gradualmente, mas de maneira infalível, direta ou indiretamente (testa-de-ferro, “tutela”), às mãos de capitalistas alemães, austríacos, ucranianos, acantonados nas cláusulas da paz de Brest-Litovsk. A República dos Sovietes é cada vez menos senhora das riquezas naturais de seu país. Ela ainda pode, do ponto de vista formal, nacionalizá-las, mas não pode mais realmente transmiti-las às mãos *do povo*.

Nessas condições, o poder dos soviets torna-se cada vez mais *uma ficção*, uma aparência. Esse poder, incapaz de fazer o que quer que seja do ponto de vista internacional, encontra-se igualmente impotente na política interior. Todos os caminhos que conduzem à liberdade econômica, ao aumento do bem-estar da classe dos trabalhadores, ao fortalecimento do poder dos operários e dos camponeses estão obstruídos pela letra e pela prática do tratado de Brest-Litovsk. A própria existência do governo tornou-se semelhante àquela da Rada de Kiev, que a Alemanha suportou apenas pelo tempo que ela mostrou-se dócil às suas ordens. O poder dos soviets não subsiste, de fato,

senão pela graça do imperialismo alemão. É surpreendente que, nessas condições, a paz de Brest-Litovsk tenha tido por resultado o enfraquecimento do espírito revolucionário em todo o país, a ausência de fé em suas forças e no futuro da Revolução? É surpreendente que essa decadência do espírito revolucionário tenha permitido aos partidos socialistas moderados (os mencheviques, por exemplo) adquirir cada vez mais partidários nos meios operários?

A esse declínio lento mas seguro dos soviets, era preciso, a qualquer custo, pôr um termo. Foi o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda que tomou a iniciativa de modificar radicalmente a orientação da política dos soviets. Isso é natural, pois não há na Rússia nenhum outro partido que seja a favor dos soviets e, também, hostil ao imperialismo dos Centrais e ao imperialismo dos Aliados ao mesmo tempo.

É sob a bandeira do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda que vieram alinhar-se os operários e os camponeses de inúmeras províncias russas, e muitos congressos de soviets provinciais partilharam a ideia da sabotagem desejada da paz de Brest-Litovsk, preconizada pelos socialistas-revolucionários de esquerda.

No V Congresso dos Soviets, que se realizou em 4 de julho em Moscou, 40% dos participantes admitiram seu ponto de vista.

O desenvolvimento de nosso Partido testemunha a evolução da consciência das massas em relação à paz de Brest-Litovsk e à política dos soviets. Ao mesmo tempo, a Ucrânia camponesa, essa chaga viva no corpo da Revolução, luta encarniçadamente e sem trégua, num combate desigual, contra a ocupação alemã, esperando que a Rússia inteira venha em seu socorro.

O Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda tomou a iniciativa de mudar e orientar a política dos soviets em um sentido oposto àquele que ela seguiu até aqui. E para exercer uma pressão mais intensa, o partido decidiu colocar o poder dos soviets diante dos fatos consumados. O assassinato do embaixador da Alemanha, Mirbach, é um desses fatos consumados.

O Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda não começou as hostilidades *com o objetivo de derrubar o poder dos bolcheviques*; ele não agiu contra o poder dos soviets em geral, nem com o objetivo de tomar o poder: mas quis criar, *contra* a vontade dos bolcheviques, uma atmosfera política que os forçaria a mudar sua orientação política.

Não é à guerra contra a Alemanha ao lado da Entente, não é a favor do imperialismo “aliado” e contra o imperialismo alemão que o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda convida o povo. Não, ele apela a uma *insurreição*, independente de toda influência imperialista, do povo trabalhador contra seus inimigos de classe; convida os trabalhadores a uma *guerra civil* contra a burguesia estrangeira, a uma guerra semelhante àquela que ele fez com tanto sucesso no interior da Rússia contra a burguesia nacional. E, por esse meio, o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, que exige o retorno às máximas da revolução de novembro, coloca um fosso intransponível entre ele e os socialistas-revolucionários de direita (Kerenski e Savinkof à frente); estes últimos queriam novamente fazer do povo revolucionário da Rússia um instrumento dos objetivos da Entente lutando pretensamente pela liberdade. Os bolcheviques não quiseram, durante esse Congresso dos Sovietes, mudar sua tática. Ao contrário, a resolução aceita por eles ressalta que “a tarefa principal dos soviets e de seu governo consiste na manutenção da paz. Os operários e camponeses não terão de defender o país contra os imperialistas exceto em caso de invasão estrangeira”. Como se “a paz” houvesse existido nesse momento na Rússia e como se a invasão estrangeira ainda estivesse em perspectiva!

Assim, a ficção fatal está mantida; todavia, no presente momento, ela é mantida sem a participação e *contra a vontade* do segundo partido da República dos Sovietes, do partido que representa os interesses sociais de uma grande parte do proletariado e *de todos os camponeses trabalhadores*. Tal situação não pode durar, isso é evidente. É um perigo evidente para os dois partidos socialistas da Rússia, é uma ameaça para a própria existência da República dos Sovietes, porque não se pode dizer que o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda é contrarrevolucionário; não se pode também qualificá-lo de pequena seita de sonhadores e intelectuais.

Todo o seu passado, bem como sua importância numérica, reduz a nada uma e outra dessas alegações. Atualmente, esse partido proclama a *verdade* revolucionária contra uma ficção revolucionária. Ele declara que *a República dos Sovietes*, cercada de inimigos tanto no interior como no exterior, *não pode subsistir* e apelar à vida de novas formações socialistas *senão lutando contra esse mundo de inimigos*.

Essa República deve sair da estreiteza dos limites nacionais e retomar uma envergadura internacional. De outro modo, ela perecerá em breve, e em todo caso *antes* que a revolução ecloda na Europa. Essa verdade, que estava na base de toda a tática da revolução de novembro, é provada uma vez mais pelo exemplo do período posterior à paz de Brest-Litovsk. Essa verdade, conquistada no sofrimento pela Rússia dos soviets, tornará a ser cedo ou tarde o fio condutor da conduta dos bolcheviques.

Todavia, a revolução social tem um interesse primordial em que isso aconteça o mais cedo possível. E é pelo reconhecimento dessa verdade que uma nova *aproximação* e uma *reconciliação* dos dois partidos irmãos, das duas classes de irmãos trabalhadores, tornar-se-á possível.

Nós levamos nossa querela ao tribunal dos socialistas do mundo inteiro.

Eles sabem que o fogo aceso no oriente da Europa promete a luz e o calor a toda a humanidade laboriosa. Sabem que a primeira República dos trabalhadores é sua própria esperança e seu próprio caminho para o futuro. E se eles não podem, por enquanto, secundar os soviets por uma luta ativa, eles devem meditar profundamente acerca do drama de nossa revolução social e, de concerto conosco, traçar a via de seu desenvolvimento futuro.

Pois dizemos e repetimos uma vez mais ao proletariado europeu:
De tua re agitur!

I. Steinberg

DUAS RESOLUÇÕES

(HISTÓRIA DAS DIVERGÊNCIAS ENTRE PARTIDOS
NO SEIO DOS SOVIETES)

Resolução relativa à questão de paz, proposta pela facção dos socialistas-revolucionários de esquerda na Conferência dos Sovietes de 16 de março de 1918

Após ter examinado as condições do ultimato lançado pelo imperialismo alemão à República Socialista Federativa dos Sovietes, e que a delegação de Brest-Litovsk assinou, a IV Conferência dos Sovietes dos deputados camponeses, soldados e operários, opõe-se energicamente à aceitação dessas condições que ela julga funestas para a Revolução russa e a Revolução internacional.

A conferência apela aos trabalhadores de todos os países e em primeiro lugar àqueles da Alemanha, a fim de que eles ergam o estandarte da revolta para salvar a primeira República socialista do mundo do atentado contrarrevolucionário do imperialismo mundial. Contando com o apoio da social-democracia internacional, a conferência convida toda a população laboriosa da Rússia a responder por uma sublevação armada contra os apetites rapaces do imperialismo mundial, cujo objetivo é estrangular a Revolução russa e todas as conquistas sociais da população rural e do proletariado. A conferência crê firmemente que a Rússia revolucionária encontrará em si mesma bastante força e recursos para organizar a resistência e assegurar aos camponeses a partilha das terras, ao proletariado o direito do produto integral de seu trabalho, e a todo o povo, a República dos

Soviets, até a hora em que os povos sublevados do Ocidente vierem em seu socorro.

Viva a Revolução russa socialista! Viva a Revolução internacional!

Declaração da facção do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda relativa à ratificação de paz pela IV Conferência dos Soviets (16 de março de 1918)

Considerando que a ratificação do tratado de paz com a Alemanha está em flagrante oposição com o programa internacional da Rússia da revolução social nascente, e constitui aos olhos da Internacional de todos os países uma capitulação, o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, em conformidade com sua atitude anterior, proclama ante toda a Rússia dos trabalhadores que o Partido declara-se liberado de toda obrigação concernente à execução das condições do tratado; vê-se, inclusive, na necessidade de empregar toda a sua energia com vistas à organização das massas dos trabalhadores para a luta contra a ofensiva do imperialismo mundial.

Diante da situação criada pela ratificação do tratado, o Partido vê-se forçado a retirar do Conselho dos Comissários do povo todos os seus representantes. Todavia, o Partido considera seu dever assegurar ao Conselho dos Comissários do povo seu apoio e sua cooperação pelo tempo que o dito soviete mantiver o programa da Revolução de Outubro.

O TERRORISMO COMO MEIO DE AÇÃO REVOLUCIONÁRIA

O assassinato do conde de Mirbach provocou nas fileiras da democracia socialista e revolucionária uma discussão sobre o terrorismo, sua oportunidade, sua necessidade e sua legitimidade, como meio de luta revolucionária. É, desde a guerra, a segunda vez que um disparo provoca tal debate. Há dois anos, o ato heróico de Fritz Adler trouxe essa questão à ordem do dia das deliberações socialistas. Após os acontecimentos de Moscou, a revisão do programa dos partidos socialistas de todos os países, no que concerne à questão do terrorismo, tornou-se inevitável. Essa questão estava há muito tempo resolvida pelo Partido dos Socialistas-Revolucionários e em particular pela facção de esquerda, que se destacara dele. Nos congressos socialistas internacionais, nossos representantes foram talvez os únicos a defender esse método próprio de agir sobre as massas; mas a assembleia compunha-se em grande parte de representantes da indecisão burguesa no seio do socialismo. O socialismo militante do Ocidente ainda não recebeu o batismo de fogo, e essa propaganda violenta é estranha à mentalidade e às teorias dos chefes socialistas da maioria dos países da Europa. Estes eram da opinião segundo a qual era utópico e pouco conforme às doutrinas científicas fundar esperanças demasiado grandes no exemplo individual, e que o papel do chefe era exagerado na concepção que é aquela do partido da ação revolucionária.

Agora, dizem, o momento é dos conflitos de massas; a direção externa imprimida às massas por um chefe, um indivíduo, tornou-se coisa secundária e cede-o em importância aos poderosos fatores internos do movimento das massas.

Nós nunca compreendemos que se possa opor o ato individual ao movimento coletivo das massas. Eles não se completam? Não são os elos de uma mesma corrente na evolução da ação revolucionária?

Todas as estratégias do mundo serviram-se e servem-se ainda do terrorismo como de um procedimento de guerra e fazem dele um método de ação direta. Os antigos romanos, que foram os primeiros soldados do mundo, recorriam à tática terrorista em suas expedições.

As tropas armadas dos pés à cabeça eram precedidas de arqueiros tendo apenas seus arcos e suas flechas. As legiões chegavam diante do campo inimigo, instalavam suas tendas, escavavam trincheiras e aguardavam.

Os arqueiros levemente armados lançavam-se com o ardor feroz de um tigre, lançando gritos de desvairados, semeando, assim, nas fileiras inimigas, o terror e a consternação. E quando o inimigo, aterrorizado, aturdido pelo ataque fulminante, buscando em vão garantir-se contra a invisível ameaça de morte, queria fugir, as legiões lançavam-se sobre ele e concluíam a obra da vanguarda. Entretanto, desgraça aos leves arqueiros se os guerreiros armados dos pés à cabeça não os seguissem de perto, em fileiras cerradas. Desgraça a eles se seu ímpeto magnífico e seus gritos de chamamento permanecessem sem resposta entre os seus. Então, sua morte era inevitável. O inimigo, recomposto de sua surpresa, abatia-se sobre os intrépidos assaltantes. Mas esta perspectiva existia para detê-los? Lançariam ao solo, por isso, seus arcos e suas flechas? Sufocariam seu ardor belicoso? Não! A dúvida não detinha a mão do combatente; seu grito ressoava com mais estrépito; ele mirava com mais segurança, pois sabia que sua bravura era a garantia da vitória.

É possível opor a ação desses combatentes isolados àquelas das massas coligadas? Não, ao contrário! Os combatentes de vanguarda, semeando o terror e o desespero nas fileiras inimigas, reforçam o exército da liberdade que os segue. Assim, ele poderá avançar no campo em debandada e aniquilar seu inimigo. Da mesma maneira, as primeiras operações de guerra dos terroristas são apenas a preparação da luta futura. E elas não têm um sentido e um alcance senão quando servem de sinal de combate. Se não agem sobre a massa e não

provocam nela uma ação imediata, elas são insensatas e sem valor. Os combatentes estão, então, infalivelmente destinados à perda, se seu apelo marcial ressoa no vazio, se não penetra no coração da massa.

Mas essa ideia poderia detê-los? Não, pois é evidente que seu esforço tende antes de tudo a dar mais amplitude, mais vigor ao sinal do agrupamento.

Essa teoria da ação direta foi brilhantemente justificada pelos acontecimentos de Moscou. Para o socialista, para o revolucionário ainda mais do que para qualquer outro homem, a efusão do sangue humano é sempre dolorosa e cruel, pois é para o homem, para sua liberação que ele luta. Mas o sangue não poderia deter o revolucionário, se ele barra-lhe o caminho conduzindo à era radiosa do novo homem na humanidade regenerada.

Todo sangue vertido sem objetivo, sem utilidade, é, aos olhos do revolucionário, uma infelicidade e uma crueldade. Assim, ele é extremamente prudente na escolha dos meios de luta e tem um respeito muito grande pela vida humana. Quando se decide a verter sangue, é porque está disposto a enfrentar barreiras que não pode transpor exceto caminhando sobre cadáveres. A Rússia chegou ao pé desse muro...

Reduzida à mesma categoria dos acontecimentos mundiais, toda a nossa Revolução não passa de um ato de terrorismo. A Rússia representa o combatente de vanguarda do grande exército do trabalho. E desgraça à Rússia se o novo exército da liberdade não a segue. Só a fé nessa sublevação universal pode guiar a alma de seus combatentes! Eles sabem que o exército mundial da Internacional caminha sobre seus passos; que o grande incêndio mundial vai acender-se; que esse grito dos primeiros arqueiros da liberdade e da felicidade dos povos não permanecerá sem resposta; que o exército do proletariado sublevado e liberado acorrerá para seguir a flecha poderosa que, por primeiro, atingiu mortalmente o corpo senil do velho mundo agonizante. Mas é preciso que o golpe seja rude e o ímpeto magnífico; que o grito de guerra reacenda o fogo da batalha nos corações indiferentes; que a chama de uma nova vida queime o cadáver de um passado que viveu. É preciso que, em todos os campos do patrimônio da humanidade, as

forças alcancem uma amplitude, uma magnificência extremas. Todas as conquistas da Revolução russa são um apelo à bandeira vermelha, sob a qual virá reunir-se o grande exército mundial da nova força. E todo fator que enfraquecesse o vigor do ímpeto revolucionário só faria retardar o triunfo da Revolução mundial.

Consideramos, portanto, que a paz de Brest-Litovsk é um ato anti-revolucionário e funesto à Revolução mundial. Ela embotou as pontas aceradas de nossas flechas; sufocou nossos gritos de apelo, verteu no néctar que inebriava os povos com a sede ardente da liberdade o veneno da fraqueza, da humildade e da passividade ante a força do punho.

A assinatura desse testemunho de debilidade da Revolução acuou a Rússia em um sombrio impasse. Para que ela possa sair disso e recobrar suas forças, é necessário que a ajudemos a romper suas peias, reconquistar a liberdade e o direito de combater e pedir socorro.

A fim de alcançar esse objetivo, o único que possa resolver o grave problema da salvação da Revolução russa, salvando-a da boca da hidra imperialista, nosso Partido resolveu recorrer na luta aos procedimentos terroristas.

O assassinato de Mirbach seria inútil, até mesmo insensato, se ele não fosse a gota que faz transbordar o cálice, se não tivesse provocado a sublevação dos trabalhadores em nome da salvação da Revolução.

Quanto a essa sublevação, ela é a confirmação de nossos princípios terroristas. O abscesso está maduro e só espera pela lancetada de um hábil cirurgião.

O espírito das massas e sua vontade de agir também chegaram à maturidade e alcançaram seu maior ímpeto. Mas faltava uma impulsão capaz de fazer descer o exército na arena; faltava uma incitação direta.

Matando Mirbach, o partido não só matou o hábil e astuto diplomata que encerrava a Rússia revolucionária no estreito círculo de suas intrigas, mas ele também abateu um símbolo da opressão. Assim como Fritz Adler, quando abateu o conde Stürgkh, não visava o indivíduo medíocre e sem importância, mas suprimia nele a personificação da opressão, da guerra e do sangue.

A sublevação empreendida em nome da Revolução não foi coroada por um fácil e rápido sucesso. O ímpeto do povo foi afogado no oceano de sangue de nossos camaradas que o governo revolucionário fuzilou. Os objetivos perseguidos por nosso Partido ainda não foram alcançados. Entretanto, a obra começada em Moscou não será perdida. Uma luta encarniçada, tenaz, prepara-se para a salvação da Revolução, para a vitória dos princípios proclamados em outubro de 1917.

Não se pode deter a massa insurgida. Não se poderia apagar o incêndio atizado pela tempestade do furor popular. Nada apagará os vestígios do sangue de nossos camaradas mártires. O sacrificio deles deve ser justificado. Foi pela salvação da Revolução que seu sangue foi vertido nas trágicas jornadas de julho. Esse sangue é a garantia do Renascimento russo.

A. Schreider

NOSSOS ALIADOS NO CAMPO DE NOSSOS ADVERSÁRIOS

Crê-se, nos meios socialistas da Europa, que a controvérsia relativa à paz de Brest-Litovsk e à capitulação da República dos Sovietes só ocorre entre os bolcheviques, de um lado, e os socialistas-revolucionários de esquerda, do outro. Para a Europa, seja inimiga, seja amiga, o partido dos bolcheviques é um partido unido e unânime, cujos aderentes, todos sem exceção, aceitam o tratado de Brest-Litovsk e aprovam o curso da política governamental posterior a esse tratado. Os chefes do Partido Bolchevique creem confirmar, desse modo, na opinião da Europa, a crença na força e na solidez do regime soviético; mas não percebem que, por esses meios, eles apenas continuam a tática habitual dos governos burgueses, que simulam, para os olhos do estrangeiro, desfrutar da “união sagrada” entre eles.

Por outro lado, muitos socialistas da Europa, devotados sinceramente à causa da república soviética na Rússia, mas que, em muitos pontos, não podem aprovar sua política, nem sobretudo o curso seguido por esta desde a capitulação de Brest-Litovsk, hesitam em exprimir abertamente sua opinião.

Partem da consideração de que a situação internacional dos soviets é ainda tão instável que toda crítica pode prejudicar-lhes, ou, então, da consideração de que os socialistas da Europa, que não souberam até o presente apoiar efetivamente os soviets, não têm o direito de criticar seus métodos de ação. Qualquer que seja o valor moral destas últimas considerações, nós não pensamos, contudo, que se possa justificá-las *politicamente*. Isso porque o silêncio da crítica na Rússia e da crítica dos

socialistas da Europa concorrem para dar à revolução e a seu desenvolvimento um aspecto completamente diferente da realidade.

Em vez de uma obra social de criação coletiva e crítica, vê-se aparecer uma ação *oficial*, seca e unilateral ainda que seja aquela de um governo socialista.

Pensamos, no entanto, que nem o dever, nem a consciência, ordenam aos nossos camaradas da Europa que permaneçam, ante a República dos soviets, na atitude do respeito e do silêncio.

Ao contrário, o conhecimento exato de todas as tristezas e de todas as alegrias dessa república, seu exame público no fórum socialista da Europa, eis o primeiro dever e o primeiro *direito* de nossos camaradas europeus.

No interior do Partido Bolchevique, a unidade de opinião não existe no que concerne às questões que ardem de atualidade.

Às vésperas da conclusão da paz de Brest-Litovsk, a maioria dos membros do Comitê Central desse partido ainda se ligava à corrente revolucionária coerente. Foi só após a nova invasão alemã, iniciada ao final de fevereiro, que a tendência de Lênin, sustentando a necessidade de concluir a paz, impôs-se.

Em consequência da vitória dessa corrente, Trótski abandonou seu posto de Comissário para os assuntos estrangeiros. Os membros do partido que pertenciam à minoria saíram do Comitê Central.

Aqueles dentre os bolcheviques que haviam permanecido em minoria intitularam-se “bolcheviques de esquerda” e continuaram a lutar contra a tendência de Lênin. À sua frente, encontram-se Bukharin, Radek, Kollontai.

No IV Congresso dos Soviets, que deliberou sobre a ratificação da paz de Brest-Litovsk, seus delegados (em número de setenta) não defenderam abertamente seu ponto de vista, mas apenas *se abstiveram* do voto, após ter feito uma declaração motivada.

Assim o desejava sua disciplina de partido, cuja desastrosa influência apareceu aqui pela primeira vez. Desde esse momento, a luta contra a paz de Brest-Litovsk e contra suas consequências – entendo

a luta conduzida do ponto de vista da República soviética e do socialismo revolucionário – tornou-se o interesse exclusivo do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda.

Quanto aos bolcheviques de esquerda, eles limitaram-se a expor e explicar seu ponto de vista no seio de seu partido. Fundaram o jornal *O Comunista*, que reuniu em torno dele a maioria esmagadora das sumidades científicas nomeadas mais acima, e, além deles, Pokrovski, Lomov, Obolenski, Bronski, Preobrajenski. Sua crítica teórica, cada vez mais ampla, ultrapassou o âmbito da política exterior, pois a paz de Brest-Litovsk abriu uma era de compromissos entre o poder soviético e a burguesia estrangeira e nacional.

Citaremos aqui uma parte das teses do número 1 de *O Comunista*, para caracterizar um ponto de vista que, ainda que bolchevique, difere daquele que está momentaneamente ligado ao nome de Lênin.

1. No início de março (isto é, no IV Congresso dos Sovietes), a revolução proletária-camponesa encontrou-se diante do seguinte dilema: aceitar o combate ou então evitá-lo, isto é, assinar a paz de Brest-Litovsk. A maioria decisiva das organizações de operários, soldados, e camponeses escolheu a última via.

Essa maioria era composta de representantes da massa dos soldados fatigados e desclassificados, de representantes de uma parte dos operários da zona industrial setentrional da Rússia. Nesta última região, onde já não se recebia mais do sul da Rússia as matérias-primas, o carvão e o trigo, o caos econômico geral havia conduzido à penúria e provocado uma decadência muito sensível da indústria, o desemprego, a interrupção do trabalho regular e produtivo, e, por consequência, uma tendência à desclassificação do proletariado, isto é, ao enfraquecimento de sua unidade e de sua consciência de classe, e, em todo caso, à diminuição de sua combatividade. Havia, enfim, entre aqueles que não quiseram aceitar o combate dos representantes de camponeses famintos – por causa da guerra, da má colheita, das dificuldades de abastecimento e da desordem reinante na indústria das cidades –, camponeses da região industrial do norte e do centro. Os operários e os camponeses das regiões do sul, do sudeste e do Ural, economicamente

mais fortes e mais bem providos de trigo, estavam em sua maioria dispostos a aceitar a luta. Mas sua opinião não se impôs.

Para conservar o norte industrial, que era outrora o centro da revolução, a paz foi concluída, mas ao preço da separação do norte industrial com o sul industrial mais rico em trigo.

2. Mas em sua apreciação da situação criada pela paz de Brest-Litovsk, os comunistas proletários não podem basear-se unicamente sobre esses fatos; eles não podem colocar-se ao nível da mentalidade dessa parte atrasada, pobre e inerte de um dos destacamentos do proletariado e dos camponeses russos. Na definição de sua tarefa, eles levam em conta os interesses dos operários da Rússia inteira, considerados em seu conjunto, e ligam esses problemas àqueles do movimento revolucionário internacional que segue crescendo.

Não! Conservar a qualquer preço as conquistas dos operários e dos camponeses no território reduzido aos limites atuais da República dos Soviéticos, conservá-lo ao preço do sacrifício de suas conquistas sobre a extensão do resto da Rússia e resignando-se a uma regeneração do regime soviético atual pela pequena burguesia, tal não poderia ser seu objetivo. Ele consiste, ao contrário, no desenvolvimento e na consolidação de toda a Rússia, como destacamento da revolução internacional operária, contra o imperialismo internacional; tal é a direção fundamental de sua conduta política.

5. A conclusão da paz exerce uma influência negativa sobre o desenvolvimento moral e ideológico da revolução internacional. A influência da revolução russa sobre o mundo operário internacional enfraqueceu-se em consequência de sua capitulação ante o imperialismo internacional (cessação da propaganda revolucionária no *front*, abandono da política consistente de desmascaramento do imperialismo internacional, perspectiva de uma política interna “moderada” na Rússia).

As tentativas de manobras diplomáticas feitas pelo poder soviético também não podem entusiasmar o proletariado internacional porquanto elas demonstram não a força, mas sua fraqueza.

6. Os planos dos imperialistas alemães, durante a conclusão da paz, podem resumir-se ao que se segue: por um lado, parecia van-

tajoso adiar a ocupação militar do norte da Rússia, a derrubada do poder dos soviets e o controle sobre a vida econômica do norte da Rússia; por outro lado, era importante submeter à influência do imperialismo alemão e explorar para as necessidades do capital alemão o sul industrial e fértil em trigo; em terceiro lugar, isolando o norte do sul e determinando, por isso, a decomposição econômica natural do norte, exercendo um controle sobre as fontes das matérias-primas e o trigo que abastecia o norte, utilizando os pontos estratégicos ocupados no norte e as novas anexações parciais com vistas a uma pressão armada, o imperialismo alemão contava tomar efetivamente o norte nos tentáculos do capital financeiro alemão, destruir as conquistas sociais da revolução operária, e, por meio disso, extirpar radicalmente o poder soviético.

10. Duas vias abrem-se diante do partido do proletariado. Uma delas, é a defesa e a consolidação da parte ainda intacta do Estado soviético. Essa via pode ser justificada (em palavras) pela intenção de conservar custe o que custar, para a revolução internacional, as forças revolucionárias e o poder soviético, fosse apenas na Grande Rússia.

11. O programa econômico e político eventual, que é previsto em caso de observação lógica dessa tendência, é o seguinte:

No campo da política externa, a tática do desmascaramento do imperialismo dá lugar às manobras diplomáticas do Estado russo entre as potências imperialistas.

A política econômica correspondente a esse “curso” deve desenvolver-se na direção do compromisso, do acordo com os fazedores de negócios, tanto “nacionais” como internacionais, escondidos atrás dos primeiros.

A desnacionalização dos bancos, ao menos sob uma forma disfarçada, é logicamente inseparável de semelhantes compromissos.

12. A política acima descrita é eminentemente perigosa para a causa do proletariado russo e internacional. Ela consolidará a separação da república soviética “grã-russa” com o mundo revolucionário pan-russo e internacional, separação começada pela paz de Brest-Lito-

vsk. Essa atitude fechará a república soviética no âmbito de um Estado nacional de regime econômico transitório e sob o regime político da pequena burguesia.

No campo da política externa, tendo em vista a inevitável fraqueza da diplomacia soviética e a fraqueza da influência soviética no campo de luta imperialista internacional, essa política unirá a república soviética ao imperialismo, separando-a do proletariado revolucionário de todos os países. Enfraquecerá ainda mais a importância do poder soviético e da revolução russa.

No interior do país, ela reforçará a influência econômica e política da burguesia russa e internacional, e por consequência a contrarrevolução.

13. Os comunistas proletários pensam que é preciso escolher uma outra política. O que é preciso é não conservar o oásis soviético no norte da Rússia por meio de concessões que a transformam em um Estado de regime pequeno-burguês.

Não é também a passagem ao... “trabalho orgânico”.

A revolução operária russa não pode, “para conservar-se”, afastar-se da via revolucionária internacional, evitando continuamente o combate, batendo em retirada ante a ofensiva do capital internacional, fazendo concessões ao “capital nacional”.

Desse ponto de vista, é preciso: uma política de classe resolutamente internacional, associando a propaganda revolucionária internacional pela palavra e pela ação, à consolidação dos laços orgânicos com o socialismo internacional (mas não com a burguesia internacional); a resoluta resistência a toda ingerência dos imperialistas nos assuntos internos da república soviética; a recusa para concluir acordos políticos e militares que fazem da república soviética o instrumento dos campos imperialistas.

* * *

O leitor vê que essas teses aproximam-se sensivelmente da atitude adotada unanimemente pelo Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda.

Mas essas teses foram adotadas imediatamente após a conclusão da paz de Brest-Litovsk e tinham, então, o caráter de hipóteses teóricas. Talvez o poder soviético, dirigido por Lênin, tenha conseguido evitar a realização dessas previsões hipotéticas?

A resolução dos bolcheviques de esquerda concernente ao momento atual, adotada após o golpe de Estado na Ucrânia, publicada no nº 3 de *O Comunista*, dá-nos a resposta a essa questão. Citemos os trechos mais importantes.

1. O imperialismo alemão passa ao ataque direto contra a revolução operária e camponesa se a situação exterior da república soviética tornar-se, de repente, perigosa.

2. Nessas condições, o poder soviético não tem nem a possibilidade nem o direito de engajar-se na via das concessões ao imperialismo alemão, dos compromissos com ele, pois toda possibilidade de “manobrar” está excluída, e duas perspectivas encontram-se diante do poder soviético: morrer, como a Rada, decompondo-se e desorganizando a revolução operária e camponesa, ou então aceitar abertamente o combate com os anexacionistas alemães.

O poder soviético é obrigado, após exame do ultimato do imperialismo alemão, a rejeitar os artigos anulando as conquistas da revolução de outubro e declarar aos operários e camponeses que o imperialismo alemão, após ter restaurado na Ucrânia o poder dos proprietários fundiários e da burguesia, marcha de acordo com eles, e pelo mesmo objetivo, contra o norte da Rússia; o poder soviético deve incitar à guerra civil contra os anexacionistas e à defesa da guerra camponesa, das fábricas operárias e do poder soviético.

* * *

Assim falam os bolcheviques de esquerda. E aqui devemos passar ao calcanhar de Aquiles da tática dessa facção revolucionária do partido dos bolcheviques. Ela é acometida da enfermidade da inércia e da falta de vontade. Ela tanto se distingue da tendência de Lênin pela profundidade e pela franqueza da análise, quanto dela difere pela falta de energia, resolução e força de pressão.

Os bolcheviques de esquerda justificam sua falta de vontade e sua incapacidade para dar uma forma e uma expressão à tendência revolucionária crescente no proletariado bolchevique pelas exigências “da disciplina de partido”.

Em consideração por essa disciplina, eles abstêm-se de fazer declarações nos congressos pan-russos dos soviets, nas deliberações responsáveis dos homens de Estado da República, entre os camaradas da Europa. Preferem desempenhar o papel de alguma “oposição de Sua Majestade” proletária, que não vai além das indignações respeitadas e das pequenas correções.

Diante de divergências tão profundas quanto essas que constatamos, a tática escolhida pelos bolcheviques de esquerda é criminoso, porque, apagando e dissimulando essas divergências, favorecem essa mesma política que, segundo sua própria opinião, decompõe e desorganiza a revolução operária e camponesa.

Em nome da “unidade” do partido, os bolcheviques de esquerda sacrificam a razão de ser do partido, a própria existência da revolução.

Nós, socialistas-revolucionários de esquerda, temos ainda mais o direito de convidar os bolcheviques de esquerda para dar uma prova revolucionária, porque, em nossa época, tivemos de sustentar a mesma luta contra os elementos oportunistas do Partido Socialista-Revolucionário.

Nós também, na época de Kerenski e Tchernov, durante muito tempo, buscamos corrigir a conduta de nosso Partido, naquele momento sem caráter e cheia de compaixão.

Buscamos igualmente obter a maioria no interior do próprio partido. Mas as necessidades da revolução e da luta de classes forçaram-nos a renunciar a essa tarefa utópica, quando compreendemos que nas fileiras do partido “unido” estavam lado a lado elementos diferindo pelos princípios.

Separando-nos de nossos antigos chefes e mestres, perdendo os poderosos recursos do partido (pois éramos muito pouco numerosos no início), decidimos, contudo, abandonar o velho partido e dar vida ao Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda.

Nós não nos equivocamos, porque ele logo se tornou o centro

natural de atração das forças revolucionárias dos camponeses trabalhadores e de uma parte do proletariado. A mesma perspectiva abre-se diante dos bolcheviques.

Não se pode enganar a história. As tentativas de dissimular as divergências de princípios no interior de um partido “unido” são vãs. Mas podemos lançar na história a pedra do urso¹. Uma tática sem direção firme prestar-lhe-ia esse serviço agora, se, após discursos sobre a política desastrosa do poder soviético, os bolcheviques de esquerda não extraíssem as conclusões políticas. Quem sabe se os trágicos acontecimentos de 6 e 7 de julho não se devem em assaz grande medida à inação política dessa parte dos bolcheviques.

O tolstoísmo não entra (ao menos que nós saibamos) no programa dos bolcheviques de esquerda. Essa “não resistência ao mal”, em uma hora fatal para a revolução, é ainda menos admissível.

J. S.

¹ Esta expressão alude a uma fábula segundo a qual um urso, para ajudar a expulsar uma mosca que se encontrava pousada sobre a cabeça de um homem amigo seu, lançou-lhe uma grande pedra, esmagando a cabeça do homem. Assim, ela expressa uma atitude irrefletida e pernicioso. (N. do T.)

OS CAMPONESES E A REVOLUÇÃO

É uma questão controversa há muito tempo entre social-democratas e socialistas-revolucionários saber se a revolução pode encontrar na classe camponesa uma aliada fiel e se essa classe pode tornar-se a base de uma revolução social.

As teses divergentes com que a oposição engendrou essa discussão encarnaram-se, por assim dizer, na política dos dois principais partidos da revolução social, o dos bolcheviques e o dos socialistas-revolucionários de esquerda.

Os social-democratas bolcheviques dividem a população camponesa em dois grupos cujos interesses são, segundo eles, completamente opostos. O primeiro grupo compreende os camponeses pobres, isto é, os operários agrícolas que não possuem qualquer terra.

O segundo grupo compõe-se de todo o restante da população rural sem distinção. E os social-democratas bolcheviques reúnem no segundo grupo os vários milhões de camponeses-trabalhadores que só vivem de seu próprio trabalho e que os social-democratas bolcheviques chamam, no entanto, de “burguesia rural”.

Os socialistas-revolucionários de esquerda dividem igualmente o campo em duas classes, mas com a diferença de que a linha de demarcação traçada por eles não coincide com aquela estabelecida pelos bolcheviques.

Todos os proprietários fundiários grandes e pequenos, especuladores e usurários, chefes de família dispendo sozinhos da propriedade familiar, ricos exploradores, reunimos num grupo distinto que vemos como uma excrescência malsã. Todo o resto, nós o reunimos sob

a denominação geral de “camponeses-trabalhadores”. Nesse grupo, que conta aproximadamente 90% da população camponesa, incluímos igualmente os pobres que não possuem nem casa nem terra.

Vemos, no entanto, que este último elemento do grupo dos camponeses-trabalhadores, é cada vez menos numeroso e deve em breve desaparecer completamente, pois, segundo a lei sobre a socialização das terras, todo trabalhador terá direito à parte de terra que ele próprio será capaz de cultivar, sem recorrer ao trabalho dos assalariados.

Por sinal, atualmente, o termo de “camponês sem terra” já não é senão um anacronismo nas localidades onde a partilha das terras já se fez. A teoria dos social-democratas concernente ao papel dos camponeses é universalmente conhecida; ela foi desenvolvida até às suas últimas consequências lógicas e muito claramente ressaltada na tática dos social-democratas russos.

Para um social-democrata russo, todo camponês que não é um assalariado, mas que cultiva seu pedaço de terra, é um burguês.

Em 1905, numa de suas brochuras sobre a questão camponesa, Lênin escrevia: “É uma pequena burguesia, se preferirem, mas ainda assim uma burguesia”. Dizia que essa burguesia poderia ser utilizada pela revolução como um companheiro temporário e pouco seguro, mas que era preciso guardar sempre uma certa desconfiança em relação a essa classe, porquanto seus interesses são virtualmente anti-revolucionários. A atração pela propriedade fundiária, dizia, paralisa todo ímpeto revolucionário da classe camponesa.

O operário da cidade tem no campo um único aliado, o operário agrícola desprovido de terra e *independente* da terra, o proletário rural capaz de compreender e aceitar facilmente as doutrinas socialistas.

Ainda bem recentemente, nossos social-democratas bolcheviques afirmavam que o campo devia passar pela fase de proletarização, que a diferenciação entre proletários rurais e exploradores rurais devia realizar-se antes, e que só então o exército socialista receberia esse reforço de vários milhões de camponeses sem terra. Os social-democratas afirmavam que na questão agrária, bem como na vida industrial, a evolução para o socialismo só podia efetuar-se pela pro-

letarização das massas e pela concentração da propriedade nas mãos de alguns exploradores rurais pouco numerosos. Só nesse momento o campo tornar-se-ia uma arena de luta entre o trabalho e o capital; é nesse momento que a propaganda socialista seria ali necessária, útil e compreensível.

Durante a revolução atual, os social-democratas bolcheviques renunciaram, a contragosto, é verdade, às suas teorias e aceitaram nosso programa agrário. E assim reconheceram que a classe camponesa não é apenas um companheiro temporário e pouco seguro, mas um fiel aliado do proletariado e um irmão de armas tendo os mesmos direitos.

Mas o verdadeiro rosto do social-democrata bolchevique aparece cada vez mais amiúde sob a máscara que ele adotou pelas necessidades da causa. De nada adianta os bolcheviques abjurarem seus erros de outrora, a ação do velho princípio faz-se sentir apesar de tudo em seus atos e em seus projetos.

Há bem pouco tempo, sustentamos uma luta encarniçada contra os bolcheviques em relação à questão agrária. A discussão referia-se a uma questão primordial e essencial para a Rússia: o pão.

Em qualquer revolução, o senhor é sempre aquele que pode fornecer pão; e o inimigo mais terrível, aquele que pode derrotar a revolução, é a fome.

O trigo é, para o camponês, o único meio de satisfazer suas necessidades. É o trigo que lhe permite obter alimentos, moradia, calçados e roupas. Em troca de seu trigo, ele recebe todos os outros objetos e artigos de consumo corrente de que necessita.

Atualmente, a produtividade das fábricas na Rússia baixou de modo incrível por causa da desorganização dos transportes e também por causa da impossibilidade de desmobilizar a indústria tão rapidamente quanto se desmobilizou o exército; uma outra causa reside na falta de matérias-primas. Além disso, há poucas máquinas e ferramentas, seus preços são extremamente elevados e, até o presente, não foram fixados pelo Estado.

O preço do trigo é fixado de uma maneira muito estrita. Ele é bem fácil de ser determinado. O trigo é necessário a todos. Tomam do

camponês a única mercadoria que tem para ele um valor de troca, e, em retorno, dão-lhe pacotes de papel-moeda cujo valor é muito relativo. Os camponeses permanecem desprovidos de máquinas, ferramentas e trigo; deixam-lhe por consolo apenas um pacote de papéis multicoloridos que eles depositam em um banco; o que faz com creiam que se enriquecem. Na realidade, empobrecem-se.

Suas máquinas não são reparadas e tornam-se completamente inutilizáveis. Comem o gado, e ocorre até mesmo que o camponês seja obrigado a comer o trigo reservado à semeadura do ano seguinte. É muito natural que a classe camponesa deseje que se regule, ao mesmo tempo que o preço do trigo, aquele de todos os objetos necessários ao consumo do campo, sobretudo os preços dos tecidos e dos objetos em metal.

Nosso Partido exige a monopolização imediata de todos os principais ramos da produção e o estabelecimento de um sistema de preços fixos estendendo-se a todo o Estado e aplicável a todos os objetos de consumo geral, tanto para o campo quanto para a cidade.

Mas não é algo fácil proceder a essa taxaço. É ainda mais difícil fornecer a quantidade necessária de objetos de primeira necessidade; é, em contrapartida, extremamente fácil confiscar o trigo; ele não escapa do olhar; pode-se inventariá-lo e taxá-lo sem dificuldade.

Os bolcheviques escolheram a linha de mínima resistência: eles chegaram a ponto de formar destacamentos de operários para ir em armas ao campo e tomar o trigo dos camponeses. Por esses procedimentos, os bolcheviques provocaram uma luta intestina no exército revolucionário do trabalho. Os operários marcharam contra os camponeses, e isso sob a ordem do governo revolucionário!

Não negamos a necessidade absoluta de encontrar trigo, mas cremos que há uma outra via a seguir para alcançar esse objetivo. Estimamos que para isso é preciso organizar a repartição e descentralizar a organização do abastecimento do país. Só os sovietes locais podem ser competentes para requisitar o trigo em caso de necessidade. Os destacamentos vindos de longe, enviados da capital, e que nem mesmo conhecem as condições locais, não podem aportar

senão desordem e decomposição no campo. No decreto elaborado pelos bolcheviques concernente aos “destacamentos armados encarregados do abastecimento”, os bolcheviques pecaram duplamente. A seu pecado antigo e costumeiro, isto é, sua desconfiança em relação à classe camponesa, eles acrescentaram um novo, sua falta de confiança na vitória final da revolução.

Se realmente a revolução fosse destinada a fracassar, só então a política de dispersão e atomização teria tido um alcance. Uma agitação análoga ao movimento de 1905 teria deixado profundas marcas no povo e teria dado frutos, se não imediatamente, ao menos em breve período. Mas a revolução está só na véspera de suas maiores vitórias! Nessas condições, é muito perigoso e inclusive criminoso querer criar, na própria revolução, uma desordem e um antagonismo entre as massas revolucionárias.

Nós reclamamos a atribuição do abastecimento aos soviets locais e a unificação da ação desses soviets em uma instituição central composta por soviets.

E é nessas condições que os bolcheviques, malgrado os mais vivos protestos de nosso Partido e da seção camponesa do Comitê Executivo Central, votaram, graças à maioria que eles possuem no Comitê Executivo Central, essa funesta lei instituindo os “comitês dos camponeses pobres”.

Nessa lei, vimos reaparecer as antigas teorias dos bolcheviques relativas à classe camponesa. Seus famosos “pobres” do campo foram tirados do esquecimento nessa ocasião. Todos os poderes necessários para a aplicação das decisões dos comissários do povo e da Comissão de Abastecimento foram retirados dos soviets locais e transferidos inteiramente aos comitês especiais, compostos exclusivamente de operários agrícolas desprovidos de terra e trigo.

Esses comitês atacavam a força e a importância dos soviets locais dos camponeses; eles foram, segundo parece, criados com o objetivo de lutar contra os soviets compostos pela generalidade dos camponeses. Mas era só um prelúdio à completa supressão dos soviets camponeses.

A lei diz que, além dos assuntos concernentes ao abastecimento, esses comitês podem ainda se ocupar de *outros* assuntos. Quais são esses *outros* assuntos? Trata-se de assuntos políticos? De assuntos econômicos? E o que acontece, então, com a competência e a atividade dos soviets?

Parece que o Conselho dos Comissários do Povo teria podido contentar-se com a filtragem da classe camponesa de uma maneira que parecesse suficiente; mas ele foi ainda mais longe. Nem mesmo teve plena confiança em seus próprios comitês e colocou-os sob o controle absoluto do “Comissariado do Abastecimento”; com essa atitude, ele atentou contra a autonomia dos soviets locais. Em vez de uma federação de unidades autônomas, obtiveram instrumentos desprovidos de vontade e agindo em conformidade às ordens de uma organização central e inteiramente subordinados a esta.

Nada pudemos fazer além de protestar contra essas inovações introduzidas na constituição dos soviets. Apelamos aos camponeses; nós os convidamos a opor-se com todas as suas forças à criação dos destacamentos de abastecimento e dos comitês de camponeses pobres. Toda a classe camponesa encontrou-se inteiramente de acordo conosco nessa questão, e isso se compreende facilmente, porque essa monstruosa paródia de ditadura do “proletariado rural” ressaltou o caráter artificial das distinções estéreis estabelecidas pelos bolcheviques entre os habitantes do campo.

Para definir a essência e o caráter das diferentes classes da sociedade, devemos, antes de tudo, encontrar os indícios característicos pelos quais elas distinguem-se das outras classes.

Estabelecemos para o campo duas categorias claramente caracterizadas: na primeira, compreendemos todos aqueles que vivem de seu trabalho pessoal e não recorrem a qualquer trabalho assalariado para cultivar seus campos. Toda essa categoria, são os camponeses-trabalhadores. Na segunda categoria, compreendemos todos os exploradores e especuladores vivendo às custas dos trabalhadores e explorando suas terras por meio da força de trabalho do próximo.

Essa distinção é clara e precisa. Vejamos, agora, como os bolcheviques definem os “camponeses pobres” que eles consideram como a

única classe rural chamada a compreender o socialismo. Onde estão os aspectos distintivos permitindo fazer a diferença entre um camponês que vive unicamente de seu trabalho e um “camponês absolutamente pobre”, um representante da classe dos “camponeses pobres”?

Toda definição da “riqueza” ou da “pobreza” de um camponês é sempre muito relativa. Os mesmos indícios podem ser, segundo os tempos e os lugares, ora os signos da riqueza, ora aqueles da pobreza. Se, por exemplo, adota-se como critério da pobreza, a quantidade de gado em posse de um camponês, e que se colocasse entre os pobres alguém que só tivesse um cavalo ou nenhum, isso seria correto só para a Rússia do norte, porque no sul da Rússia, um camponês pode ser rico sem ter cavalo, tendo em vista que ali os campos são amiúde lavrados por meio de bois.

Do mesmo modo, todos os outros signos exteriores são relativos. A superfície das terras cultivadas em trigo nos lugares onde se pratica a cultura intensiva não pode ser comparada com aquela das regiões onde a cultura é extensiva; de sorte que não se pode fixar qualquer medida suscetível de ser validamente considerada como indício da riqueza ou da pobreza. Além do mais, as grandes famílias camponesas providas de uma grande extensão de terra são mais pobres do que as famílias menos numerosas que procederam a uma partilha e onde cada lar dispõe de uma extensão mínima.

Se todos esses critérios têm ao menos uma sombra de razão, em contrapartida, o novo indício econômico descoberto pelos bolcheviques não resiste ao exame. Para os bolcheviques, são burgueses rurais aqueles que possuem um “excedente de trigo”. Eis, em verdade, um indício preciso e claro! Isso quer dizer que um camponês só deve possuir a quantidade de trigo estritamente necessária para não morrer de fome, ou, então, entendemos por isso que ele deve ter em sua posse bastante trigo para poder nutrir-se, vestir-se e calçar-se e permutar seu trigo por máquinas agrícolas e ferramentas, tais como pás, charruas, rastrilhos etc., em resumo, tudo o que é necessário para viver e explorar sua terra? Se os bolcheviques creem que o camponês só deve possuir a quantidade de pão estritamente necessária à sua subsistência, eles mal encontrarão 2% ou 3% de camponeses sem família, vagabun-

dos sem lar, que eles poderão classificar nessa categoria dos eleitos do bolchevismo. Eles deverão sacrificar a esses futuros senhores da terra aproximadamente cem milhões de camponeses trabalhadores, que deverão ser completamente arruinados porque, para um camponês, ter trigo só para seu consumo, é a morte!

Se, em contrapartida, os bolcheviques admitem que os camponeses devem possuir uma quantidade de trigo suficiente para a satisfação de todas as suas necessidades, então eles encontrarão em toda a Rússia no máximo algumas dezenas de milhares de famílias camponesas que possam gabar-se de possuir tal quantidade de trigo.

De qualquer modo, as definições dadas pelos bolcheviques são extremamente vagas e não podem criar senão mal-entendidos. Essas infelizes definições provocarão a guerra civil nos campos, arruinarão e desunirão os camponeses russos, e não resultarão em nada de bom.

Por sinal, os bolcheviques deveriam conhecer os curiosos fatos que se produziram na região do Ural. Lá, os camponeses ricos, temendo o confisco do trigo, venderam-no há muito tempo pelos antigos preços e esconderam seu ouro. Por consequência, eles já não têm um único grão de trigo, mas esconderam caixas cheias do ouro que receberam por seu trigo. Eles são, por isso, muito ricos, mas, nas assembleias comunais, são os primeiros a exigir, de acordo com os “pobres” e os ruidosos, o confisco do “excedente” de trigo dos camponeses-trabalhadores. Significa dizer que eles gostariam de confiscar do pequeno camponês o pouco que resta da colheita gerada por seu trabalho pessoal sobre um campo regado com o seu suor.

Eis os monstruosos absurdos aos quais nos conduz esse critério pretensamente ultracientífico do “excedente de trigo”. O caráter artificial das distinções que os bolcheviques querem introduzir entre camponeses salta aos olhos.

Seguramente, o futuro pertence não a esses “camponeses pobres”, frutos de uma invenção fantasista, e que por sinal desaparecem com a aplicação da lei sobre o direito à terra e sobre a socialização da terra. Não, o futuro pertence a essa numerosa classe de camponeses que denominamos camponeses-trabalhadores.

É essa classe que, por suas aspirações à paz, deu a vitória à revolução, e por sua luta pela terra, abriu à revolução sua segunda fase, transformando-a de revolução burguesa em revolução social; mesmo agora, em sua luta pelo trigo levado da Rússia pelo imperialismo belicoso, é essa classe que ajuda a liberar a Rússia das cadeias do capitalismo universal.

Sem os camponeses-trabalhadores, a revolução é impossível; seu apoio é a garantia da vitória final da revolução. Os camponeses-trabalhadores nunca consentirão em sacrificar-se por uma experiência bolchevique. Criando seus famosos comitês de “camponeses pobres”, o que era uma nova bofetada na classe camponesa, os bolcheviques alienaram-se por muito tempo das simpatias dessa muralha da revolução.

Significa que os camponeses-trabalhadores abandonaram a revolução? Absolutamente não. Quer dizer apenas que eles cerraram suas fileiras ainda mais estreitamente sob as bandeiras do partido, que é naturalmente o deles, o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda. Os camponeses-trabalhadores são atualmente o elemento mais revolucionário da Rússia. Toda a Ucrânia camponesa marcha ao combate pelo pão, pela terra e pela liberdade. E todos os camponeses da Rússia vão ao seu socorro.

“Insurreição” é agora para o camponês uma divisa tão familiar quanto aquela, há muito tempo cara ao seu coração, “Terra e Liberdade”.

A. S.

A PENA CAPITAL

Em 10 de março de 1793, Danton reclamava com insistência e com a paixão que lhe era própria, o estabelecimento de um Tribunal revolucionário. “Sejamos terríveis”, dizia diante da Convenção, “a fim de liberar o povo da necessidade de sê-lo, ele próprio”¹.

Em todos os países e durante todas as revoluções, esse espírito de Danton impôs-se por momentos. Acreditou-se que era preciso dar ao terror uma forma regular para impedi-lo de inundar os campos da revolução. Esse ponto de vista triunfa igualmente na Rússia atualmente, embora os socialistas-revolucionários de esquerda tenham-no combatido com grande energia.

Como chegamos ao restabelecimento da pena de morte? Por que, no V Congresso dos Sovietes, nosso Partido foi obrigado a pedir pela terceira vez, no transcurso dessa revolução, a abolição dessa instituição vergonhosa que maculava a revolução?

No começo da revolução, Kerenski aboliu a pena de morte. Foi, talvez, o único ato positivo do revolucionário sincero, mas desprovido de força e vontade, do neurastênico da revolução que foi Kerenski, e esse ato será inscrito no livro de ouro da Revolução. Mas os belos gestos não são suficientes. Teria sido preciso dar, em troca da antiga, uma nova organização judiciária. Frequentemente, então, recordamos a segunda parte dessa célebre frase de Danton: “Organizemos a Justiça, não uma boa Justiça, pois é impossível, mas a menos ruim de todas as Justiças possíveis, a fim de que o gládio da lei seja suspenso sobre a cabeça de todos os inimigos”².

¹ Retraduzido do texto da edição russa.

² Retraduzido do texto da edição russa.

Kerenski não soube organizar uma nova Justiça. As formas antigas da Justiça, em completo desacordo com as condições da nova vida, oprimiam a Revolução russa. O aparelho enferrujado do Parquet e da Instrução era como um apagador colocado sobre toda chama de consciência jurídica que se manifestava no espírito do povo. As tímidas tentativas que foram feitas para introduzir na Rússia os tribunais de magistrados municipais não obtiveram êxito porque os reformadores eram timoratos e suas ideias demasiado estreitas. E toda a Rússia submergiu pela torrente desenfreada da justiça pessoal.

O povo, não vendo a possibilidade de uma vindita legal, julgava ele mesmo os criminosos segundo sua própria justiça, inspirado pela cólera e pelo desejo de vingança.

Kerenski não soube permanecer à altura de sua atitude inicial em relação à pena capital. No momento mais forte do acesso de loucura chauvinista, quando, em nome de interesses longínquos e estranhos ao povo russo, quis-se de novo lançar milhões e milhões de vidas humanas no fogo da loucura imperialista, Kerenski, que havia abandonado uma após outra todas as posições do socialismo revolucionário, anulou a única boa coisa da qual ele foi o autor: restabeleceu a pena de morte, no front. Uma torrente de protesto e indignação percorreu todos os países e as autoridades, a quem faltavam a vontade e a força, mostraram-se incapazes, mesmo neste caso, de ir até o fim. Sem abolir a pena de morte, o que lhe teria colocado contra os burgueses chauvinistas, e temendo ao mesmo tempo a cólera popular, o Governo de Kerenski não ousou mandar executar os soldados fatigados e famintos.

A Revolução de outubro³ pôs fim a essa política de hipocrisia.

O II Congresso dos Sovietes declarou novamente que a pena de morte restabelecida por Kerenski estava abolida na Rússia dos soviets. O novo poder criado pela Revolução de Outubro chegou a organizar uma Justiça popular. Atualmente, toda a Rússia é coberta por uma rede de novos tribunais e a justiça pessoal já quase não é praticada. Poderia parecer que, nessas condições, o objetivo foi alcançado, e que tendo realizado o que Danton aconselhava, teríamos podido esquecer

³ Calendário antigo.

os motivos pelos quais Danton queria organizar o Tribunal revolucionário. Ser terrível, é este o objetivo? Não poderíamos substituir isso pelo desejo de ser justo? Essa possibilidade, nós a tivemos; o aparelho judiciário foi posto em movimento.

Mas também nisso como em todo o resto, os bolcheviques não tiveram bastante fé na Revolução e em sua força organizadora. Esquecendo a necessidade da harmonia interior, eles sempre buscaram operar uma soldagem exterior.

A pena de morte por julgamento foi restabelecida em 21 de junho de 1918, quando um Tribunal extraordinário, composto de juizes nomeados pelo Comitê Executivo Central, condenou o capitão Stchastny a ser fuzilado como culpado de alta traição. Esse Tribunal supremo é, desde a Revolução de Outubro, o primeiro que funciona sem júri, o primeiro tribunal ao qual se possa dirigir a censura de parcialidade.

Nosso Partido protestou contra a organização desse Tribunal supremo, o qual é para nós apenas um anacronismo absurdo. Nosso Partido protestou igualmente contra o fato de que esse tribunal transgrediu as decisões anteriores abolindo para sempre a pena de morte. Nosso Partido pediu, enfim, que o V Congresso dos Sovietes de toda a Rússia confirme nos termos mais claros e mais precisos a abolição dessa instituição vergonhosa que é a pena de morte.

Mas a corrente de fraqueza, da qual os bolcheviques têm agora a direção, impôs-se.

Travestir-se por meio de uma máscara terrificante é um sinal de fraqueza, pois quando se é forte, essas manifestações exteriores de potência são inúteis. Por sinal, elas não amedrontam ninguém. E nesse terreno, igualmente, nós não deporemos as armas antes de ter obtido a purificação da Revolução. Com a ajuda do movimento revolucionário cada vez maior e mais forte, saberemos ser fortes permanecendo justos.

A. Schreider

NÃO FALAI MENTIRAS!

Em um dos capítulos de nossa coletânea, tentaremos traçar o quadro dos acontecimentos ocorridos em Moscou entre 4 e 8 de julho. Por enquanto, só podemos falar confiando nas informações que chegam à imprensa europeia, de fonte bolchevique, portanto, oficial. Pensamos que é nosso dever protestar contra a exposição governamental desprovida de todo sentimento de responsabilidade em relação à opinião pública europeia.

Eis, a título de exemplo, o esclarecimento relativo aos acontecimentos de Moscou transmitido pela agência telegráfica de Petrogrado por seu bureau de Berlim, tendo em vista que *Frankfurter Zeitung* (Morgenblatt) publica em 17 de julho. Ressaltamos as passagens mais marcantes:

A insensata sublevação do partido dito ‘socialista-revolucionário de esquerda’ terminou. A investigação judiciária esclarecer-nos-á quanto aos fatos reais sobrevindos durante essa aventura sem exemplo, e estabelecerá a parte de responsabilidade de cada um de seus participantes. O alcance político dos acontecimentos de Moscou já nos aparece de maneira muito clara. É sob a pressão das classes burguesas que o Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda dedicou-se nestas últimas semanas com toda a sua energia a levar a Rússia à guerra contra a Alemanha.

Não são apenas as condições extremamente terríveis do tratado de Brest-Litovsk que são sua causa, mas sobretudo os rumores fantásticos, todas as suspeitas que agiram como um excitante sobre a imaginação popular. Os camponeses e

os operários esclarecidos não desconhecem absolutamente a difícil situação que as condições de Brest-Litovsk criaram ao país. Mas eles também sabem quais seriam as consequências se a Rússia esgotada, exangue, se lançasse na carnificina imperialista. Eis por que a maioria esmagadora dos camponeses e dos operários esclarecida recusou conscientemente a anulação do tratado de Brest-Litovsk, que os cadetes, os partidos dos socialistas-revolucionários de direita, dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários de esquerda reclamam com violência.

O insucesso da agitação demagógica em favor da guerra levou o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda nessa aventura insensata e desonrosa. Eles resolveram envolver a Rússia na guerra, contra a vontade dos operários e camponeses por um ato terrorista. Foi depois que o V Congresso dos Soviotes de toda a Rússia aprovou sem reservas a política exterior do Conselho dos Comissários do povo, que um certo Blumkin cometeu o atentado contra o conde Mirbach, decretado pelo Comitê Central do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda.

Realizando esse ato provocador, os socialistas-reacionários de esquerda apoiavam-se menos sobre sua organização de partido do que sobre sua situação oficial de membros dos soviotes. Os membros do Comitê Central dos socialistas-revolucionários de esquerda tentaram reativar a insurreição, apoiando-se sobre uma parte de um destacamento da Comissão para a luta contra os anti-revolucionários. Os destacamentos de tropas foram comandados pelo socialista-revolucionário de esquerda Popov. As tropas de Popov, envolvidas na conspiração e reforçadas pelos elementos desmoralizados da frota do mar do Norte, colocaram sentinelas nas ruas, organizaram patrulhas, prenderam alguns representantes do governo dos soviotes e dispararam contra grupos do exército vermelho.

Os rebeldes tinham à sua disposição metralhadoras e automóveis blindados e armados. Eis como transcorreu a sublevação de 7 de julho organizada pela minoria dos partidos dos soviets contra o poder dos soviets. O sucesso dessa aventura teria tido como consequência a guerra imediata contra a Alemanha e a queda do poder dos soviets, pois nenhum homem sensato poderia supor que os socialistas-revolucionários de esquerda fossem capazes de conservar durante vinte e quatro horas o poder que eles tivessem arrancado das mãos dos operários, dos camponeses e do exército vermelho. De todos esses acontecimentos, pode-se extrair a conclusão de que os socialistas-revolucionários de esquerda entraram em luta em 6 e 7 de julho como um destacamento a serviço da burguesia contrarrevolucionária com o objetivo de abrir-lhe a via.

Nestas circunstâncias, o Conselho dos Comissários do povo só podia tomar uma única decisão: reprimir o mais rápido possível a sedição feita de uma mistura abominável de irreflexão, perfídia e provocação. O número das prisões já alcança várias centenas. Na próxima sessão do Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, o governo fará declarações mais completas; esse Congresso também terá de pronunciar-se de modo decisivo sobre a sublevação de 6 e 7 de julho e sobre o destino do partido denominado socialista-revolucionário de esquerda¹.

Eis como se escreve a história de fatos que se passaram sob os olhos de milhares de testemunhas. Lançam a torto e a direito palavras tais como: *louco, insensato, desonesto, traição, provocação*. O partido

¹ Como se quisessem estabelecer um paralelo histórico, eles escrevem nesse documento que o Congresso dos Sovietes deve pronunciar sua sentença sobre o destino do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda. Como se o Congresso dos Bolcheviques (pois sem a nossa participação, esse congresso não é nada de mais) pudesse decidir sobre o destino de um partido englobando massas revolucionárias. É exatamente como os mencheviques e a direita dos socialistas-revolucionários, que, no ano passado, quiseram decidir sobre o destino dos bolcheviques.

insurrecional é representado como partido pretensamente socialista-revolucionário etc. etc. e tudo isso em um documento. Pode-se imaginar, assim, o que escrevem os jornais em seus artigos e o que é dito nos discursos públicos.

Com que intenção tudo isso é escrito? Simplesmente para arruinar o bom renome revolucionário de um partido com o qual os bolcheviques caminharam juntos durante um ano de revolução. O comportamento não é demasiado grosseiro? Não serão demasiado pouco numerosos os operários e os camponeses que darão crédito a essa torrente de palavras lançadas sem escrúpulos: “sob a pressão da classe burguesa”? Eis o que dizem de nós nos jornais oficiais; e, em seu discurso contra Spiridonova, na V Conferência dos Sovietes, Lênin serve-se desse mesmo leitmotiv: “Escutai, pois, o que dizem atualmente os Kerenski e os Savinkoff, e os socialistas-revolucionários de direita em relação ao apelo dos socialistas-revolucionários de esquerda. Eles os aprovam”.

Os bolcheviques creem, sem dúvida, que esse argumento é bem convincente, mas seria bom lembrar-lhes *quem* os aplaude na Europa neste momento e *quem* apoia atualmente em sua pessoa o poder dos soviets na Rússia. Atualmente, é toda a imprensa burguesa da Alemanha e da Áustria que os apoiam e dão-lhes amigavelmente tapinhas no ombro; toda ela, desde os tubarões da “democracia” até às hienas reacionárias que ainda não acham o momento propício para derrubá-los. Ela choca em demasia o mundo, essa aliança contranatura dos bolcheviques com a Alemanha ultrarreacionária; essa “aliança” é um agente de decomposição excessivamente perigoso para a consciência do proletariado europeu.

Consideramos como indigno de nós empregar todos esses meios demagógicos para lutar contra as ideias dos bolcheviques. Os políticos sérios não se inquietam para saber quem aplaude e quem recebe os aplausos, interessam-se pelo sentido no qual se exerceu a ação do amigo ou do adversário. Os bolcheviques sabem muito bem que nada há de comum entre nós e esses *cadetes*, esses *socialistas-revolucionários de direita* e esses *mencheviques* com os quais eles tentam agora confundir-nos.

Nosso Partido sacrificou em demasia força e sangue na construção da República dos Sovietes para que se possa de um dia para o ou-

tro declará-lo “*partido burguês*”, “agindo a serviço da reação contrarrevolucionária”. E eles, os bolcheviques, servem-se, contudo, desses meios de luta inadmissíveis, envenenam de antemão toda atmosfera de compreensão. Acusam os socialistas-revolucionários de esquerda de terem disseminado “*rumores fantásticos*” e “*suspeita*”, mas nesse mesmo documento, eles próprios disseminam os mais falsos rumores sobre os socialistas-revolucionários de esquerda. Com que direito, por exemplo, eles tratam os marinheiros da frota do mar Negro de *elementos desmoralizados*? É porque estes não quiseram colocar nas mãos do imperialismo alemão a força naval da República dos Sovietes, recusando dirigi-la de Novorossiysk a Sebastopol, onde os alemães esperavam-na? Eles preferiram afundá-la a obedecer às exigências da “diplomacia revolucionária” de Lênin.

Sobre o que se baseiam para declarar que “a sublevação de 7 de julho foi organizada pela minoria dos partidos dos soviets contra o poder dos soviets?” O Partido Socialista-Revolucionário dos Sovietes podia insurgir-se contra os próprios soviets? Ele, ao contrário, não se insurgiu em nome dos soviets, apoiando-se sobre *a forte minoria que suas próprias forças* constituem no seio dos próprios soviets? Sobre o que esse documento fundamenta-se para só falar de *complô do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda* e não do movimento efetivo que se produz no meio revolucionário da democracia e que é dirigido contra a política atual do governo dos soviets? Os bolcheviques ignoram que, no V Congresso dos Sovietes, não era um punhado de homens de ação que protestava no seio do soviete contra sua política, mas mais de 300 deputados? Os bolcheviques ignoram que a população da Ucrânia, que luta contra a ocupação alemã, adere ao Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda?

Os bolcheviques, no entanto, falam de “*complôs*”, “*aventuras*” e “*provocações*” do partido revolucionário das massas populares, mas esquecem que, há apenas um ano, essas mesmas acusações, esses mesmos termos foram-lhes lançados no rosto, no mês de julho.

Naquele momento, em 3 e 5 de julho, sob a direção organizada dos bolcheviques, ocorreram cenas de assassinato, fuzilaria e agitação nas ruas de Petrogrado. Sem possuir a décima parte da influência da

qual desfruta atualmente o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, os bolcheviques armaram contra a maioria esmagadora dos soviets e do Comitê Central os operários de Petrogrado e os marinheiros de Kronstadt. Recordamo-nos com que encarniçamento o governo de Kerenski reprimiu esse movimento. E no dia em que o governo começou a perseguir os bolcheviques e os socialistas-revolucionários de esquerda, Trótski e Lunatcharski foram postos na prisão ao mesmo tempo que Ustinov e Prochian.

Naquela época, a opinião pública acusava os bolcheviques de estar a soldo dos alemães, pois essa manifestação armada de 3 e 5 de julho de 1917 coincidia com uma terrível derrota. E o Comitê Central dos Sovietes colocou a questão da exclusão dos bolcheviques como partido.

Malgrado as perseguições, a obra dos bolcheviques não foi perdida, porque a história trabalhou aí. A necessidade histórica do movimento bolchevique de 3 e 5 de julho, como a demonstramos, nós socialistas-revolucionários de esquerda, e isso a despeito de seu fracasso. Atualmente, os bolcheviques não encontram outros termos para qualificar o movimento sublevado por nós senão aqueles que *Zeretelli* e *Kerenski*, esses homens de visão curta, lançaram-lhes: *complô, marinheiros desmoralizados, agentes da Entente* etc. Ao invés de compreender o movimento de 6 e 7 de julho sublevado em Moscou por nosso Partido, constatando sua necessidade histórica, eles buscam aviltá-lo, arrastá-lo na lama. O regime de Kerenski recebeu em 3 e 5 de julho de 1917 uma advertência ameaçadora por parte dos bolcheviques, e os socialistas-revolucionários de esquerda deram, em 6 e 7 de julho de 1918, a mesma advertência ao regime de Lênin. Desejamos ardentemente que o poder dos soviets seja nisso mais sensível do que aquele de Kerenski, e que, ao lado dos sentimentos naturais de um “vencedor”, ele encontre também nele a razão de um político. Para isso, é preciso antes de tudo examinar atentamente os acontecimentos de 6 e 7 de julho, e, de acordo com o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, deduzir todas as suas consequências.

J. Steinberg

O QUE SE DIZ DA RÚSSIA NA ALEMANHA

(REVISTA DA IMPRENSA ALEMÃ)

I. INFORMAÇÕES

O assassinato de Mirbach e os acontecimentos que se seguiram a ele foram recebidos pela imprensa europeia, e principalmente pela imprensa alemã, de modo muito diverso.

De início, nos primeiros dias após o assassinato, a imprensa alemã forneceu informações embasadas nos fatos e esforçou-se para dar às pressas uma explicação do acontecimento. É preciso aqui atentar para o fato de que as informações passavam por uma dupla censura: a censura governamental bolchevique e a censura alemã. Ora, está claro para todo mundo que nem um partido nem outro estava interessado na reprodução exata dos fatos.

Quase ninguém na Europa tinha conhecimento da existência do Partido dos Socialistas-Revolucionários *de esquerda*. Por isso confundiam-no sistematicamente com o partido de Savinkov e Tchernov.

Quase em toda parte publicou-se a biografia de Savinkov, homem pouco escrupuloso na escolha dos meios e devotado à Entente, ao lado da biografia do internacionalista Kamkov, chefe do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda. Ambos eram apresentados como membros de um mesmo partido. Pior ainda, puseram-se a apresentar os próprios acontecimentos como atos impostos pela Entente. Havia, inclusive, correspondentes de jornais que, sustentando conhecer particularmente muitas coisas da Rússia, deram informações as mais inverossímeis e ridículas.

Assim, a *Gazeta de Voss* sustentou em seu número de 12 de ju-

lho, sob a assinatura de seu informante “russo” titular, Bekmann, que o assassinato de Mirbach havia sido evidentemente decidido na conferência de Jaroslav, da qual participavam Spiridonova, que desempenha um papel de chefe no Partido Socialista-Revolucionário, o chefe dos tcheco-eslovacos, Denech, e o coronel inglês Kingsley, chegado de Murmânia. Kingsley teria declarado nessa conferência que os tcheco-eslovacos, que defendiam os interesses da democracia ocidental, estavam interessados, assim como a democracia russa antibolchevique, na supressão de Mirbach.

Os socialistas-revolucionários Steinberg e Karelin, presentes nessa conferência, teriam desejado que os embaixadores da Entente exigissem por ultimato a expulsão de Mirbach da Rússia!

Nada de mais absurdo do que essa fábula.

Estamos autorizados a declarar aqui oficialmente que nem Spiridonova, nem Karelin, nem Steinberg participaram de qualquer conferência com os tcheco-eslovacos ou com coronéis ingleses. É, de fato, uma inverdade; mas seria também, por razões de princípio, uma impossibilidade, pois não existe qualquer vínculo entre o objetivo que os imperialistas da Entente perseguem na Rússia e seus servidores do momento, os tcheco-eslovacos, e a insurreição de 6 e 7 de julho, que os socialistas de esquerda deram-se por tarefa provocar. Os primeiros deram-se por tarefa obrigar a Rússia a restaurar o front militar contra a Alemanha, ao lado da Entente. Para conseguir isso, eles têm a intenção de derrubar o poder soviético para substituí-lo por um poder dócil, aquele dos socialistas-revolucionários de direita e dos cadetes (Kerenski, Terechtchenko). Os socialistas-revolucionários de esquerda, ao contrário, sublevaram-se *em nome* da salvação do poder soviético e pela insurreição dos trabalhadores contra os imperialistas de todos os países. Os primeiros lutam contra os bolcheviques como tais; nós lutamos contra *o curso* bem determinado seguido pelo governo bolchevique. Os socialistas-revolucionários de direita aspiram, em resumo, a uma restauração não apenas política como também social, enquanto nós aspiramos à consolidação e à regeneração do regime socialista na Rússia.

Algum tempo depois, contudo, “a infiltração” europeia começou a melhorar.

Apareceu em *Vorwärts* uma caracterização de nosso Partido que, em suas grandes linhas, aproxima-se da verdade.

O programa do Partido Socialista-Revolucionário, dizia o *Vorwärts*, distingue-se daquele dos social-democratas pelo fato de rejeitar a concepção materialista da história de Marx e Engels, e aceitar somente sua doutrina econômica da mais-valia. Recusa-se a considerar o proletariado como o único portador do socialismo e afirma há anos que os camponeses russos, graças às disposições que lhes são pretensamente inerentes, talvez constituam para o socialismo uma muralha mais forte. Empréstado seus argumentos das doutrinas da filosofia idealista, o Partido Socialista-Revolucionário pregava a fusão dos camponeses e do proletariado sob a direção de um terceiro fator, a classe intelectual, consciente de seu objetivo, animada por um ideal elevado, rico de ciência e iniciativa.

Atribuindo a esse terceiro fator tão grande importância, os socialistas-revolucionários afirmam que as grandes ações pessoais, os exemplos de sacrifício, que se produzem tão facilmente em tempos de revolução e nas situações análogas, são apropriados a provocar o despertar das forças revolucionárias que dormem na massa. Eis por que eles sempre foram terroristas, fiéis a seu programa e lógicas.

Assim como na social-democracia, ocorreu no seio do Partido Socialista-Revolucionário, do ponto de vista da tática, uma cisão em três grupos: a esquerda, o centro e a direita. Enquanto a esquerda, como já dissemos, marchava em concordância com os bolcheviques, as outras correntes lançaram-se na oposição e aproximaram-se de social-democratas de nuança não-bolchevique, que constituem igualmente uma oposição em seu próprio partido. Os “socialistas-revolucionários

de esquerda”, para nomeá-los exatamente como eles próprios nomeiam-se, também estavam representados no governo dos soviets. Dos dezoito “comissários do povo” (ministros, na linguagem dos bolcheviques), sete eram escolhidos entre eles; em todas as questões políticas, eles eram solidários com os bolcheviques, e só a paz de Brest-Litovsk mudou tudo isso. Os socialistas-revolucionários de esquerda representam a opinião segundo a qual a capitulação ante as exigências alemãs põe em perigo a realização do socialismo tal como os bolcheviques e eles próprios compreendem-no. A capitulação ante o imperialismo alemão deve-se absolutamente, segundo eles, a uma capitulação ante a burguesia nativa. Quando os bolcheviques, malgrado seus protestos, assinaram o tratado de paz, separaram-se deles, foram levados à oposição, mas sem confundir sua atitude com aquela dos outros partidos socialistas. Eles não queriam lutar ao lado da Entente imperialista contra a Alemanha, mas continuar até o fim a luta revolucionária contra a opressão do inimigo externo.

Sem ver absolutamente outras vias para alcançar seus fins, recorreram aos meios outrora experimentados, crendo que o atentado cometido contra o embaixador do império alemão levaria às conseqüências desejadas por eles!

Um artigo consagrado ao nosso Partido que a *Gazette de Voss* (de 7 de julho) fornece, ao lado de informações fantasiosas, indicações que caracterizam bem a vida de nosso Partido durante a revolução.

Os socialistas-revolucionários não tinham concorrentes durante os seis primeiros meses que se seguiram à queda do tzar: os cadetes, conscientes da ruína progressiva de sua força, continuavam a contemplar, como fascinados, seu objetivo de guerra, Constantinopla. Os mencheviques, chefes sem tropas, e os futuros adversários, os bolcheviques, faziam agitação, de início em assembleias noturnas e misteriosas (?). O Partido dos S-R tornara-se tão poderoso que sua mais importante arma de combate, o terror,

havia caído no esquecimento. Assim como seu chefe, Kerenski, o partido não soube tirar proveito de seu sucesso. Tchernov e Avksentiev, que entraram no gabinete como ministros da Agricultura e do Interior, não souberam persuadir seu chefe da necessidade de separar-se da Entente.

Formaram-se três grupos: os socialistas-revolucionários de direita, cujo ídolo era sempre Kerenski, o centro, reunido em torno de Tchernov, que teria de bom grado esquecido um pouco seu passado de porta-voz das conferências de Zimmerwald e de Kienthal, e o grupo de extrema esquerda, os internacionalistas, que, tanto no que concernia à paz quanto em matéria de programa agrário, desejava uma solução imediata e buscava operar sua junção tática com os bolcheviques...

O golpe de Estado bolchevique de novembro encontrou o partido assim dividido. Os socialistas-revolucionários de esquerda destacavam-se completamente, então, do partido do qual haviam emanado. Tchernov desejava fazer uma “Kraftprobe”¹, os eleitores da Constituinte deviam mostrar se os socialistas-revolucionários deviam reconhecer-se vencidos.

O sintoma característico das eleições foi um colossal crescimento dos sufrágios bolcheviques. A ala esquerda dos socialistas-revolucionários não podia, embora os apoiasse de maneira durável, assegurar aos bolcheviques a maioria absoluta. A Constituinte formara-se com uma maioria considerável de socialistas-revolucionários, portanto, um novo adiamento da conclusão da paz e do começo da distribuição das terras... Então, a Constituinte foi dissolvida.

Nestes últimos tempos, os socialistas-revolucionários começaram a combater com grande energia o bolchevismo.

¹ Prova de força. (N. do T.)

De início, em consequência do acordo de paz de Brest-Litovsk, sua ala esquerda separou-se de Lênin e Trótski. As novas eleições para os conselhos dos operários provocaram uma luta encarniçada pela conquista dos sufrágios dos camponeses. O V Congresso pan-russo dos Conselhos dos operários e camponeses devia ocorrer nesses dias, e a ala esquerda avançada dos socialistas-revolucionários preparou-se para lançar nesse congresso um ataque decisivo contra os bolcheviques. É o momento mais perigoso para o bolchevismo. No ponto culminante da luta política, os socialistas-revolucionários aplicaram de novo seu método de outrora, o terrorismo.

E o *Berliner Tagblatt* (de 8 de julho), após uma curta introdução, elaborou, tocando o objetivo do assassinato de Mirbach, uma hipótese extremamente preciosa.

Esse jornal escreve:

O Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, que se encontra, em matéria de política interna e por seu programa social, tão próximo dos bolcheviques que de início ele havia ingressado no governo bolchevique, não concordou em partilhar com este último a responsabilidade da paz de Brest. Por ocasião do congresso geral dos soviets em Moscou, que se pronunciou pela ratificação do tratado de paz, o Partido dos S-R de Esquerda saiu novamente, por consequência, do governo, como nós o indicamos. Desde logo, ele permaneceu em oposição contínua contra a política internacional dos bolcheviques. Ainda recentemente, na conferência do Comitê Executivo Central, onde Lênin fez sua exposição bem conhecida da situação internacional, o chefe dos S-R de esquerda, Kamkov expôs o ponto de vista de seu partido e defendeu a necessidade de romper com a Alemanha. Kamkov declarou que, nesse caso, seu partido estaria pronto a retirar-se com Lênin, ao mesmo tempo combatendo, para além do Ural, se necessário.

O jornal conclui assim:

Pode-se admitir a existência da seguinte combinação: teria nascido nos círculos dos S-R de esquerda a ideia de pôr fim – pelo assassinato do embaixador e pela ruptura com a Alemanha que seria sua consequência – à divergência essencial que os separa dos bolcheviques, para formar novamente um governo comum dos bolcheviques e dos S-R de esquerda.

A *Gazeta de Frankfurt* distinguiu-se pela exatidão de suas informações, ainda que ela continue a crer que nós somos apenas a ala esquerda do partido único dos S-R, o mais forte do país. (Número de 17 de julho, *Abendblatt* – edição da noite). Dá essa informação exata:

Como consequência imediata do atentado, projetava-se uma sublevação geral do Partido S-R de Esquerda, que, pela boca de seu chefe, Spiridonova, agora em prisão, assumiu a plena responsabilidade moral pelo acontecimento.

O objetivo final da insurreição era menos, aparentemente, derrubar o governo dos soviets e de seus senhores bolcheviques do que o colocar diante de uma situação que tornaria inevitável a retomada da guerra com a Alemanha.

E no mesmo número, o jornal acrescenta:

Em novembro, um dos numerosos grupos socialistas, a extrema esquerda dos socialistas-revolucionários, juntara-se a eles, o que era de importância considerável para a autoridade do poder dos soviets, por causa da grande influência que esse partido exerce sobre os camponeses-trabalhadores. Mas esse partido, que, segundo seu programa, é ao menos tão radical quanto o Partido Bolchevique, e cuja tática pode ter a pretensão de ser ainda mais revolucionária do que aquela dos senhores Lênin e Trótski, não quis reconhecer a paz de Brest-Litovsk. Ele entrou em oposição aberta, mas continuou a ser classificado, contudo, entre os “partidos so-

viéticos”, de sorte que seus representantes continuaram a agir nas organizações oficiais e nos comitês. A conduta desse partido durante o quinto congresso pan-russo dos soviéticos, enfim, o infame assassinato do embaixador mostram em que medida, graças à paz de Brest e às suas conseqüências imediatas, a tendência germanófoba (?) penetrou nos círculos mais radicais dos revolucionários russos. Não avançaremos muito simplesmente responsabilizando a Entente pelos acontecimentos de Moscou. Seria mais útil para o público alemão conhecer de uma maneira detalhada as deliberações do Congresso dos Soviéticos sobre as quais o relatório de nosso correspondente enviado a Moscou dá as mais necessárias indicações. Saberemos, assim, que não foram políticos desesperados que assassinaram o conde de Mirbach.

Dois dias antes do atentado, um certo Alexandrov, que talvez não seja senão um dos assassinos, pronunciou, como representante do Congresso dos Soviéticos ucranianos, um discurso diante da assembleia de Moscou, discurso que convidava abertamente à guerra contra a Alemanha.

O orador não foi somente saudado pelos aplausos frenéticos do Congresso dos Soviéticos. O presidente Sverdlov declarou inclusive que os aplausos não se dirigiam à pessoa do orador, mas a seus objetivos políticos, que o congresso buscava realizar. No dia anterior ao assassinato do embaixador, o orador dos socialistas-revolucionários de esquerda ousou insultar de modo inaudito os diplomatas alemães presentes; conquanto ele tenha sido repreendido, o relatório do *Isvestia* diz que no meio do tumulto que eclodiu na assembleia soaram gritos ultrajantes contra o conde de Mirbach em pessoa. Sua significação não era absolutamente ambígua para aquele que conhece os métodos de luta terrorista dos grupos próximos do orador.

II. OPINIÕES

Mais importantes, no entanto, do que todas essas informações, são as conclusões que delas extraímos. Sob esse aspecto, devemos reconhecer que os acontecimentos de Moscou desempenharam diretamente o papel de *revelador* das tendências políticas que animam as esferas dirigentes alemãs em relação à Rússia. “O problema da Rússia” reergueu-se diante delas em toda a sua grandeza. À primeira vista, obedecendo a direções vindas de uma fonte fácil de adivinhar, toda a imprensa alemã adotou uma atitude bem definida em relação ao assassinato de Mirbach; ela declarou que o governo bolchevique não teve qualquer participação nisso, que sua lealdade não dava margem à dúvida, que ele saberia castigar devidamente os culpados. “O assassinato do embaixador atinge menos a Alemanha do que o governo da Rússia” – esta frase extraída dos jornais russos oficiais percorreu toda a imprensa alemã. Esse deplorável acontecimento não deve romper “as relações amistosas entre Berlim e Moscou”; ele não deve beneficiar a Entente, tal era o leitmotiv de toda a imprensa alemã sem distinção de tendências. Evidentemente, uma parte de seus órgãos pensa-o sinceramente, a outra não julga o momento oportuno para uma intervenção. Em todo caso, a despeito dos precedentes históricos, o assassinato foi acolhido com uma calma completa; o professor monarquista Bomhack declarou no *Lokal Anzeiger* que esse acontecimento era uma espécie de “risco profissional”, e o chanceler atestou no Reichstag a completa lealdade do governo soviético em geral e de seu embaixador em Berlim em particular. E quando se soube na Alemanha que o assassinato tinha relação com a resolução de um partido influente de romper a paz de Brest-Litovsk, a imprensa começou a aprovar e apoiar o partido dos bolcheviques, que se aferra à política da paz a qualquer preço. Para não multiplicar excessivamente as citações, extraímos uma única do *Berliner Tageblatt*, ela talvez seja característica de todas aquelas que poderíamos alinhar em grande número.

O governo de Lênin está disposto, hoje como no passado, a reconhecer a paz de Brest como base de suas relações com a Alemanha, de sorte que temos o direito de esperar que sobre

essa base poder-se-á encontrar ao menos um *modus vivendi* provisório.

A situação adquiriria um aspecto muito mais sério se o assassinato do embaixador de Moscou tivesse efetivamente servido de sinal a um ataque geral dos adversários de Lênin contra o poder bolchevique e se tal ataque pudesse ser coroado de sucesso. *Nós sempre declaramos que o governo bolchevique é na Rússia o único governo possível* e disposto a permanecer no terreno da paz de Brest, e que qualquer outro governo que se constituísse na Rússia, logo inscreveria sobre seus estandartes a luta contra a paz de Brest, e, com isso, tendo em vista o atual estado das coisas, a retomada da luta ao lado da Entente e contra a Alemanha.

O artigo de fundo desse jornal começa em seguida pelas palavras: “Foi amargo e doloroso para o povo russo concluir uma paz vexatória e humilhante com os senhores da potência alemã”. Nem uma única linha concernente ao aspecto de direito internacional nem sobre o aspecto humano da terrível tragédia. Em todos os discursos e declarações de Lênin, Trótski e Tchitcherin, percebemos de novo que o governo dos soviets sente-se em uma posição defensiva. Censuram-lhe por ter-se sujeitado à “escravidão alemã”. Ele defende-se dessa acusação indicando apenas a impossibilidade de uma resistência enérgica naquele momento.

Em tudo isso, não se percebe nada de “paz e amizade” que foram proclamadas no artigo de introdução do tratado de Brest.

Um outro jornal vai ainda mais longe. Na *Gazeta de Voss* (de 15 de julho, edição da manhã), que deseja, como se sabe, a continuação de relações amistosas com a Rússia a fim de melhor esmagar a Inglaterra, o cronista político titular, Bernhardt, reclama “uma declaração precisa por parte da Alemanha, dizendo que ela está pronta a revisar o tratado de Brest”.

Nessas condições, poder-se-ia crer que nenhum perigo ameaça a república soviética por parte da Alemanha, se não houver outros presságios de mau agouro. Mas esses presságios existem.

Há, antes de mais nada, a nomeação, na Alemanha, do novo secretário de Estado para os negócios estrangeiros, Hintze, ocorrida imediatamente após os acontecimentos de Moscou; há também a promessa do chanceler diante do Reichstag de manter-se pronto com vistas às eventuais mudanças na Rússia “para não ser apanhado de surpresa”.

Depois, há também a nova linha de conduta adotada por uma parte da imprensa alemã, que não pertence de forma alguma ao partido militar.

Citemos aqui o conteúdo do artigo de fundo da *Gazeta de Frankfurt* de 17 de julho. Esse jornal indica, de um lado, que o regime bolchevique ainda não se consolidou, que o tratado de Brest reduziu ao isolamento o bolchevismo, que, desde então, não pode manter seu poder senão por um terrorismo não dissimulado. Ele considera como grave dificuldade para o poder bolchevique a insurreição dos socialistas-revolucionários de esquerda, que ocorreu nos dias 6 e 7 de julho.

Por outro lado, ele prova por todos os tipos de argumentos que os bolcheviques também não são suficientemente “amigos da Alemanha”.

[...] Trótski, em sua qualidade de Comissário do povo para a guerra, esforçou-se por dois dias inteiros para fazer com que compreendessem no Congresso a impossibilidade e o absurdo da guerra de franco-atiradores contra os alemães. Mas é bem sintomático que ele tenha tido a necessidade de fazê-lo. O governo dos soviets vê-se também forçado a fazer grande demonstração de sua aversão pelo “imperialismo alemão”.

O jornal bolchevique *Biednota*, destinado às grandes massas populares, para as quais o órgão oficial *Isvestia*, com seus inumeráveis decretos, é provavelmente muito pouco compreensível, publicou, no dia seguinte ao assassinato do embaixador, uma “declaração governamental” reportando-

-se a ele. Essa declaração, que termina por essas palavras: “Abaixo os servidores da guarda branca e de Skoropadski”, desaprova o assassinato porque ele traz para a Rússia o perigo de uma nova guerra.

As mesmas provas da ausência de franqueza na política dos bolcheviques. O correspondente desse jornal em Moscou, o doutor Paquet, cita no número de 16 de julho, provas análogas da falta de sinceridade da política bolchevique:

As declarações reiteradas do governo dos soviets sobre o assassinato do conde de Mirbach e a tentativa de insurreição dos socialistas-revolucionários de esquerda, mas sobretudo a primeira proclamação, que conclama às armas todos os revolucionários e que termina pelas palavras: “Abaixo os servidores da burguesia e de Skoropadski”, são interessantes sob muitos aspectos.

Devemos observar que já no domingo, uma vez reprimido o golpe de Estado, já não era mais questão de fuzilarias em massa nem de outras penas draconianas, que vários membros do governo, sob a imediata impressão do atentado, consideravam como inevitáveis em caso de êxito da repressão.

Parecia indicado que se procedesse a imediatas represálias contra os agentes e as organizações do “imperialismo anglo-francês”, que, segundo as expressões do governo soviético, eram os cúmplices diretos desse incidente, assim como os ingleses e os franceses eram denunciados como os instigadores do movimento dos tcheco-eslovacos e dos acontecimentos da costa da Murmânia. Mas nada ocorreu até aqui.

Já numa edição especial de 7 de julho, ao lado de alguns artigos de fundo, que qualificam o atentado como um suicídio dos socialistas-revolucionários de esquerda, como uma nova Sarajevo e como um golpe desferido pela reação in-

ternacional, dirigida pela Inglaterra, – o jornal do governo consagra um artigo de fundo circunstanciado à “pretensa orientação pan-russa dos alemães” e “a orientação alemã dos cadetes”. Nesse artigo, Kiev é indicada como a verdadeira sede da contrarrevolução burguesa, aparentemente conduzida pelos alemães e pelos círculos que se encontram ao redor de Miliukov, e é só ao final que se acrescenta que Miliukov, malgrado suas reiteradas iniciativas, ainda não foi recebido pelo embaixador von Mumm.

Ao mesmo tempo, o jornal constata o crescimento da influência da Entente na Rússia, nutrida pelas consequências do tratado de Brest e dirigida contra a Alemanha. Que saída o jornal vê a essa situação? A mesma que a *Gazeta de Voss*, isto é, “uma imediata e radical revisão da paz de Brest”. Todavia, enquanto o primeiro jornal não se interessa pela estrutura de classe do governo russo, a *Gazeta de Frankfurt* declara:

Existem, certamente, para a política alemã, outras possibilidades de defesa contra os planos da Entente, porquanto, *nos círculos burgueses da Rússia*, que eram outrora os portadores das tendências imperialistas, a nostalgia da ordem tornou-se tão grande que não se pode mais temer a ressurreição dessa chama sufocada no sangue da guerra civil.

Em outros termos, o órgão da alta finança industrial não crê mais, nem na estabilidade, nem na sinceridade do governo bolchevique, e – se for preciso revisar o tratado de Brest – ele quer que essa transação faça-se com homens de sua classe “com os círculos burgueses da Rússia”. Isso quer dizer que no espírito dos políticos da Alemanha já amadurece o plano da *convulsão interior* da Rússia, que se reserva desde agora ao governo de Moscou o destino da Rada de Kiev, que, nos bastidores da política alemã, prepara-se um novo Skoropadski.

Devemos acrescentar que esse ponto de vista logo pode se tornar não só aquele de um único jornal “democrático”, mas também aquele das esferas mais responsáveis?

Dir-nos-ão: “Não é, de vossa parte, um exagero?” Mas, então, chamamos a atenção para dois fatos, citados recentemente nos jornais.

Por um lado, o ex-ministro dos negócios estrangeiros, Terechtchenko, disse em uma entrevista² que, em 2 de junho, o conde Mirbach havia sondado o terreno junto aos chefes do Partido dos Cadetes e de outros partidos liberais. Disse-lhes que se eles quisessem adotar no futuro uma atitude amistosa em relação à Alemanha, os alemães encarregar-se-iam de derrubar os bolcheviques. Essa oferta foi rejeitada. Por outro lado, o correspondente do *Twenska Tagblatt* comunica que se vê confirmar a notícia de uma

mudança de opiniões na direção do Partido dos Cadetes, e isso dentro de um sentimento amistoso pela Alemanha. Confirma-se que um certo número de chefes dos quadros encontrara-se em Kiev. Não é segredo para ninguém que eles buscam abrir negociações com o comando supremo alemão com vistas a uma ação comum entre os partidos *burgueses* da Rússia e da Alemanha, o que é considerado entre os cadetes como a única saída para o restabelecimento de uma situação normal para a Rússia.

O *Berliner Tagblatt* de 22 de julho confirma essa informação pela boca de M. Vorst:

Miliukov reside atualmente em Kiev, e muito se falou de seu desejo de arranjar uma aproximação com a Alemanha.

Com efeito, ele visitou o embaixador von Mumm em Kiev, há aproximadamente quatro semanas, o que não é decerto considerado como um segredo. Ele disse que seus amigos e ele entender-se-iam de bom grado com a Alemanha, mas que, para isso, a revisão da paz de Brest-Litovsk era necessária.

Certamente, é preciso acolher com grande reserva todas as informações desse gênero, mas não se pode negar que o Partido dos Cadetes (ou então aquele dos outubristas com a monarquia, do qual fala mais

² Ver *Matin* de 18 de julho.

acima a *Gazeta de Voss*) poderia muito bem servir aos “círculos burgueses da Rússia”, de que fala a *Gazeta de Frankfurt* supracitada.

Os objetivos da política alemã desenham-se, desse modo, claros o suficiente. Sem ter podido explorar em seu proveito o governo dos bolcheviques, ela o substituirá no momento oportuno por um governo burguês (Miliukov). Assim como a Entente, perseguindo seus objetivos, está pronta para substituir os bolcheviques pela coalizão dos socialistas-revolucionários de direita com os cadetes (Kerenski, Terechtchenko), orientados a seu favor. Se a contrarrevolução, cujo chefe seria a Entente, tem a intenção de restaurar na Rússia a democracia burguesa, a contrarrevolução, cujo chefe seria a Alemanha, pensa na restauração da *monarquia burguesa*. Uma e outra tendem igualmente à derrubada do poder dos Sovietes na Rússia. Tal é a conclusão que se impõe a quem examina a situação atual.

Assim, a esperança de Lênin de salvar a República russa pela via das negociações e dos compromissos com a Alemanha é ilusória; é a política da Áustria no que tem de pior. Não só não há nessa política o mínimo grão de programa socialista e zimmerwaldista, como também não se encontra ali nem mesmo sombra de oportunidade nem *utilidade* política.

* * *

Esses desejos secretos dos homens de Estado alemães revelaram-se graças aos acontecimentos de Moscou. Pode-se dizer que esses acontecimentos abalaram na Europa a fé na força do poder soviético. Nós não o contestamos. Esses acontecimentos provaram-lhe a existência de um perigo por parte dos círculos que lhe eram mais próximos. Mas, por isso mesmo, esses acontecimentos são preciosos. Eles descobriram diante de nós os planos da Alemanha e obrigarão a Rússia revolucionária a modificar sua política externa. Uma situação perfeitamente clara constitui não uma fraqueza, mas uma força para a República soviética.

ALGUMAS PÁGINAS DA HISTÓRIA DO PARTIDO DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA

O Partido dos Socialistas-Revolucionários entrou na arena política quase às vésperas de um dos mais fortes impulsos do movimento revolucionário na Rússia.

Esse partido assumiu a sucessão do partido “Terra e Liberdade”. Retomou sua tática e tudo o que havia de essencial em seu programa. Portou com honra o estandarte do socialismo revolucionário na época da revolução de 1905-1906, e, por isso, adquiriu seu lugar nas fileiras da Internacional, onde formava uma tropa compacta embora pouco numerosa. Conquanto esse partido tenha dado, no dia em que se revelou como força política, provas tangíveis de sua vitalidade, uma luta de ideias perpetuou-se no próprio seio do partido. Essa luta determinou, por um lado, a “União dos Socialistas-Revolucionários Maximalistas” e, por outro, o “Partido Socialista Popular”, a separar-se em 1906 do “Partido dos Socialistas-Revolucionários” propriamente dito.

Os anos de reação que se seguiram à revolução nem detiveram nem atenuaram essa luta intestina. Durante os anos de reação, viu-se preparar uma cisão cujos signos anunciadores eram visíveis já bem antes da revolução de 1917. Os aspectos mais característicos dessa cisão são os que veremos a seguir.

A divisão do partido em ala direita e ala esquerda; a aspiração

de certos grupos a uma existência legal; a aparição do grupo oportunista dos “potchinovtzi”¹, que tinha à sua frente Avksentiev, Bunakov, Sletov e outros; e a formação de uma forte maioria com Tchernov, Natanson-Bobrov e Rakitnikov à frente. Tais são os aspectos característicos do fracionamento desse partido outrora único.

A guerra europeia, declarada em agosto de 1914, foi o critério essencial segundo o qual se pôde dividir os socialistas do mundo inteiro em dois campos inconciliáveis, pois a atitude adotada por cada um ante a guerra, o fato de interpretar esta última em tal ou qual sentido, permite classificar não importa qual socialista, de qualquer país que seja, no campo dos socialistas internacionalistas ou naquele dos social-patriotas, situá-los no setor de esquerda ou naquele de direita. Essa divisão ocorreu igualmente no Partido dos Socialistas-Revolucionários.

A fundação no exterior do grupo oportunista do “Apelo” (“Pri-zyv”), que, Avksentiev, Bunakov e Argunov à frente, renegou os socialistas e o socialismo, e a aparição do grupo dos zimmerwaldianos com Natanson-Bobrov, Tchernov e Kamkov, aprofundou ainda mais o fosso entre a ala esquerda e a ala direita do Partido dos Socialistas-Revolucionários.

A Revolução russa de 1917 revelou imediatamente, e com uma clara evidência, a existência de um fosso intransponível dividindo todo o campo socialista, tanto na Rússia como no estrangeiro. Todavia, desta vez, um novo motivo de divergência, não menos importante que o primeiro, vinha somar-se à causa primordial da divisão do partido: tratava-se de definir e apreciar o caráter da revolução russa.

Uns (os social-democratas mencheviques e alguns socialistas-revolucionários de direita) não queriam ver senão uma revolução política e burguesa, na qual os senhores da situação eram os burgueses e onde os proletários só tinham de ajudar a burguesia. Outros (os socialistas-revolucionários de esquerda e os social-democratas bolcheviques) diziam, ao contrário, que a revolução de 1917 era uma revolução social, ou, mais exatamente, uma revolução socialista.

E enquanto os primeiros sustentavam que era necessário e sufi-

¹ Do nome do jornal *Potchin* (A Iniciativa), que eles editavam em Paris.

ciente caminhar de acordo com a burguesia ingressando com os representantes desta em um governo de coalizão, os segundos julgavam essa coalizão inadmissível e nociva.

A tese da necessidade de um acordo com a burguesia, admitida pela ala direita do Partido Socialista-Revolucionário, e toda a tática decorrente da adoção dessa tese era inaceitável para os representantes da ala esquerda desse partido, porque agir assim teria sido abandonar o socialismo pelo radicalismo, trair a causa dos operários e dos camponeses, substituir o socialismo revolucionário pelo socialismo nacional.

Eis por que o III Congresso do Partido dos Socialistas-Revolucionários, que ocorreu em maio de 1917, pôs naturalmente na ordem do dia a separação entre a esquerda e a direita. Essa divisão foi ainda facilitada pela revolução de 25 de outubro², mas antes que ela fosse consumada, transcorreu um tempo assaz longo e que era rico das consequências mais perniciosas para a revolução russa. Durante os oito meses que transcorreram do final de fevereiro ao final de outubro, os chefes oficiais do Partido Socialista-Revolucionário tiveram o tempo não só de afastar-se, sem retorno possível, do socialismo revolucionário, mas cobrir de vergonha o partido aos olhos das massas dos trabalhadores, fazer-lhe perder a autoridade e a consideração de que havia gozado até ali.

Com o consentimento tácito do Comitê Central do Partido Socialista-Revolucionário, Kerenski e Savinkoff restabeleceram no front a pena de morte, impuseram a ofensiva de 18 de junho³, que provou ao proletariado e aos camponeses russos que o governo da “revolução”, em vez de lutar pela paz, era a favor da continuação da guerra.

Persistindo em permanecer em um governo no qual a burguesia era preponderante, o Partido Socialista-Revolucionário foi obrigado a permanecer inativo durante a época não apenas da realização como também da preparação efetiva de uma reforma agrária; em seguida, ele recusou-se pela boca de Kerenski a admitir a responsabilidade dos ministros e, enfim, consentiu nas represálias contra os socialistas-revolucionários de

² Calendário antigo.

³ Calendário antigo.

esquerda, notadamente na prisão dos internacionalistas do Partido dos Socialistas-Revolucionários Prochian e Ustinov, e dos membros dos comitês agrários, na suspensão dos jornais bolcheviques etc.

As fracas tentativas de Tchernov para modificar essa linha de conduta do Comitê Central, e para separar-se dos membros que desacreditavam o partido, foram paralisadas pelos elementos mais moderados do Comitê Central. E as inúmeras resoluções protestando contra essa política oportunista e que foram enviadas ao Comitê Central, nada mudaram de sua política funesta. Como outrora, o Comitê Central apoiou a coalizão e garantiu o nome do partido à atividade de Kerenski e de seus colegas. É evidente que tal situação não podia durar muito tempo.

A esperança dos socialistas-revolucionários de esquerda de ver os de direita mudar sua linha de conduta desfez-se; a única saída possível consistia numa cisão definitiva. Esta efetuou-se durante o IV Congresso do partido, algum tempo depois da revolução de outubro; ela foi, por sinal, acelerada pela vontade do Comitê Central, pela exclusão do partido de alguns camaradas que ousavam pensar diferentemente daqueles do Comitê Central, pela dissolução de toda a organização dos socialistas-revolucionários de Petrogrado, que fez sua a tese da ala esquerda, e, enfim, pela exclusão da facção dos socialistas-revolucionários do II Congresso dos Sovietes. Assim, uma vez purificada a atmosfera política pela insurreição de 25 de outubro, a linha de conduta dos socialistas-revolucionários de esquerda, no momento dessa revolução, já estava concluída pela análise que eles haviam feito anteriormente dos antagonismos sociais e do caráter da revolução russa. E, em Petrogrado bem como em Moscou, os socialistas-revolucionários de esquerda fizeram causa comum com a revolução, e se eles não foram os promotores, são, em todo caso, seus adeptos mais ativos.

Foi então que se realizou em Petrogrado o Congresso de todos os camponeses da Rússia. Nesse Congresso, após uma luta encarniçada contra os socialistas-revolucionários de esquerda, Spiridonova e Ustinov à frente, conseguiram aliar os camponeses às suas bandeiras, e isso malgrado a grande popularidade de que gozavam os socialistas-revolucionários de direita entre os camponeses, graças à propaganda gloriosa dos anos passados.

Ao mesmo tempo, os socialistas-revolucionários de esquerda tentaram unificar todos os partidos democráticos russos pela criação de um poder socialista unindo todos os partidos socialistas; e quando se tornou visível que essa união não era possível, os socialistas-revolucionários de esquerda ingressaram no governo dos operários e camponeses.

É absolutamente necessário ressaltar que a colaboração dos socialistas-revolucionários de esquerda com os bolcheviques foi determinada por um fator político de importância capital: os bolcheviques, nesse momento, abandonaram seu programa agrário marxista e recolocaram nas mãos do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda toda a questão agrária, confiando a esse partido sete pastas, entre as quais a da agricultura. De sorte que no momento da cisão, ocorreram os seguintes fatos, de importância capital: a queda do governo de coalizão; a entrada dos representantes dos socialistas-revolucionários de esquerda no governo dos Comissários do povo; a decisão concernente à questão da Constituinte.

Para os socialistas-revolucionários de esquerda, estava claro que só essa cisão podia tirá-los da situação insustentável criada pelos socialistas-revolucionários de direita no âmbito do antigo partido unificado. Foi nessas condições que ocorreu o primeiro Congresso dos socialistas-revolucionários de esquerda.

O II Congresso dos socialistas-revolucionários de esquerda, realizado em Moscou de 17 a 25 de abril de 1918, encontrou-se em condições completamente diferentes.

Depois de seis meses que o poder estava nas mãos do Conselho dos Comissários do povo, ou seja, desde que o governo passou a compor-se de representantes dos camponeses e dos operários, a revolução russa, liberada do entrave dos acordos com a burguesia, dera ao mundo inteiro uma amostra dos primeiros resultados da ditadura do proletariado e da classe camponesa.

Esses primeiros resultados consistiam na recusa em participar de uma guerra imperialista de pilhagem, na publicação dos tratados secretos, na anulação das dívidas do Estado, na publicação do decreto de socialização das terras, na nacionalização dos bancos, na separação

do Estado e da Igreja, no controle dos operários sobre a produção e na socialização desta, na organização dos sovietes dos operários e dos camponeses, na organização das instituições legislativas e executivas centrais e locais. E tudo isso havia sido criado na pesada atmosfera onde a Rússia inteira estava mergulhada na luta contra a contrarrevolução, contrarrevolução organizada amiúde com a participação de membros marcantes dos socialistas de direita.

Essa luta custou perdas cruéis aos socialistas-revolucionários de esquerda, pois eles sempre estiveram à frente do povo lutando por seu Direito. Tais são as principais etapas da revolução russa à frente da qual encontram-se desta vez os partidos revolucionários que são os bolcheviques-comunistas e os socialistas-revolucionários de esquerda.

Quando, no IV Congresso dos Sovietes, sob a influência de uma parte dos comunistas, ratificou-se o tratado de paz, assinado em Brest, em 18 de fevereiro, após o ultimato dos imperialistas alemães⁴, o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda considerou essa assinatura como o abandono do caminho reto no qual marchava a revolução russa: considerou essa assinatura como o abandono da ditadura dos trabalhadores e julgou necessário, de acordo com seus representantes no IV Congresso dos Sovietes, chamar de volta seus representantes do Conselho dos Comissários do Povo. Os socialistas-revolucionários de esquerda, adversários da capitulação ante o imperialismo alemão, haviam compreendido muito bem que os objetivos da burguesia mundial iam muito além da subjugação econômica e territorial da República russa dos sovietes, e que esses objetivos visavam algo mais importante, ou seja, a própria abolição dessa República dos Sovietes, e que o imperialismo alemão era, nessa hora histórica, o fiel executor dos objetivos da burguesia mundial.

O caráter quimérico da “trégua” preconizada pela ala direita do Partido Comunista é evidente, nenhuma necessidade de explicá-lo. Está perfeitamente claro que a política interna e externa estão intimamente ligadas uma à outra e que uma concessão feita à burguesia estrangeira implica uma concessão à burguesia russa. Tudo isso é perfeitamente claro, mas a

⁴ Calendário antigo.

maioria esmagadora do Congresso dos Sovietes adotou um outro ponto de vista: o ponto de vista da paz a qualquer preço, e os socialistas-revolucionários de esquerda não puderam agir de outra forma senão abandonar o governo e retornar para casa, na província, para lá se entregar ao trabalho de organização, a fim de dispor, no próximo Congresso, de uma força maior e ter atrás deles um número de vozes mais importante.

A pertinência desse ponto de vista e a retirada dos representantes do partido no seio do Conselho dos Comissários do povo foi submetido à ratificação do II Congresso do partido. Esse Congresso, em uma resolução que foi votada por 35 delegados contra 5 e 5 abstenções, aprovou essa tática.

E a prova de que os socialistas-revolucionários de esquerda viram corretamente foi dada pelo enorme aumento dos membros do dito partido; é que a opinião popular julgou como eles na questão da paz e da guerra.

Sem falar da Ucrânia, onde os socialistas-revolucionários de esquerda estão em toda a parte à frente do movimento, o Comitê Central recebe todo dia notícias do crescimento numérico do partido. Mui amiúde, nosso partido tem a maioria não só nos soviets locais, onde a maioria é camponesa, mas igualmente nos soviets de província dos delegados operários e camponeses.

Enfim, a melhor prova de que nossa tática é correta, é evidentemente fornecida pelos acontecimentos do último Congresso, onde os socialistas-revolucionários de esquerda romperam com os bolcheviques e onde já tinham 40% dos delegados, enquanto no congresso anterior, que ratificou a paz de Brest-Litovsk, os socialistas-revolucionários de esquerda eram só 238 contra 732 bolcheviques.

As etapas do desenvolvimento ulterior do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda estão intimamente ligadas aos últimos acontecimentos e são os resultados lógicos de toda a história desse partido.

H. G.

CRÔNICA DOS ACONTECIMENTOS SEGUNDO OS JORNAIS ALEMÃES E FRANCESES

Em 4 de julho de 1918, no Grande Teatro de Moscou, abriu-se, sob a presidência de Sverdlov, o V Congresso dos deputados dos soviets camponeses e operários.

Novecentos deputados haviam respondido ao chamado. Em um camarote encontravam-se os representantes da Entente; em outro, o representante do embaixador da Alemanha, M. Risler. Após as saudações habituais, a palavra foi concedida ao camarada Alexandrov, deputado da Ucrânia. Saudado por salvas de aplausos, Alexandrov disse:

Acabo de chegar da Ucrânia, onde reinam a burguesia e Skoropadski, apoiado pelos alemães. Chego ao país da ditadura de ferro dos operários e camponeses, onde, ao mesmo tempo, o representante do poder de Estado está em conversações com Skoropadski e tolera na Ucrânia a presença do chefe do imperialismo alemão, o conde de Mirbach.

(Vivos aplausos nos assentos dos socialistas-revolucionários de esquerda.)

Alexandrov denunciou em termos inflamados o regime de terror instaurado na Ucrânia pela Alemanha.

Os alemães foram à Ucrânia para conseguir trigo. Eles não o terão. Os camponeses recusam-se a ceder seu trigo, e cada vez que os alemães conseguem carregar trens de cereais, nós

os explodimos. Explodimos todos os depósitos de munições. Os alemães tentaram expedir às fábricas Krupp da Alemanha as imensas quantidades de aparelhos e máquinas das fábricas de aeroplanos de Odessa e Nicolaiev, mas explodimos tudo. Os alemães serão exterminados até o último na Ucrânia. Eles já pagaram com o sacrifício de mais de mil vidas por sua tirania. Desejo informar-vos, em nome dos operários e camponeses ucranianos, que a Ucrânia inteira encontra-se em estado de revolta contra o jugo austro-alemão.

E continuou dirigindo-se aos bolcheviques: “Vós concluístes a paz de Brest-Litovsk ao preço da liberdade ucraniana. Hoje, eu vos insto a ajudar-nos em nossa luta.” (Aqui, os delegados da esquerda, da direita e dos minimalistas saltam gritando: Abaixo a paz de Brest-Litovsk!) Alexandrov continuou: “Cremos fortemente que vós desejareis vir em nosso socorro, que não desejareis recusar as armas das quais necessitamos e que não esperareis que Mirbach vo-lo autorize.” Os delegados de esquerda levantaram-se todos mais uma vez aos gritos de: “Abaixo Mirbach! Abaixo a paz de Brest! Abaixo os lacaios de Mirbach!”

Foi só depois de grandes esforços que se pôde restabelecer a ordem. Ocorreu um novo incidente quando os socialistas-revolucionários de esquerda pediram a abolição imediata da pena capital.

Os bolcheviques ergueram-se contra a discussão imediata dessa questão e cenas violentas produziram-se. Os socialistas-revolucionários de esquerda gritaram: “Mirbach, lacaios, carrasco!”

Depois disso, Trótski tomou a palavra. Atraiu a atenção da assembleia para os perigosos sintomas que se manifestam no exército vermelho, do qual algumas unidades permitem-se, malgrado uma defesa absoluta, atacar as tropas alemãs na Ucrânia.

O chefe dos socialistas-revolucionários de esquerda, Kamkov, exclamou-lhe: “Kerenski!”, e Trótski respondeu: “Kerenski foi só o executor da burguesia”. “E vós”, gritam os socialistas-revolucionários de esquerda, “vós executais as ordens do conde de Mirbach.” Depois de Trótski, Kamkov tomou a palavra.

Ele afirmou que os delegados de esquerda continuarão a apoiar a revolta antialemã na Ucrânia e na Rússia e propôs à assembleia enviar um telegrama a todos os destacamentos russos que combatem na fronteira da Ucrânia e ao estado-maior das tropas ucranianas para encorajá-los a perseverar na luta. Kamkov continuou:

No front ucraniano não nos relacionamos com provocadores nem com tropas bêbadas, mas com pessoas a quem sua ideologia e sua mentalidade não permitem ser testemunhas passivas do esmagamento dos camponeses ucranianos pelos imperialistas alemães.

Eles não querem assistir humildemente ao massacre de nossos irmãos ucranianos, fuzilados por esses canalhas imundos.

Pronunciando estas palavras, Kamkov lançou um olhar para o camarote onde se encontrava o representante da embaixada da Alemanha.

Os socialistas-revolucionários de esquerda levantaram-se de seus assentos gritando a plenos pulmões: “Abaixo esses assassinos, rua, abaixo Mirbach!”

Em sua réplica, Trótski declarou que o Conselho dos Comissários do Povo e o Comitê Central dos Sovietes puniriam com firmeza os soviets locais e as unidades militares independentes; ele propôs uma ordem do dia nesse sentido. Em resposta a isso, Karelin declarou, em nome dos socialistas-revolucionários de esquerda, que eles não tomariam parte na votação e abandonariam a sala das deliberações. Sob esta declaração, todos os socialistas-revolucionários de esquerda abandonaram seus assentos e saíram da sala cantando a Internacional. Em seguida, uma ordem do dia foi aceita, estipulando que todas as questões concernentes à guerra ou à paz são da competência exclusiva dos comissários do povo e do Comitê Central dos Sovietes.

Nenhum outro grupamento da população pode decidir o que quer que seja com relação a essas questões, e todas as unidades do exército vermelho devem submeter-se às autoridades centrais.

Para concluir, convidam os delegados a desconfiar dos agentes que querem de novo tentar precipitar o país em uma guerra imperialista.

A sessão seguinte do Congresso foi consagrada a um relatório de Tchitcherin. Depois dele, M. Spiridonova, como representante do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, falou durante duas horas.

Ela criticou com vivacidade a política dos bolcheviques e citou inúmeros fatos apropriados a fazer luz sobre o que a política dos bolcheviques apresenta de funesto para o país. Lênin respondeu por um longo discurso a Spiridonova.

Em 6 de julho, às três horas da tarde, duas pessoas apresentaram-se ao conde de Mirbach. Elas eram portadoras de documentos entregues pela Comissão extraordinária de instrução para a luta contra a contrarrevolução, a sabotagem e a especulação. A entrevista mal começara quando os dois visitantes, que eram *Blumkin* e *Andreiev*, tiraram de seus bolsos pistolas brownings e dispararam seis tiros na direção de Mirbach e dos dois membros da delegação alemã presentes na entrevista, Risler e Muller. Esses disparos não atingiram seu objetivo, e foi apenas no sétimo disparo, feito no momento em que Mirbach fugia para o cômodo vizinho, que este o atingiu; a morte foi instantânea. Os terroristas escaparam pela janela do térreo lançando ainda uma bomba de tal força que os grandes vidros e numerosos objetos que se encontravam no aposento foram estilhaçados.

Os terroristas conseguiram chegar ao jardim, ultrapassar a cerca e partir em um automóvel que os aguardava. Uma hora depois, os comissários do povo, Lênin, Trótski, Tchitcherin, Karakhan e Radek foram à embaixada para exprimir suas desculpas e suas condolências pelo que acabara de ocorrer. No mesmo dia foi organizada uma comissão de investigação especial dirigida pelo comissário da justiça Stutchka, e a investigação começou imediatamente. Ao mesmo tempo, eclodia uma insurreição sob a direção dos socialistas-revolucionários de esquerda.

Pela boca de Spiridonova, que foi presa, o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda assumiu toda a responsabilidade pelo acontecimento e declarou que o assassinato de Mirbach havia sido perpetrado sob a ordem do Comitê Central do Partido dos Socia-

listas-Revolucionários de Esquerda. As tropas armadas dos socialistas-revolucionários de esquerda, compreendendo entre outros mil e cinquenta marujos vindos de Novorossisk, onde eles haviam afundado a frota do mar Negro, ocuparam o telégrafo e o palacete dos correios e prenderam o presidente do soviete dos deputados operários de Moscou, Smidovitch, o subcomissário do interior, Latzis, e o presidente da Comissão extraordinária de investigação, Dzerjinski.

A luta entre as tropas dos socialistas-revolucionários de esquerda e aquelas dos bolcheviques durou todo o dia 6 de julho e só terminou na noite de 7 de julho. A batalha ocorreu em diferentes ruas da cidade, notadamente próximo às casernas Pokrovski e na ruela de Leontiev, onde se encontra a sede do Comitê Central do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda e onde se refugiaram Andreiev e Blumkin após a execução do conde de Mirbach.

As tropas dos socialistas-revolucionários de esquerda, bombardeadas pelas tropas dos bolcheviques, tiveram de render-se. Elas foram desarmadas e seu chefe preso. Na noite de 6 de julho, os socialistas-revolucionários de esquerda, reunidos no Grande Teatro no momento em que a abertura do congresso dos deputados dos soviets deveria ocorrer, foram detidos como reféns. No mesmo dia, foi dada a ordem de suspender toda partida de trem. Os chefes mais respeitados dos socialistas-revolucionários de esquerda, Kamkov, Karelin, Maguevski, Fischmann, Tcherepanov, Golubovski e Trutovski ainda não foram presos e esconderam-se em Moscou. O automóvel blindado no qual queriam escapar alguns socialistas-revolucionários de esquerda teve de parar a sete quilômetros de Moscou por falta de combustível. As pessoas que se encontravam nele conseguiram ocultar-se e explodiram o automóvel. Segundo uma declaração de Lênin, na noite de 8 de julho, mil pessoas já haviam sido presas. Os delegados do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, encerrados no Grande Teatro, ainda permaneciam ali na condição de reféns.

Em 8 de julho, os acontecimentos seguintes ocorreram em Petrogrado. Depois que o governo foi informado do assassinato do embaixador alemão, ele ordenou que desarmassem as tropas do Comitê dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, e, em primeiro lugar, seu

Estado-Maior que se encontrava no prédio do Corpo de Pajens.

Depois das sete horas da noite, o Commissariado de guerra enviou um destacamento armado da Guarda Vermelha para propor ao Estado-Maior das tropas dos socialistas-revolucionários de esquerda que despussem as armas. Este respondeu por uma recusa. Em consequência a essa recusa, o Commissariado de guerra da comuna de Petrogrado deu a ordem à Guarda Vermelha, que se encontrava nas cercanias em trajes de combate, para avançar contra o prédio do Corpo de Pajens. Algum tempo depois apareceram os regimentos letão e da artilharia ligeira. Às 8 horas da noite, o Corpo de Pajens estava cercado pela Guarda Vermelha, que logo foi recebida pelo fogo da artilharia, por disparos de fuzis e por bombas. As tropas, então, viram-se na obrigação de empreender o bombardeio do prédio do Corpo de Pajens. Meia hora depois do começo desse bombardeio, os socialistas-revolucionários de esquerda içaram uma bandeira branca e enviaram parlamentares declarando que estavam prontos a entregar suas armas, sob a condição de que a segurança pessoal dos combatentes fosse garantida. Essas condições foram aceitas e as tropas dos soviets entraram no prédio, onde, após ter inscrito os nomes dos combatentes, eles os liberaram. Por volta das 10 horas da noite, a tranquilidade estava restabelecida nesse bairro, o único que se revoltou. O desarmamento dessa tropa operou-se sem qualquer incidente. Houve durante a escaramuça dois mortos e dois feridos do lado dos S-R de esquerda e dez mortos e quarenta e cinco feridos do lado da Guarda Vermelha.

O comandante de todas as tropas em campanha contra os tcheco-eslovacos, Muraviev, lançou em Simbirsk um apelo a seus soldados. Pedia-lhes para irem para Moscou para ajudar os insurgidos. Só uma parte de suas tropas acolheu esse apelo com simpatia.

Blagonravov, que o substituiu no comando de todas essas tropas, deu a ordem de prender imediatamente Muraviev. Quando este se viu cercado de soldados, estourou os miolos.

O Congresso dos Sovietes, de onde os socialistas-revolucionários de esquerda estavam ausentes, adotou a seguinte resolução, condenando a ação desse partido:

Os organizadores e os participantes no assassinato e na insurreição abusaram de sua situação como Partido dos Sovietes e da situação oficial de seus membros. O Congresso solicita a punição severa dos criminosos. As facções dos soviets dos socialistas-revolucionários de esquerda são solidárias com os criminosos. Não há lugar no Conselho dos deputados para tais organizadores.

A principal tarefa do poder dos soviets é a obtenção da paz. Caberá aos operários, camponeses e cidadãos honestos defender o país contra os imperialistas, apenas no caso de uma invasão estrangeira.

Esses acontecimentos tiveram sua coroação?

Um radiograma da agência telegráfica de Petrogrado anuncia de Moscou: em 15 de julho, o novo Comitê Executivo Central realizou sua primeira sessão sob a presidência de Sverdlov. Lênin fez o seguinte comunicado:

Ontem, 14 de julho, o Comissário do povo para os negócios estrangeiros visitou o representante diplomático da Alemanha, o dr. Rizler, que entregou recentemente uma carta recebida de Berlim e na qual seu Governo encarregava-o de pedir ao governo russo a autorização para mandar batalhões alemães para Moscou. Os batalhões alemães não tinham outro objetivo senão proteger a embaixada da Alemanha e não planejavam qualquer ocupação. De acordo com o Conselho dos Comissários do Povo, o comissário para os negócios estrangeiros respondeu:

“As massas populares russas querem a paz. O governo russo está pronto a mandar proteger suficientemente por suas próprias tropas as embaixadas, consulados e comissões, mas não pode, sob nenhuma circunstância, autorizar a entrada de tropas estrangeiras em Moscou. Todavia, porquanto o governo alemão deseja que os batalhões alemães entrem em

Moscou, respondemos, em nome de toda a Rússia dos soviets, que não podemos de forma alguma aquiescer a seus desejos, pois isso seria, de fato, o começo de uma ocupação da Rússia por tropas estrangeiras.

Nessa situação, nós nos veríamos obrigados a responder por uma mobilização geral, conclamar todos os operários e camponeses à resistência pelas armas e, a rigor, a uma retirada precedida pela destruição de todo o material de guerra, de todas as vias de comunicação e de todos os depósitos, a fim de nada deixar nas mãos do inimigo. Embora não a desejássemos, essa guerra tornar-se-ia para nós uma necessidade fatal e seria conduzida pelos operários e pelos camponeses, sob a direção do governo dos Sovietes, até o último suspiro”.

E. E.

RESOLUÇÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA

Em sua sessão de 24 de junho de 1918, o Comitê Central do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda (internacionalistas), após ter discutido a situação política atual da República, achou que é absolutamente necessário, no interesse da revolução russa e da revolução internacional, pôr fim, no mais breve período, ao pretensão armistício revolucionário que decorre da ratificação da paz de Brest-Litovsk pelo governo dos bolcheviques.

O Comitê Central do partido crê ser possível e oportuno organizar com esse objetivo uma série de atos terroristas dirigidos contra os representantes mais conhecidos do imperialismo alemão; ao mesmo tempo, o Comitê Central resolveu mobilizar, para a realização de sua decisão, forças militares de garantida fidelidade e fazer todo o seu possível para que os camponeses trabalhadores e o proletariado façam causa comum com os insurgidos e sustentem ativamente o partido nessa ação.

Com esse objetivo, foi decidido que, ao mesmo tempo, realizaríamos atos terroristas, declararíamos nos jornais que nosso partido participou dos últimos acontecimentos na Ucrânia, notadamente fazendo a propaganda entre os camponeses e provocando a explosão dos arsenais. Foi proposto fixar a época da realização dessas decisões durante a próxima assembleia do Comitê Central do partido.

Foi decidido, além disso, que prepararíamos todas as organizações

locais para a tática atual de nosso Partido e as convidaríamos a agir resolutamente contra a política atual do Conselho dos Comissários do povo.

Quanto ao modo como essa linha de conduta será inaugurada, foi decidido que a aplicação desses procedimentos terroristas deve iniciar-se sob um sinal emitido de Moscou. O sinal pode ser dado sob forma de ato terrorista ou sob uma outra forma. Para enumerar as forças do partido e distribuir a tarefa com vistas à realização desse plano, o Comitê Central organiza um *bureau* de três pessoas (Spiridonova, Golubovski e Maiorov).

Visto que a presente política do partido pode conduzi-lo, mesmo contra a sua vontade, a um conflito com o partido dos bolcheviques, o Comitê Central do partido adotou, após deliberação, a seguinte resolução:

Consideramos nossa ação como uma luta contra a política atual dos Comissários do Povo e de forma alguma como uma luta contra os bolcheviques. Entretanto, tendo em vista que estes últimos podem entregar-se a uma agressão contra nosso Partido, decidiu-se recorrer em semelhante caso às armas para defender nosso ponto de vista. Mas para que nessa luta, nosso Partido não seja utilizado pelos elementos contrarrevolucionários, decidiu-se fazer imediatamente o necessário para explicar a atitude adotada por nosso Partido e adotar uma política firme de internacionalismo consequente e de socialismo revolucionário na Rússia dos soviets.

Uma comissão de quatro camaradas: Kamkov, Trutovski, Karelin e Prochian, foi encarregada de estabelecer as linhas diretrizes de nossa tática e de nossa política, e fazê-las conhecidas por artigos inseridos no órgão do partido.

Anotação de Spiridonova:

Alguns pontos da presente resolução foram adotados por unanimidade, alguns outros por unanimidade menos um voto ou por todos os votos contra uma abstenção.
Assinado: M. SPIRIDONOVA

POR QUE SOMOS CONTRA
A PAZ DE BREST-LITOVSK

POR I. STEINBERG

POR QUE SOMOS CONTRA A PAZ DE BREST-LITOVSK

Atravessamos atualmente uma época verdadeiramente singular. Se hoje perguntardes a um simples operário ou camponês russo: “Temos atualmente a *paz*?”, ele só poderá responder dizendo: “Sim, enfim terminamos a maldita guerra e concluímos a paz com a Alemanha, a Áustria e outras potências”. Mas, se logo em seguida, perguntardes ao mesmo operário ou camponês: “Não estamos atualmente em estado de guerra?”, ele responderá quase com a mesma convicção: “Evidentemente, nosso país encontra-se em um verdadeiro estado de guerra”. Em qual caso nosso suposto interlocutor teria razão? Em que situação nós nos encontramos atualmente na República dos Sovietes: em estado de paz ou em estado de guerra?

Por um lado, vemos que os embaixadores alemães e turcos residem na capital de nossa República, em Moscou; que eles estão em relações com nossas autoridades; que eles prometem viver conosco em “amizade e concórdia”. Nossos próprios embaixadores estão instalados em Berlim e Viena, e um representante da Rússia dos soviets reside na capital do imperialismo alemão triunfante.

Por outro lado, nós todos observamos com inquietude que, malgrado a paz de Brest-Litovsk, as tropas alemãs avançam em todas as partes de nosso país, a Ucrânia e a Crimeia já estão ocupadas por elas. Apoderaram-se da Transcaucásia por intermédio da Turquia, submetida à sua potência; elas já esmagaram os operários e os camponeses da Finlândia apaixonados por liberdade; já chegaram ao Don; aproximam-se de Kursk e Voronezh. O soldado alemão passa atualmente pela terra dos operários e camponeses russos, não como um vizinho benevolente, que vem concluir uma amizade fiel, mas como um inimigo vencedor destruindo tudo pelo ferro e pelo fogo.

É evidente para todo mundo que um tal estado de coisas não

é nem a guerra, nem a paz, mas um estado especial, criado pelas condições complexas da vida russa, bem como da vida estrangeira. Como chegamos a isso e que importância a paz de Brest-Litovsk tem para nós? – Eis as questões que deve responder ante o povo cada partido político.

Busquemos, nós socialistas-revolucionários de esquerda, responder a essas questões.

A REVOLUÇÃO ATÉ O MÊS DE OUTUBRO¹

Para compreender a situação atual, é preciso lançar um olhar sobre o passado recente, porque os acontecimentos de hoje emanaram inteiramente de lá.

Todo mundo lembra-se muito bem com que brilho resplandeceu entre nós a *Grande Revolução russa* do mês de fevereiro² do ano passado.

Todas as classes, todas as camadas da população, todos os partidos e todas as nacionalidades da Rússia lançaram juntos um último suspiro de alívio; sentiram-se irmãos pelo espírito e pelas esperanças. O absolutismo dos tzares, que oprimia em graus diferentes as diversas classes por um regime de vergonha e de crime, conduziu o país até à miséria e a derrotas sangrentas; atolado na lama das intrigas da corte ele havia reunido quase todo mundo em um sentimento comum de ódio contra ele. Quando foi derrubado e, sobre suas ruínas bem recentes, encontraram-se pela primeira vez pessoas de condições e posições diferentes, pareceu, por um momento, que um mesmo pensamento e interesses idênticos uniam ricos e pobres, grandes proprietários fundiários e camponeses, donos de fábricas e operários. Pareceu, então, a muitas pessoas imprevidentes, que a revolução era nacional, que havia um programa comum, um plano comum para o trabalho doravante incumbindo a todas as classes do povo russo.

¹ Todas as datas estão indicadas segundo o calendário russo (velho estilo).

² Todas as datas estão indicadas segundo o calendário russo (velho estilo).

Isso, evidentemente, era só ilusão, e a vida logo fez com que desaparecessem todas essas esperanças. Uma vez passados os primeiros dias de festa, as classes começaram a examinar cada uma seu legado, e compreenderam que cada uma delas esperava outra coisa da revolução. A burguesia, os ricos, as classes ricas e parasitárias (grandes proprietários fundiários, capitalistas e banqueiros) esperavam que, após a queda do poder ininteligente dos tzares, conseguiriam continuar a *guerra* com mais talento. A burguesia esperava tirar o tanque de guerra do atoleiro no qual estava irremediavelmente atolado, atrelando nele o povo liberado. A revolução era, ao que lhe parecia, o melhor meio de fazer avançar doravante o tanque de guerra destinado a proporcionar-lhe grandes lucros e vantagens e conquistar-lhe novos territórios.

As classes pobres e oprimidas, os camponeses laboriosos e o proletariado das cidades, projetavam a revolução de modo muito diferente. A revolução liberadora prometia-lhes outros presentes. Esperavam da revolução *a terra e a liberdade*, mas em primeiro lugar *a paz*.

O camponês laborioso, cansado da vida de escravidão suportada durante séculos, o operário trabalhando sem repouso para o lucro do dono da fábrica e do negociante, exigiram, um, o retorno da terra a seu legítimo senhor, e isso sem indenização; o outro, a instituição do controle operário sobre a produção industrial, bem como das liberdades e dos direitos políticos verdadeiros. Mas bem sabiam que não obteriam nenhuma dessas três coisas antes de ter posto um termo à guerra, que exaure as forças, os recursos e a própria alma do povo. Sem reflexões e sem livros científicos, o soldado russo (e quase todos os camponeses e operários russos igualmente) sabia que não necessitava da guerra, que não era para ele que ela havia sido empreendida, que não seria ele que colheria seus frutos ensanguentados. Já sob o jugo do czar, ele adivinhava confusamente que a guerra só é útil à burguesia de todos os países, que esquentas as mãos no incêndio mundial, que semeia o rancor e o ódio entre os trabalhadores de todos os países, forçados a verter o sangue de seus irmãos. À luz ofuscante da revolução e graças à liberdade da palavra, ele abriu definitivamente os olhos para a triste realidade da guerra. Eis por que sua primeira reivindicação foi *a paz!*

A *paz* não só para a Rússia, mas a *paz* para todos os soldados de todos os países beligerantes, a *paz* concluída não em proveito dos capitalistas e para a glória dos tzares, mas a *paz* para a igualdade e a fraternidade dos povos trabalhadores.

Desde o início da revolução, a burguesia e os trabalhadores consideraram a guerra diferentemente. Os acontecimentos ulteriores só fizeram acentuar essa divergência histórica e inevitável.

Já em 13 de março do ano passado, o soviete dos deputados dos operários e soldados de Petrogrado dirigiu aos operários de todos os países um apelo convidando a todos para se colocarem em defesa da obra da paz, a obrigar seus governantes a renunciar às conquistas e admitir o princípio de uma “*paz* sem anexações nem contribuições, e do direito dos povos de dispor livremente de si próprios”.

O Soviete de Petrogrado esperava, evidentemente, que depois desse apelo o governo provisório dirigisse imediatamente às potências aliadas (Inglaterra, França, Estados Unidos e Itália) a oferta para deliberar juntos sobre as condições do armistício e da *paz*. Entretanto, as coisas passaram-se de uma forma completamente diferente.

O governo provisório, composto quase exclusivamente de representantes dos proprietários fundiários e dos capitalistas, jogava um hábil jogo duplo. No interior do país aparentava aliar-se à divisa da paz, emitida pelo Povo revolucionário; mas em sua política exterior ele não se afastou um só passo da política czarista. Continuou sua amizade com as potências aliadas e com seus embaixadores; em nada mudou os objetivos de guerra, nada empreendeu para abrir as conversações de paz.

As coisas ficaram assim até o final de abril. Foi então que *Mi-liukov*, ministro dos negócios estrangeiros, enviou às potências aliadas uma declaração de nossos objetivos de guerra, na qual até mesmo um cego teria podido ver que tudo permanecia como no passado e que o sangue do soldado russo verteria de novo por objetivos que lhe eram estranhos. Então, um fragor de indignação disseminou-se por todo o país, e o governo burguês caiu. O governo que lhe sucedeu era um governo de coalizão, misto, composto pela metade de representantes

da burguesia e de representantes dos trabalhadores. O guia espiritual desse governo era *Kerenski*. Conquanto o governo contasse em seu seio inúmeros socialistas, sua política exterior não se distinguiu absolutamente daquela do governo precedente.

Os novos ministros marchavam lado a lado com nossos “aliados”. Sob esse governo, os verdadeiros senhores dos negócios do Estado não eram o operário e o camponês russos, mas os embaixadores inglês, francês e estadunidense. Evidentemente, não eram os interesses da Revolução russa que eles defendiam, mas aqueles da burguesia internacional.

E como eles viam que nosso exército revolucionário, que o campo e a cidade sentiam uma aversão cada vez maior por essa guerra, e estavam cada vez menos dispostos a pagar “o imposto de sangue”, decidiram provar aos “aliados”, por fatos, a fidelidade de nossa amizade.

Em 18 de junho, a ofensiva foi ordenada ao nosso exército.

Nós nos lembramos de todas as consequências dessa ofensiva. O exército, que aspirava ardentemente à paz e confiava, nessa questão, nas forças da revolução, foi profundamente desiludido. Ele perdeu a confiança em seus chefes, perdeu a coesão interior, decom pôs-se. A ofensiva teve para nós um fim deplorável e ocasionou-nos imensas perdas.

O povo compreendeu, então, que não se fazia nada de sério pela obra da paz, e que, como na época dos tzares e na época de *Miliukov*, ele era só um brinquedo nas mãos dos poderosos desse mundo. O povo convenceu-se igualmente que nada se fazia pela melhoria de sua situação econômica. A terra continuava nas mãos dos grandes proprietários fundiários; os patrões ainda mandavam livremente nas fábricas. A indignação elevava-se cada vez mais, no entanto, o governo de *Kerenski* não compreendia nada. Como anteriormente, era conduzido pela coleira pelos hábeis diplomatas estrangeiros e por nossa burguesia nacional.

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Enfim, o golpe de Estado de outubro eclodiu com estrépito. Desta vez, o poder passou para as mãos dos camponeses e operários, para as mãos dos dois partidos representando seus interesses: os bolcheviques e os socialistas-revolucionários de esquerda. Foi a partir desse momento que a revolução adquiriu uma verdadeira liberdade de ação. Mas devemos acrescentar que ela havia recebido de herança de todos os governos anteriores um fardo muito pesado. Herdara de um povo esgotado na nostalgia da paz, e de um exército quase decomposto pela chaga da desconfiança e do desespero. O frescor e a força heróica que o povo havia ressentido em si mesmo após a revolução de fevereiro, tinham declinado durante a longa espera e pelos males suportados.

Malgrado isso, o governo dos operários e camponeses, apoiado pelo povo, começou ousadamente a luta pela paz. Foi ele, enfim, e só ele, quem se decidiu a fazer o que todos os governos anteriores recusavam-se tão obstinadamente: dirigiu a todas as potências inimigas e aliadas a oferta para concluir um armistício em todos os fronts, para passar em seguida às conversações de *paz*. E foi aqui que se revelou o valor da amizade de nossos aliados: malgrado reiteradas ofertas, eles não consentiram em entrar em conversações com vistas a um armistício. Era-lhes naturalmente igual que a obra da revolução russa afundasse na miséria e no sangue. Mas o objetivo de salvar seus próprios povos de uma guerra interminável também não os atraía: eles pensavam obstinadamente em “vitórias” sobre os alemães.

Foi então que o nosso governo entrou por sua conta em conver-

sações com a Alemanha e a Áustria: logo o armistício foi concluído e as negociações de paz começaram em Brest-Litovsk.

Nenhum operário, nenhum camponês jamais deve esquecer a via dolorosa mas gloriosa que a Revolução russa seguiu em Brest. Nossos plenipotenciários reuniram-se com os diplomatas e os generais alemães, não só pela Rússia, não só pelos interesses desta. Seu pensamento e seu sofrimento eram pela *paz de todos os povos*. Hoje os numerosos detratores do poder dos soviets já esquecem muitas coisas desse passado recente, coisas que os trabalhadores não poderiam esquecer.

Quando o armistício foi concluído, os plenipotenciários russos exigiram que não lançassem as tropas alemães no front ocidental, onde os alemães combatiam os franceses e os ingleses. A Revolução russa demonstrou por isso mesmo que ela pensa mais nos trabalhadores franceses e ingleses morrendo nos campos de batalha do que em seus protetores “naturais”, seus governos “legítimos”. Nós quisemos trazer para as conversações com vistas ao armistício todos os povos da Europa, malgrado a vontade criminosa de seus governos.

Entretanto, mesmo depois disso, nem a França, nem a Inglaterra tomaram parte na obra comum de *paz*. Elas também não participaram, em seguida, quando as negociações de paz começaram. Depois que nossos delegados explicitaram com toda a franqueza seu programa de paz, programa que reproduzia palavra por palavra a declaração do Soviete de Petrogrado, datada de 13 de março (ver página 111), os alemães publicaram seu programa. O que mais surpreendia neste último, é que em palavras ele adotava nossas exigências fundamentais: terminar a guerra “sem anexações nem contribuições, e com o direito para os povos de dispor livremente de seu destino”. Mas se colocava a isso uma condição expressa, a saber, que todas as outras potências beligerantes associem-se a essa paz. Em outros termos, a Alemanha e a Áustria, naquele momento, tinham tal necessidade de uma paz imediata, que estavam prontas (naquele momento ao menos em palavras) a renunciar às conquistas e, inclusive, a retroceder à situação de antes da guerra.

Foi um grande momento na história. A Revolução russa encontrou-se naquele momento em seu ponto mais alto, pois mesmo os sa-

queadores imperialistas dos governos espoliadores deviam submeter-se às suas palavras de ordem. Era preciso apenas obrigar igualmente os ladrões das outras potências, das potências que eram nossas “aliadas”, a participar das negociações de paz. E se as conversações gerais de paz tivessem então efetivamente começado, se a classe operária de todos esses países tivessem podido obrigar seus respectivos governos a unir-se a essa obra, que triunfo teria sido para a Revolução russa, para a revolução internacional!

Infelizmente, os camponeses e os operários da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos ainda não tiveram a força de pressão necessária, e seus governos tomaram a oferta da Alemanha por um sinal de fraqueza. Eis por que não só eles não tomaram parte nas negociações entre a Rússia e a Alemanha, mas nem sequer responderam aos reiterados apelos dirigidos a eles pela Rússia. Preferiram abandonar sua antiga “aliada” – a Rússia –, deixá-la face a face com a Alemanha imperialista. Depois disso, o inevitável começou: um doloroso duelo entre a Rússia revolucionária e a Alemanha reacionária.

Como outrora Davi, fraco e mal armado, lutava contra o vigoroso Golias, do mesmo modo a República dos Sovietes encontra-se sozinha, armada apenas com o espírito revolucionário, em luta com o rapace alemão recoberto de ferro e aço. Apoiava-se nas negociações de paz, não sobre as baionetas e as montanhas de munições, mas sobre essa grande *verdade* de paz e liberação de classes, que ela trazia para si mesma e para todos os soldados extenuados de todos os povos. Durante as negociações de Brest-Litovsk, ela considerava como seus aliados os operários e os camponeses dessa mesma Alemanha e da Áustria, dessa mesma França e da Inglaterra.

Os pilhas alemães, deixados frente a frente com os plenipotenciários dos soviets, pensavam arranjar-se facilmente e rápido com eles, no que concerne aos diferentes territórios, povos e vantagens; esperavam levar para casa sua tropa de pilhas coberta do pavilhão de “belas palavras russas”. Sorteavam os povos da Polônia, da Letônia, da Lituânia, da Ucrânia e pensavam cegar os revolucionários russos “limitados” e ignorantes. Enganaram-se cruelmente, pois durante três meses os plenipotenciários russos desvelaram diante do mundo in-

teiro os projetos anexionistas dos diplomatas alemães e não cederam nem sequer uma pequena parcela dos direitos sagrados pertencentes aos pequenos povos que caíram sob a dominação das armas alemãs. Embora os imperialistas alemães sufocassem cuidadosamente o eco ruidoso das palavras dos plenipotenciários russos em Brest, esse eco disseminou-se através da Alemanha e da Áustria e chegou, apesar de tudo, aos ouvidos dos operários alemães. E quando, por cima dos altos biombos erguidos pelos cuidados dos patrões, as ardentes centelhas da revolução russa voaram nos pequenos cômodos dos operários alemães, uma onda de greves e demonstrações percorreu a Áustria e a Alemanha. Não foi só em uma única cidade e em um único grupo de operários, mas em quase todas as grandes cidades, fábricas e usinas que milhares de operários puseram-se em greve e proclamaram sua reivindicação de uma paz embasada nas condições colocadas pela Revolução russa. Evidentemente, esse movimento ainda não podia ser considerado como o começo da revolução na Alemanha, mas significava que uma brecha fora feita na “lealdade” das massas trabalhadoras alemãs, que elas haviam cessado de crer nos contos de seus senhores em relação à paz civil, que elas começavam a coordenar seus esforços com a ação de nossa revolução. Os diplomatas alemães reunidos em Brest compreenderam, então, que aliados e que fiéis aliados os diplomatas russos ganhavam na própria Alemanha, e eles apressaram-se a pôr fim às conversações.

Pediram a aceitação sem condições de suas proposições de espoliação. Os plenipotenciários russos responderam a isso com uma recusa.

23 de fevereiro – eis ainda uma data que jamais deve ser esquecida por qualquer operário ou camponês que seja. Nesse dia, em Brest, na fortaleza do imperialismo conquistador, a Revolução russa declarou vigorosamente uma vez mais sua profissão de fé revolucionária. Não assinaremos vossa paz – declararam nossos delegados – pois ela entregaria ao imperialismo as classes trabalhadoras de uma série de pequenos povos. Não assinaremos uma paz que não libertará, mas reduzirá à escravidão povos, que vos dará, bandidos da guerra, o direito de falar da utilidade e das vantagens de uma guerra. Mas, ao mesmo tempo, não continuaremos a guerra com os povos alemão, austríaco,

turco e búlgaro, porque não admitimos nem mesmo pensar que eles marcharão de novo sob vossa direção contra a pacífica Rússia revolucionária; nós desmobilizaremos nosso exército. *Não fazer a guerra e não assinar a paz* – eis como a revolução russa respondeu às solicitações impudentes do imperialismo alemão. Devemos acrescentar que não havia nesse momento na República dos Sovietes um único partido socialista que não aprovasse essa atitude. No Comitê Executivo Central, nem mesmo uma única mão ergueu-se contra a resolução que aprovava os atos de nossa delegação.

AGRESSÃO DO IMPERIALISMO ALEMÃO

Fez-se a calmaria. Parecia que a situação permaneceria estável por algum tempo, que os generais alemães não conseguiriam recomeçar a guerra com a Rússia. Mas as coisas aconteceram, uma vez mais, como segue. Vendo que a República dos Sovietes havia desarmado seu exército, que ela não aceitava o apoio das potências aliadas, o imperialismo alemão decidiu que o momento de agir chegara para ele. Decidiu que não só se oferecia para ele uma ocasião favorável para aumentar seus territórios às expensas da Rússia como também conseguiria nessa mesma oportunidade esmagar a República dos Sovietes como tal. Durante os três meses de conversações em Brest, o imperialismo alemão já havia compreendido que poderosa arma de libertação para os operários de todos os países forjava-se na Rússia e que perigoso “contágio” revolucionário espalhava-se da Rússia dos soviets para a Alemanha. A Alemanha monárquica, a Alemanha dos fidalgos provincianos, a Alemanha burguesa, podia admitir que existisse ao lado dela uma república onde o poder pertencesse por inteiro aos operários e camponeses, onde toda a terra fosse transmitida ao povo sem indenização, onde o operário estabelecesse seu controle nas fábricas e nas usinas, onde não houvesse mais um exército composto de soldados escravos?

O imperialismo alemão conseguiu reunir alguns corpos de tropas e lançá-los sobre a Rússia operária e camponesa desarmada. As tropas de Guilherme ocuparam Dvinsk e avançaram sobre Pskov, ao final de fevereiro.

O que devia fazer o poder do soviete? Assinar as condições da paz alemã? Não, ele não podia fazer isso, pois, não mais tarde que 23 de fevereiro³, ele havia declarado ante o mundo inteiro que não entregaria os pequenos povos, que não abaixaria a bandeira revolucionária diante das pretensões do imperialismo rapace. Durante esses oito dias, não ocorreu mudança suscetível de fazer-lhe modificar suas teses. A anexação pelos alemães de tal ou qual cidade, de tal ou qual território não atingia a Revolução; ao contrário, esse procedimento só podia golpear os planos e os projetos dos pilhas alemães. Depois do que havia ocorrido durante as conversações de Brest, desde que a política de lealdade da nova Rússia, visando ao bem-estar de todos os trabalhadores, aparecera claramente à classe operária alemã, o movimento dos alemães não podia mais certamente contar com a simpatia dos operários alemães. E ainda mais: havia motivo para supor que a entrada dos soldados alemães no interior de um país revolucionário os aproximaria dos operários e camponeses russos, e os conduziria mais rápido à decisão de paz geral, bem como àquela da revolução geral.

Não se devia assinar a paz, mas, ao mesmo tempo, a República dos Sovietes também não podia declarar a guerra à Alemanha. Ela não o podia porque seu exército estava desmobilizado; ela não o podia porque o imperialismo alemão teria instigado o patriotismo de suas massas ignorantes. Mas isso não significava evidentemente que a Rússia dos soviets devia colocar-se à mercê de qualquer destacamento alemão, entrando nas cidades e aldeias russas, reduzindo pela força e suprimindo os soviets dos deputados dos operários e camponeses, fuzilando os revolucionários e os militantes populares. Ter-se-ia podido acreditar que, ao contrário, em todo lugar onde viessem as tropas alemãs comandadas por oficiais emanados da nobreza, em todo lugar onde elas realizassem sua obra nefasta de subjugação das classes, em todos os lugares os operários e camponeses *revoltariam-se* espontaneamente contra seus opressores. Quando se dissolvessem os soviets, quando os soldados alemães trouxessem na ponta de suas baionetas os antigos direitos dos proprietários fundiários, dos capitalistas e dos negociantes, então a *guerra civil*, praticada recentemente contra os

³ Calendário antigo.

proprietários fundiários, capitalistas e negociantes russos, recomeçaria naturalmente contra os soldados alemães. Lá onde a coisa fosse possível, a Revolução russa tentaria exercer uma influência moral sobre os soldados alemães por sua propaganda; mas ali onde fosse impossível agir de outro modo, defender-se-ia contra a violência pela força até o momento em que a classe operária da Alemanha, da Áustria e de outros países viesse em seu socorro.

É dessa maneira que nós, socialistas-revolucionários de esquerda, consideramos o estado das coisas nesses dias difíceis. Sonhamos em passar à grande obra criadora social, mas malgrado isso compreendemos, com uma grande dor, uma coisa: *não devíamos assinar a paz alemã, mas engajar o povo*, que sofre os abusos da força de pessoas cegas, que se encontra sob a direção dos bandidos conscientes do capital, *na revolta de classe*.

RESPOSTA DO PODER DOS SOVIETES

Entretanto, mais uma vez as coisas ocorreram de outro modo. Produziu-se uma divergência de opiniões entre os dois partidos, até então solidários, dos socialistas-revolucionários de esquerda e dos bolcheviques. Nas fileiras do partido dos bolcheviques prevaleceu a opinião segundo a qual a Rússia dos soviets estava naquele momento fora de condição de combater, forçada a assinar a paz alemã, quaisquer que fossem as condições. À frente dessa corrente encontrava-se Lênin, um dos chefes e guias da Revolução de outubro, um dos homens mais devotados à causa da Revolução.

Ele conseguiu convencer a maioria de seu partido que nas condições do momento, era impossível que a República dos Sovietes assumisse a responsabilidade de lutar por suas condições de paz internacional, e que o povo precisava de uma trégua para recuperar pouco a pouco suas forças com vistas ao futuro. Esse ponto de vista logo se tornou aquele da maioria do Comitê Executivo Central e do IV Congresso dos Sovietes em Moscou.

Essa mesma opinião era partilhada por todos os soldados ávidos de paz, por todos os camponeses inconscientes dos vilarejos longínquos, que pensavam mais em seu vilarejo do que nos interesses do conjunto da República; por todos os fracos e todos os desencorajados que acreditavam ser impossível continuar a luta revolucionária. Para todos esses grupos da população laboriosa, a assinatura da paz parecia talvez penosa, mas ela parecia-lhes como o melhor meio de sair da si-

tuação criada: parecia-lhes que, graças à paz, – qualquer paz que fosse – os trabalhadores da Rússia poderiam retornar ao seu trabalho pacífico e criador; que, sofrendo uma humilhação no exterior, poderíamos, contudo, fortalecer-nos no interior. Eis por que todas essas camadas da população faziam-se de surdas em relação ao nosso Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, que as advertia. Elas não se decidiam a examinar atentamente as condições da paz que nos era imposta, e repetiam apenas com desespero e teimosia: a paz, qualquer que seja, desde que nos deixem descansar. Só a maioria operária das maiores cidades, só as camadas dos camponeses laboriosos mais conscientes votaram conosco contra essa paz. Mas elas estavam em minoria no Congresso – 300 contra 700 – e sua vontade não foi lei.

Mas qual paz o poder dos soviets assinou?

CONSEQUÊNCIAS DA PAZ

(FINLÂNDIA, UCRÂNIA, ARMÊNIA)

Os operários e os camponeses devem dar-se conta da maneira mais clara, mais precisa, desse aspecto da questão. Isso porque, atualmente gozando da plenitude do poder político, os trabalhadores da Rússia não podem lançar sobre ninguém a responsabilidade do destino ulterior do país: nem sobre o czar, nem sobre os funcionários, nem mesmo sobre a burguesia. A partir de agora, são apenas os trabalhadores da Rússia que guiam o carro do Estado dos soviets, e é seu dever apreender muito bem o que acontece. Antes de tudo, a paz alemã retira da República dos Sovietes regiões e províncias imensas, reduz suas fronteiras, encurta-a em quase um terço. Essa diminuição *territorial* da República é perigosa e triste para ela; não que queiramos, custe o que custar, ser uma grande potência, nem que necessitemos oprimir com nossa grandeza o mundo inteiro. Não! Os projetos das grandes potências recendem sempre para os Estados atuais a pólvora e sangue, porque é em seu nome que começam as guerras criminosas, é em seu nome que oprimem os pequenos povos, é em seu nome que desviam os operários e camponeses de sua luta revolucionária cotidiana. A Rússia dos tzars e dos proprietários fundiários tinha os hábitos das grandes potências capitalistas; ela fundava sobre estas a glória sanguinária do “trono e da pátria”, nutrindo a nobreza corrupta e parasitária. Era a ambição de posar de grande potência que virava a cabeça

de nossos imperialistas, de nossos “cadetes” e de nossos grandes capitalistas, quando eles cantavam um hino à Constantinopla, à Galícia ou à Armênia. Não é tal ou qual território, ou tal denominação de um território que são caros ao camponês ou ao operário; o que lhe é caro é a *população trabalhadora* que habita esse território e o *regime social* sob o qual ela vive. A alma da Revolução está aflita não só porque várias regiões estão atualmente separadas da grande Rússia, mas também porque essas regiões passaram do poder da *revolução* ao poder da reação, ao poder dos proprietários fundiários, dos tzares e dos capitalistas. Os operários e camponeses que havia pouco lutavam lado a lado conosco pela verdade socialista, pelo poder dos soviets, pela liberação da terra e do trabalho, habitam atualmente territórios ocupados pelos alemães. Ainda bem recentemente, nós nos encontramos com eles nos Congressos dos Sovietes dos deputados dos operários e camponeses de toda a Rússia. Há pouco tempo, lançamos juntos os fundamentos da República federativa, dos Estados Unidos da Rússia. Agora eles estão separados de nós por uma alta muralha, e de tal sorte que o regime social que construímos aqui é destruído lá, do outro lado da muralha, por uma mão inimiga.

Sim, nesse sentido, a República russa bem que gostaria de ser uma grande potência: ela quer ser uma *Grande Potência de Revolução* e de socialismo; ela quer, pouco a pouco, estender seus Estados Unidos sobre a Europa, depois sobre os Estados Unidos, depois sobre o mundo inteiro.

A paz de Brest desviou-nos de repente dessa tarefa de extensão. Ela privou-nos do socorro e da cooperação revolucionária de milhões de operários e camponeses conscientes e privou-os, por sua vez, de nosso concurso e de nossa cooperação. O território da revolução social não só diminuiu, mas – o que é ainda pior – a parte separada desse território caiu sob o poder de um regime social contrarrevolucionário, antissocialista.

Lembremo-nos mais uma vez de que territórios se trata.

Segundo o tratado de Brest, é-nos proibido intervir nos assuntos da Finlândia. É fácil pronunciar essas palavras oficiais, insignificantes em sua forma exterior; mas é preciso desvelar todo o horror do que

recobrem essas palavras. No momento das conversações de Brest, a Finlândia democrática já havia realizado seu golpe de Estado socialista: o poder estava nas mãos dos operários. Entre as duas Repúblicas dos Sovietes, a Rússia e a Finlândia, as mais íntimas relações fraternas haviam-se estabelecido.

O tratado regulando suas relações recíprocas, assinado no começo do mês de março, provava isso. Essa amizade fortaleceu-se sobretudo quando todas as classes burguesas desse país ergueram-se contra “a Finlândia vermelha”. Mais avançada no campo econômico e político, a Finlândia burguesa conseguiu acumular para a luta grandes forças de combate, e, na sequência, pediu socorro à burguesia sueca e alemã.

Quando o proletariado finlandês começou sua luta heróica, a República dos Sovietes prestou-lhe seu concurso. A República-mãe não teria podido conduzir-se de outra maneira em relação a seu filho espiritual. Os finlandeses combateram por longas semanas, sentindo sempre atrás deles a retaguarda revolucionária de Petrogrado e vendo em suas cidades os camaradas da Rússia morrerem pela causa comum. A paz de Brest pôs fim ao sonho socialista dos operários finlandeses: a Rússia engajou-se a retirar suas tropas da Finlândia. Mas a burguesia finlandesa tornou-se ousada: ela uniu-se abertamente às tropas alemãs e começou a vencer os proletários vermelhos. Ao mesmo tempo, o poder dos soviets viu-se obrigado a desarmar em sua fronteira os militantes proletários, forçados a retirar-se. E, de fato, os vencedores finlandeses não se limitam à sua vitória interior: eles já tentam aproximar-se de Petrogrado; já atacam certas partes da região de Arkangelsk. São os ricos e os abastados que são atualmente os vencedores na Finlândia. Pode-se duvidar de que maneira eles agirão com os sonhadores e os militantes que, ao chamado da revolução russa, ergueram também entre eles a bandeira da revolta? Os vencedores burgueses estabelecerão ali um regime frio, morto e atroz, a fim de extirpar de uma vez por todas o espírito de revolta. Essa Finlândia “constituída” tornar-se-á nossa vizinha do norte, nossa fronteira do norte.

De acordo com o tratado de Brest, a Rússia dos soviets não tem também o direito de intervir nos assuntos da Ucrânia, sua Finlândia interior, e ela deve concluir a paz com seu governo legítimo. Essas

palavras modestas contêm novamente imensas consequências. Desde o começo da revolução, massas trabalhadoras ucranianas sublevaram-se não só pela libertação, como também pelo direito de governar soberanamente sua pátria. A cada um de nossos governos, a Ucrânia reivindicou a autonomia nacional nos limites da Rússia. A essa legítima reivindicação, que as massas populares subjugadas e humilhadas sempre dirigem à revolução, nossos governos burgueses e de coalizão opuseram-se, contudo. Por isso mesmo eles expunham-se às exigências nacionalistas as mais turbulentas, por isso mesmo inflamavam nas massas inconscientes o veneno do ressentimento nacional e da discórdia, por isso mesmo eles rejeitavam a um plano secundário os interesses *sociais*, vitais da Ucrânia. Havia, naturalmente, na Ucrânia, hábeis políticos que fizeram de um desacordo com nossos governos cegos, um desacordo fundamental entre a Ucrânia e a *Grande Rússia*; eles exploraram esse conflito por manobras astutas e mistificaram a massa.

Em Kiev constituiu-se a Rada, que, em nome da “Ucrânia Livre”, entravou o desenvolvimento da consciência de classe entre os operários e os camponeses ucranianos, e ao mesmo tempo reavivou, por todos os meios, os protestos de ordem nacional.

Quando o golpe de Estado de Outubro eclodiu e que a Ucrânia obteve imediatamente sua autonomia política, produziu-se na Rada uma nova crise. Seus inspiradores e chefes burgueses compreenderam que o regime dos soviets ia estender-se igualmente por toda a Ucrânia, que a terra e as fábricas seriam entregues definitivamente ao poder e ao controle dos operários e dos camponeses. E eles começaram a buscar um pretexto para liberar-se de todo vínculo com Petrogrado, com a Grande Rússia, como diziam; nós diríamos melhor: com a República dos Sovietes. Procuravam impedir a luta contra os partidários de Kornilov, que são notórios contrarrevolucionários; pelas costas do poder dos soviets eles entraram em relações com diferentes potências, combateram a ação dos soviets na Ucrânia.

Mais tarde, começou uma sangrenta guerra civil entre os partidários da Rada burguesa e aqueles dos soviets, guerra na qual a vitória pendia claramente para o lado dos soviets. A Rada foi expulsa de Kiev, e foi então que ela consumou sua última obra de traição. Para

evitar o perigo social, que vinha da “Grande Rússia”, ela realizou um ato covarde de traição nacional em relação a seu povo. Declarou sua completa independência da Rússia, concluiu uma paz separada com a Alemanha e a Áustria, e pediu socorro às baionetas alemãs.

Repetiu-se o quadro já pintado na Finlândia: em ambos os casos a força militar estrangeira devia esmagar o jovem movimento social dos trabalhadores. Evidentemente, as forças alemãs em muito facilitaram à Rada a luta contra o governo dos soviets da Ucrânia, que teve de errar de uma cidade a outra.

Nesse momento ocorreu a paz de Brest, que forçou a Rússia a *reconhecer* tudo que se passara na Ucrânia e concluir um tratado precisamente com a Rada. O que isso significava? Significava, nem mais nem menos, que a República dos Sovietes recusava seu socorro aos operários e camponeses da Ucrânia em luta por sua emancipação. Isso consistia em entregar definitivamente aos grandes proprietários fundiários e aos burgueses os soviets que as classes laboriosas da Ucrânia haviam feito eclodir em seu país e sobre os quais elas fundavam tão grandes esperanças. Isso significava criar ao lado da Rússia revolucionária um novo país imenso onde reinaria novamente o capital, onde a terra voltaria de novo a um senhor forte, no qual o patrão seria uma vez mais o tzar e o deus nas fábricas. Isso significava cercar-se, não só ao norte, mas também ao sul, de um regime de proprietários fundiários e burgueses, que diminuiria a envergadura de nossa revolução social e frearia seu desenvolvimento. E aqui é preciso acrescentar imediatamente que pelo mesmo fato o regime econômico da Ucrânia não se constitui apenas sobre os modelos ucranianos, mas igualmente segundo os modelos alemães e ucranianos.

As classes burguesas da *Alemanha* e da *Áustria* estão de posse da “Ucrânia Livre”, e não apenas as reivindicações sociais, mas também as legítimas reivindicações nacionais das massas trabalhadoras tornaram-se vãs.

A Rada, que nunca teve raízes profundas no povo, que ficou à mercê das armas alemãs, que instituiu seu poder com a ajuda das baionetas de Guilherme, não podia, evidentemente, falar com a Alemanha

de igual para igual. Ela tornou-se um simples brinquedo nas mãos dos imperialistas alemães.

Desse modo, a paz de Brest abandonou à Alemanha mais do que estipulava o *papel* do tratado de Brest: abandonou à Alemanha a Ucrânia operária e camponesa inteira. Quais são os limites dessa Ucrânia? Essa questão passou sob silêncio no tratado de Brest. Em relação a isso, recebemos informações pouco a pouco, e nem mesmo de Kiev, mas de Berlim. No início, declarou-se que ela se comporia das nove províncias seguintes: Kiev, Tchernigov, Poltava, Kharkov, Kherson, Volínia, Podólia, Ekaterinoslav e Táurida. Todavia, mais tarde, as tropas ucraniano-alemãs avançaram e ocuparam as províncias de Kursk, Voronezh, bem como a região de Don, e é atualmente difícil indicar os limites de seus apetites. Decerto não é difícil adivinhar que aqui já não se trata de “fronteiras” da Ucrânia, mas daquelas do imperialismo alemão, que, aproveitando-se da fraqueza do país, fortifica sua retaguarda alimentar e metálica. Mas se não temos mais aqui poder ilusório da Rada, vemos que cada avanço do vencedor alemão é seguido pelo esmagamento dos soviets, pelo restabelecimento do poder dos proprietários fundiários e dos capitalistas, pela expulsão e pelo assassinato dos socialistas. E, certamente, a deposição da Rada e a transmissão pelos alemães do poder ao governo composto de grandes proprietários fundiários e industriais era só uma questão de tempo.

É impossível evitar o que deve acontecer. A tinta com a qual assinaram a paz de Brest ainda não estava seca e a casta militar alemã já mostrava o verdadeiro objetivo de sua dominação na Ucrânia. O general-comandante de suas forças, Eichhorn, ordenou, de início, aos camponeses, que semeassem imediatamente todas as terras e as devolvessem *aos proprietários fundiários*, se não tivessem condição de semeá-las eles próprios e com suas próprias sementes. É fato que a preocupação com seu próprio aprovisionamento passa, em geral, antes de qualquer coisa; mas ele prossegue abertamente o restabelecimento do antigo regime agrário. Logo se realizou um congresso dos proprietários fundiários da Ucrânia que exigiu abertamente a supressão dos comitês agrários que distribuíam a terra. Ao mesmo tempo, os representantes da indústria e do comércio pediram ao go-

verno da Ucrânia (isto é, à Rada), nada mais nada menos que “a conservação da propriedade privada da terra, bem como a abolição do pretense controle operário e o abandono de todas as tentativas de nacionalização das empresas.”

“O princípio da propriedade privada deve estar na base da vida econômica”, declaravam os espoliadores que sentiam que era sua vez de triunfar. “Os proprietários devem ser completamente restabelecidos no direito de administração de suas empresas”. Eis, francamente espremidos, os pensamentos que reinam na cabeça dos ex-senhores absolutos da vida; esses senhores esperam com impaciência o momento para restaurar sua dominação, e o comando alemão, que trazia em seus vagões de carga a base da “ordem” burguesa e da legalidade econômica, apressou-se a satisfazer os projetos dos proprietários fundiários bem como dos industriais: dispersou a Rada e transmitiu-lhes o poder. É assim que a paz de Brest prepara o cerco da República dos Sovietes dando-lhe mais um vizinho burguês.

Segundo o tratado de Brest, a Rússia renuncia a toda influência sobre o destino da Polônia, da Lituânia e das províncias bálticas (Curândia, Estônia e Livônia). É verdade que a República dos Sovietes ofereceu aos povos habitando essas regiões o direito de determinar livremente seu futuro político, deixava-lhes toda liberdade para unir-se à Rússia ou à Áustria e à Alemanha, ou ainda permanecer completamente independentes. Os plenipotenciários russos, durante as conversações de Brest, travaram uma longa luta para salvaguardar o direito desses povos de dispor de si mesmos. E eis que, com a assinatura da paz alemã, o destino de todos esses povos foi decidido não por sua livre vontade, mas pelos desejos pessoais dos imperialistas da Áustria e da Alemanha. Os poloneses, os lituanos, os letões e os estonianos tiveram de abandonar completamente seu sonho de introduzir em sua vida nacional novas bases para a organização do trabalho. A mão pesada do proprietário fundiário e do barão deverá determinar o destino dos muitos milhões de trabalhadores que se preparavam a uma outra vida, vida coletiva com a Rússia dos soviets. O destino mais triste foi aquele da heróica população laboriosa da Livônia e da Estônia que forneceu os regimentos letões, os mais ousados, os mais revolucionários, que

criaram em seu território os mais sólidos sovietes dos deputados dos operários e camponeses.

Mas a Armênia também, esse país que sofreu muito na mão de ferro da Turquia, e que já estava liberada em grande parte, retornou, após a paz de Brest, à Turquia, e isso malgrado os desejos dos trabalhadores. Ela não retornou sozinha, mas com novas regiões (Kars, Batum, Ardahan). A população trabalhadora desse país associara-se estreitamente e havia muito, à obra da revolução russa, e partilhara seus frutos. Desse modo, os operários e camponeses da Armênia, não só não aproveitaram o direito de livre disposição, proclamado por todos os povos, mas recaíram do Estado dos Sovietes e da Revolução ao Estado do despotismo e da autoridade privada dos proprietários fundiários. Foi assim que a República dos Sovietes foi obrigada a renunciar, em virtude do tratado de Brest, a muitas de suas repúblicas filhas. Foi assim que ela cortou de seu *corpo vivo grandes* partes saudáveis e prósperas. Milhões de camponeses e operários conscientes, e que haviam despertado para a vida revolucionária, afastaram-se dela, e privaram-na, ela mesma, de seu socorro, quando ela própria também não podia socorrer-lhes. Por isso mesmo, a República dos Sovietes cercava-se de um estreito anel dos povos esmagados, aniquilados, reduzidos à escravidão. Aceitando a paz dos pilhas, ela não suscitou, ao seu redor, na República russa, nem heroísmo, nem desejo de uma luta ulterior; bem ao contrário, engendrou a desmoralização e o enfraquecimento da vontade.

CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA PAZ

Mas talvez a paz de Brest só tenha arrancado da República dos Sovietes seus verdadeiros amigos e seus irmãos de armas e enfraquecido-a no *exterior*. Talvez tenha dado, por outro lado, ao resto da Rússia dos soviets, a possibilidade de dedicar-se inteiramente, no *interior*, ao trabalho social criador. É assim?

Segundo o tratado de Brest, todos os direitos civis e as liberdades de que gozavam no interior da Rússia antes da guerra os cidadãos alemães, austríacos e búlgaros devem ser-lhes conservados. Isso significa que todas as grandes restrições sociais que foram impostas por nossa revolução ao capital agrário, industrial, comercial, assim como ao capital de banco, não se estenderão ao capital alemão. Isso significa que, se nos limites da República dos Sovietes, um capitalista, um negociante, um banqueiro ou proprietário fundiário é cidadão alemão, ele fará fracassar toda obra, todo espírito da revolução social. Se um pedaço de terra qualquer pertence a um alemão, o povo revolucionário não poderá colocá-lo em usufruto dos trabalhadores; ou, então, poderá fazê-lo, mas sob a condição de comprá-lo do proprietário privado. Assim, no país onde se realiza a socialização da terra, a propriedade privada da terra é parcialmente restabelecida.

Se uma empresa qualquer, uma fábrica, uma usina ou oficinas pertencem totalmente ou mesmo em parte a um cidadão alemão, o poder dos soviets não poderá instituir o *controle* dos operários sobre

a produção dessa empresa, pois isso equivaleria a uma intromissão no domínio dos direitos civis de um proprietário privado. Se todas as ações, ou até mesmo a maioria das ações de um banco qualquer pertencem a um alemão, o poder dos soviets não poderá organizá-lo segundo suas opiniões, não poderá transmitir ao povo o direito de fruição e a direção desse banco. Se as dívidas de nossos empréstimos estrangeiros, que foram anuladas pelo poder dos soviets, pertencem a um alemão, elas deverão ser pagas até o último centavo.

Em outros termos, todas as grandes reformas sociais por meio das quais o poder dos soviets fazia passar a Rússia do âmbito de um Estado burguês àquele de um Estado de trabalhadores, não serão aplicáveis ao capitalista originário do Estado vencedor do país revolucionário. Desnecessário dizer que os capitalistas de todos os outros países trabalhando na Rússia, e antes de tudo o capitalista russo, procurarão igualar seus direitos àqueles do capitalista alemão. E, para isso, ele não terá grande coisa a fazer: bastará ceder, mesmo ficticiamente, seus direitos econômicos a um alemão, austríaco ou turco; por intermédio desse testa-de-ferro, o burguês russo, que havia sofrido com o poder dos soviets, renascerá com toda a sua força e com toda a sua glória.

Já antes da revolução de outubro, e mais ainda depois, observou-se que em várias regiões da zona do chernozem (terra negra), qualquer um apoderava-se das terras dos proprietários fundiários russos.

Esse fato pareceu estranho porquanto a terra, segundo a lei revolucionária, cessava de ser uma mercadoria e perdia seu valor pecuniário; mas atualmente é compreensível, pois, por intermédio do capital estrangeiro, os proprietários fundiários russos poderão restabelecer seu direito de proprietários e senhores da terra. Por hora, ainda é difícil determinar a importância desse açambarcamento das terras dos proprietários fundiários, mas se pode dizer com certeza que a conta que será apresentada ao poder dos soviets pela antiga propriedade fundiária será imensa. No caso mais favorável, isto é, se o poder dos soviets conseguir recuperar todas as terras, ele só poderá fazê-lo por meio de indenização. A socialização da terra não poderá realizar-se, tal como fora concebida pela revolução e pelos camponeses laborio-

sos, mas apenas segundo a maneira admitida pelos ex-proprietários fundiários, que já pareciam mortos e enterrados. O mesmo certamente acontecerá com o industrial russo, com o negociante e com o banqueiro. Se, como cidadão russo, ele é obrigado a submeter-se às leis do controle operário nas fábricas, nas usinas ou na nacionalização dos bancos e outros ramos da produção, em contrapartida, fazendo-se um abrigo ao nome de um cidadão alemão ou austríaco, ele assegurará completamente seus interesses de classe. Nós já soubemos há muito tempo pelos jornais que um monte de dívidas dos bancos privados russos, bem como das empresas industriais, são revendidas a alemães, diretamente ou por intermediários fictícios. E, certamente, basta que uma bandeira alemã tremule em uma empresa desse tipo, ou que, ao lado de um burguês russo, comande um burguês alemão para que a mão do poder dos soviets abaixe impotente ante a porta dessa empresa. A burguesia de todos os países está estreitamente ligada; infelizmente, ela está ligada mais estreitamente do que os trabalhadores de todos os países entre si. Ainda que, durante essa guerra, a burguesia russa tivesse, mais do que todas as outras classes, ardido com um ardor belicoso, essa mesma burguesia russa entender-se-á de imediato, e sem longas reflexões, com a burguesia alemã, austríaca etc., para defender seus interesses de classe. E, se for preciso aparecer sob um falso nome, a burguesia dirá: meu nome te interessa? E ela concluirá com a burguesia alemã uma união secreta e fiel.

Mas se a burguesia alemã recebe no país dos soviets tais direitos, uma outra burguesia, a burguesia “aliada” fará *démarches* para obter uma situação análoga. Que princípios sólidos e razoáveis poderá opor-lhes o poder dos soviets? Se as dívidas contraídas com empréstimos estrangeiros, que caíram em mãos alemãs, devem ser inteiramente pagas, a mesma coisa logo será exigida também pelos capitalistas dos países aliados. Se for preciso também lhes ceder, o que resta de nossa anulação dos empréstimos? Mas quando uma parte dos bancos ou das empresas industriais tiver caído nas mãos dos capitalistas alemães ou de pretensos alemães, quando em suas empresas não tiver nem controle operário, nem qualquer outra vigilância por parte do poder dos soviets, eles farão evidentemente

a mais forte *concorrência* às empresas russas nas quais as leis dos soviets estarão em vigor. Certamente, durante muito tempo ainda, a experiência capitalista e a habilidade econômica vencerão a economia popular, que está se reconstituindo sobre as novas bases do Estado dos trabalhadores.

Qual será o resultado dessa ingerência do capital estrangeiro no Estado russo dos soviets?

Disso resultará que *nem mesmo uma única* das reformas sociais da Revolução de outubro realizar-se-á inteiramente na República dos Soviets: cada uma delas terá suas exceções, que aumentarão incessantemente em número. Nem a socialização da terra, nem a nacionalização dos bancos ou de outros ramos da indústria, nem o controle operário, nem a anulação dos empréstimos exteriores, nenhuma dessas grandes reformas realizar-se-á na pátria dessas reformas. A burguesia fortificar-se-á lentamente, mas com perseverança, de início no campo econômico. Mas é evidente que essa recrudescência de força econômica logo se transformará em um crescimento da força *política*. A burguesia começará a restabelecer seus direitos. É assim que a paz de Brest, começando pela capitulação externa, será forçada a passar à capitulação interna, à rendição das posições sociais da Revolução de outubro, igualmente no interior do país.

FRAQUEZA ECONÔMICA

A República dos Sovietes está enfraquecida não só em sua política interna; ela logo sentirá também sua fraqueza econômica. A paz de Brest retira-lhe *as raízes materiais* e *os meios* que a nutrem, fazendo dela a presa do capital austro-alemão. As regiões atualmente arrancadas da Rússia não estavam unidas a este país unicamente pela comunidade da luta, mas também pela unidade *econômica*. A Ucrânia nutria o norte industrial com seu trigo; a bacia do Don fornecia metais e carvão; o Cáucaso, hulha de petróleo. O norte, por sua vez, abastecia todas essas regiões com seus produtos industriais. Mas, atualmente, todas as riquezas naturais da Ucrânia, do Don e do Cáucaso, caem sob a severa vigilância do imperialismo austro-alemão, elas todas servirão ao bem-estar dos interesses desse imperialismo. A República dos Sovietes, extenuada por anos de guerra dolorosa, e os meses, não menos dolorosos, vividos sob os primeiros governos “revolucionários”, experimentará uma penúria das coisas mais necessárias para apenas se reerguer. E, ao mesmo tempo, ela saberá que aquilo de que necessita é exportado para a Alemanha e a Áustria, onde servirá ao açambarcamento ulterior das forças, à continuação e ao prolongamento da guerra.

A Rússia dos soviets terá colocado, por assim dizer, por suas próprias mãos, uma nova arma nas mãos da Alemanha beligerante. Devemos falar da ação tranquilizadora que devem produzir os aprovisionamentos russos sobre as classes dos trabalhadores alemães reduzidos à miséria? Devemos ainda acrescentar como o afluxo dos produtos

naturais frescos vindos do Oriente enfraquecerá a força revolucionária das massas trabalhadoras alemãs? Um dos mais terríveis perigos que ameaçaram os chefes imperialistas da Alemanha, o perigo da fome, do esgotamento, da miséria, é fortemente atenuado pelos recursos que a paz de Brest põe nas mãos desses chefes.

INFLUÊNCIA INTERNACIONAL

Essa paz também fez outra coisa: enfraqueceu a *influência internacional* de nossa revolução. Desde os primeiros dias da Revolução, sabíamos que ela não poderia resolver seus grandes problemas sociais, que não poderia vencer completamente a guerra senão com o apoio e a colaboração ativa dos operários e dos camponeses da Europa. Mas se o sucesso da Revolução russa dependia da Europa, a Rússia, por sua vez, influenciava muito a Europa por seu exemplo contagiante, por sua marcha viril em meio aos espinhos, por seus sofrimentos heróicos. As revoluções, certamente, não se realizam em nenhum lugar unicamente sob a influência dos bons exemplos, mas sabemos que o terreno se prepara desde há muito pela Revolução nos países europeus, e que ele amadurecerá durante essa guerra. A guerra acumulará em todos os países beligerantes matérias inflamáveis em demasia, muita indignação ardente e revolucionária. Basta um primeiro despertar de um país para que toda essa fermentação revolucionária informe transforme-se em grande fator de revolução. Tal era a Rússia e tal é atualmente. Mas a paz de Brest levou a importância de nosso país a um grau inferior. *Pois nossa capitulação*, nossa rendição à mercê do vencedor, *fortaleceu* não só materialmente, mas também moralmente *o imperialismo alemão*. Deu-lhe a possibilidade de colocar-se à frente das massas inconscientes como triunfador e dispensador de vantagens para as camadas operárias, pois lhe deu a possibilidade de apontar a impotência de um país revolucionário, que podia obrigar a servi-

lo. Nossa capitulação fortaleceu ao mesmo tempo *o imperialismo da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos*, pois o triunfo do imperialismo alemão sobre a Rússia deu um pretexto favorável às classes dirigentes desses países para excitar os sentimentos patrióticos dos operários e dos camponeses ingleses e franceses, para dar aos capitalistas franceses e ingleses a possibilidade de lançar novamente em seus países um apelo à “união de toda a nação” pela defesa nacional.

Eis as consequências internacionais da paz alemã: as palavras e os sentimentos ultrapassados e desmoralizantes vieram viciar novamente (sem dúvida por pouco tempo) a atmosfera revolucionária que a luta e os sofrimentos da Rússia produziam na Europa. *O patriotismo agressivo*, o bom entendimento com a burguesia ou a deferência em relação a esta, justificado pelos espetaculares sucessos obtidos na guerra, eis o que renascerá na Alemanha e na Áustria. *O patriotismo defensivo*, o bom entendimento com a burguesia ou a deferência em relação a esta última, por causa das sangrentas derrotas sofridas durante a guerra, eis o que renascerá na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos.

VAI-SE A ESPERANÇA

Mas a pior e a mais perigosa consequência da paz de Brest não consiste apenas nos fatos há pouco indicados. O perigo não consiste só na diminuição dos limites *geográficos* do país, no tremor *econômico* sofrido pelo organismo revolucionário, na compressão das esperanças justas dos pequenos povos e no fato de que eles são afastados do posto onde teriam podido exercer uma influência internacional ativa. Uma outra coisa é mil vezes mais perigosa: o esfriamento, *o enfraquecimento, a mortificação espiritual*, produzidos pela paz de Brest, pois a Revolução russa não se rendeu num último combate decisivo, ou sob a ameaça de um machado erguido acima de sua cabeça. Ela rendeu-se sem resistir, sem nem mesmo *tentar* um combate. Ante os povos angustiados, ela declarou com perseverança e desespero sua impotência, sua fraqueza desesperada, sua anemia política. A partir do momento em que a decisão de assinar a paz de Brest foi aceita, a impotência e a fraqueza afundaram o país. Todo mundo queria pensar na paz, somente na paz – embora a realidade desfizesse esses sonhos a cada dia. E se em uma parte do país a luta começava, ora contra os “gaidamaks” (membros da Rada), ora contra os bandos alemães, ora contra a contrarrevolução romena, as outras partes do país, embora vizinhas, buscavam evitar o socorro fraternal. Quando, por exemplo, a Ucrânia dos soviets perecia sob os golpes dos imperialistas, o Don vizinho não tinha o desejo de erguer-se para prestar-lhe ajuda. Os trabalhadores do Don, encantados com a visão de paz de Brest, não in-

tervinham para salvar os trabalhadores ucranianos, esperando assim preservar da agressão dos invasores *sua* região, *suas* fronteiras.

Evidentemente, todas essas esperanças eram insensatas, pois a ruína de uma região produz inevitavelmente a ruína das regiões vizinhas. Pregar a paz, qualquer que seja, mesmo ruínosa, é enfraquecer a obra da revolução social, privar de vontade os camponeses e os operários, forçá-los a habituar-se às humilhações de classe, à reconciliação das classes. A paz de Brest deu a todos os fracos, a todos aqueles que tinham perdido a coragem, aos medrosos, àqueles que fugiam do combate e da sublevação, um pretexto legítimo para acalmar-se e acalmar os outros em detrimento da realidade.

O QUE A REALIDADE PROVOU

Tais são as consequências da paz de Brest, que não pode ser chamada de outra forma senão de paz contrarrevolucionária. As consequências são numerosas, e é claro que essa paz não deveria ter sido concluída. E, atualmente, só três meses após a assinatura, todas as razões citadas em seu favor parecem bem estranhas. Falou-se de “trégua”, de “descanso” que o povo trabalhador ganhará. Esse próprio descanso não era uma vã esperança? Deixou-se ao povo o tempo e o lugar necessários para reunir e preparar suas forças?

De todos os lados, os inimigos imperialistas espremem a Rússia dos soviets. As grandes potências não lhe dão nem trégua, nem tempo. Uma tormenta ininterrupta de notas e declarações abate-se por parte da Alemanha sobre o poder dos soviets: mal temos o tempo de responder por protestos às violências cometidas contra nós. Nossos inimigos ocupam as melhores e mais ricas partes do país, e sobre o antigo território dos soviets restabelece-se o regime dos proprietários fundiários e dos capitalistas. As cidades e os vilarejos da Crimeia já estão ocupados e as autoridades dos soviets da Táurida estão em fuga. O Don está ocupado, e de lá foge a jovem República dos Sovietes, cedendo o lugar aos generais contrarrevolucionários. O Cáucaso está ocupado e suprime-se ali o livre regime da vida, resultado do trabalho de várias gerações. Petrogrado encontra-se sob constante ameaça. Os destacamentos alemães invadem as regiões de Voronezh e Kursk. E o povo debilitado não tem forças interiores, não tem fé interior na possibilidade da resistência.

Mas as potências “aliadas” apresentam suas reivindicações, preparam *démarches* desconhecidas contra a Rússia dos soviets. Ora no Norte, ora no Extremo Oriente, percebemos o ruído de seus passos suaves, furtivos, mas ainda assim perceptíveis. Temendo que os alemães apoderem-se sozinhos de nossos recursos e de nossas riquezas naturais, nossos “aliados” também se apressam a tomar parte na partilha dessas riquezas. Ora por intermédio do Japão, ora diretamente, eles buscam agir sobre esse poder dos soviets, buscam dobrá-los a serviço de seus interesses. Em suma, a República dos Soviets, vigorosa pelos projetos, ousada em seus primeiros meses, torna-se quase um brinquedo sem vontade nas mãos das potências imperialistas, um objeto de ameaças e intimidações contínuas.

É esse o “descanso” com que sonhou o povo?

Não está claro para todo mundo que a luta é inevitável?

Mas se a luta é inevitável, é preciso agir sem tardar. É justamente agora que o povo vê e compreende que se trata de uma luta de classes. Atualmente, os operários e camponeses discernem muito bem com que objetivo e no interesse de que classe as baionetas alemãs avançam: as chagas dos camaradas mortos ainda são demasiado recentes.

A luta dos trabalhadores contra a burguesia que nos invade do exterior e contra a contrarrevolução que a secunda no interior, eis o sentido da luta que se desenvolve lentamente neste momento e cuja natureza é clara para todo mundo. Mais tarde, quando a noção das causas dessa luta começar a apagar-se na consciência das massas, a luta contra a Alemanha e a Áustria assumirá a forma de uma luta nacional, de uma luta de Estado. E ela servirá, então, não a esclarecer a consciência dos trabalhadores, mas a fazer prevalecer palavras de ordem e máximas burguesas, provocar novas explosões de sentimentos patrióticos que ligarão novamente, em nome de tarefas interessando pretensamente todo o povo, as classes trabalhadoras às classes possuidoras. É um grande perigo, pois as jovens gerações serão educadas nos hábitos de rancor e ódio nacional, e esse rancor sufocará os germes da fraternidade mundial dos trabalhadores, criados pela Revolução.

O povo revolucionário não pode suspender sua luta na espera de

alguma ocasião mais favorável. Se ele o faz no presente para ter uma “trégua”, permanecerá petrificado, como a sentinela que, lutando com o sono e contra o frio, durante uma noite de inverno, persuade-se de que cerrará os olhos por apenas dois minutos. Mas pobre dessa sentinela se cede a seu desejo: basta-lhe cerrar os olhos por um instante para que durma para sempre.

O mundo trabalhador está atrozmente fatigado; sente saudade de sua charrua, de sua bancada. Ele quer esquecer a trincheira distante, ser chefe de família, trabalhador, cidadão. Sabemos de tudo isso em nosso Partido, partido de operários e camponeses laboriosos. O partido mostra-lhe contudo os perigos pelos quais a República dos Sovietes está ameaçada. Não podemos subtrair-nos das exigências cruéis da vida, não podemos ocultar-nos para escapar delas: é preciso dar às questões desse tipo que se colocam, uma resposta direta e honesta. A República dos Sovietes, arruinada e esgotada, ameaçada por todos os lados pelos pilhas do mundo inteiro, pilhada em suas riquezas naturais, separada de milhões de seus irmãos de armas, não poderá viver por muito tempo se não lutar por sua existência. Perecerá antes que a revolução internacional venha em seu socorro. Sucumbirá e enterrará por muito tempo sob suas ruínas os mais orgulhosos, os mais belos sonhos da humanidade. Mas se ela luta por sua obra sagrada, se todos os operários e camponeses conscientes erguem-se por ela, se por seus sofrimentos e pela grandeza de seu gênio ela desperta o mundo inteiro dos famintos e dos escravos, então não tardará a ver a realização da revolução mundial e a ajudará a nascer.

COMO SE DEVE LUTAR?

Como a República dos Sovietes deve lutar? A essa questão, damos uma resposta clara. O exército revolucionário dos camponeses e dos operários não poderia ser criado violentando a livre vontade dos trabalhadores, nem lhes impondo o serviço militar obrigatório. O exército da Revolução social não pode compor-se senão de trabalhadores que se juntarem a ele *por sua plena vontade*. Só aqueles em quem arde a chama sagrada da Revolução, que compreendem o perigo mortal do qual ela está ameaçada, que sentem o laço do sangue unindo as diferentes partes da República dos Sovietes – só esses trabalhadores podem *pegar em armas* contra o imperialismo que nos mata.

Esse recurso às armas por parte das classes oprimidas contra o poder do capital que marcha sobre elas é inevitável, mesmo que isso pudesse parecer a alguém que ele desenvolve-se demasiado lento. Imediatamente após a ocupação da província de Pskov e das províncias bálticas pelos destacamentos alemães, a *sublevação dos camponeses* começou a crescer. Por uma experiência atroz, por um triste exemplo, os camponeses dessas regiões souberam o que pode ser o retorno ao poder dos proprietários fundiários e dos capitalistas: não um direito igual ao trabalho e à terra, mas um direito igual à miséria e à escravidão, – eis o que traz com ele para essas regiões o capital vitorioso. Não é a paz e a calma para os fatigados, mas a vingança atroz e o castigo impiedoso que traz o homem rapace vitorioso, o proprietário fundiário.

Mas é na Ucrânia que o capital vinga-se com mais crueldade da

perturbação e da humilhação por que passou. Eis por que nos vêm de lá notícias de sublevações camponesas cada vez mais frequentes.

A essas sublevações desordenadas deve somar-se uma insurreição organizada em todas as regiões da República dos Sovietes.

Os operários e os camponeses das regiões *ocupadas* pelo inimigo de sua classe devem beneficiar sempre do socorro fraternal dos trabalhadores das terras *livres* de nossa República. Os operários e os camponeses de todos os países devem ser informados de nossa ação e convencer-se de que lá onde o poder dos soviets existiu, ainda que uma única vez, nem a propriedade privada, nem a bacanal da autoridade privada dos senhores, nem o reinado do capital já não podem estabelecer-se de um modo durável.

É a essa luta tenaz que convidamos. Apelamos apenas àqueles que estão em condição de compreender seus interesses de classe e seu dever revolucionário. Dizemos uma vez mais ao operário e ao camponês: se não compreendes o perigo mortal com que te ameaça a paz de Brest, se não superas o acesso de fraqueza que te assalta atualmente, cairás, apesar de tudo, sob os golpes da contrarrevolução. Mas se pedes ajuda à tua antiga bravura revolucionária, e tu te colocas de novo nas fileiras para a batalha, se o temível ruído do avanço vitorioso de tua classe percorre de novo o mundo, darás novas forças de vida ao movimento revolucionário internacional. Se há atualmente entre os trabalhadores muitos retardatários, fatigados de espírito, sem crer nas forças da revolução, é preciso dizer-lhes tranquila e firmemente: “Para trás, temerosos! Ide ao trabalho, tranquilo e criador, à cura de vossas chagas causadas pela guerra, ao restabelecimento da ordem econômica estremeçada, vós todos que não tendes mais confiança nas forças combativas da Revolução social! Que as fileiras, mesmo pouco numerosas à primeira vista, mas valentes e firmes, cerrem-se em torno da bandeira da sublevação pela luta decisiva, talvez a última.

As massas populares afluirão para essa bandeira mais tarde, assim que o fulgor da luta, do sofrimento e da vitória resplandecerem em torno dessa bandeira revolucionária.

A paz de Brest enfraqueceu fortemente o espírito revolucionário

do povo. Mas a mesma paz reanimará no povo o entusiasmo revolucionário, pois os operários e camponeses da República dos Sovietes sabem muito bem o que faz com que cada linha desse “tratado de paz” seja um grito de dor e uma lamentação. A paz de Brest é-lhes um apelo perpétuo para fazer três coisas que resumiremos a seguir:

Camponeses, defendei vosso direito à terra!

Operários, defendei vosso direito ao trabalho!

Trabalhadores, defendei vosso direito ao poder!

POSFÁCIO

UM ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO RELATIVO ÀS POSIÇÕES DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA (RÚSSIA 1917/1918)

Em relação a isso, nesta manhã, enquanto arrumava minhas flores com um zelo meticuloso, folheando eventualmente meu atlas botânico para nele verificar um detalhe qualquer, nesta manhã, portanto, tive bruscamente o sentimento de que eu me equivoquei intencionalmente ao embalar a ideia de que continuo a levar uma vida humana normal, enquanto, na realidade, reina ao meu redor um clima de fim do mundo. Talvez sejam especialmente as duzentas “execuções de reféns” de Moscou, que li ontem no jornal, que me afetam dessa maneira.

Rosa Luxemburgo

Carta a Luise Kautski

Prisão de Breslau, 25 de julho de 1918.

Nesse excerto de sua correspondência, Rosa Luxemburgo alude à sangrenta repressão, em 7 e 8 de julho de 1918, em Moscou, da sublevação dos socialistas-revolucionários de esquerda pelos bolcheviques. Com relação a esses acontecimentos, suas causas e suas consequências, as Éditions Spartacus publicam textos permanecidos no esquecimento e inéditos na França desde sua publicação em Genebra em 1918. Eles compõem-se simultaneamente de artigos redigidos por socialistas-revolucionários de esquerda tendo escapado da repressão

como I. Steinberg e A. Schreider, de resoluções cruciais que levaram o Partido dos S-R de Esquerda para a oposição frontal à política dos bolcheviques e de citações comentadas da imprensa alemã e francesa da época. Além do interesse de uma leitura, disponibilizada depois de 65 anos de esquecimento, esse conjunto de textos provoca uma nova reflexão sobre o processo da revolução russa. Com efeito:

– Ele aporta um esclarecimento suplementar sobre o período fundamental para essa revolução que foram os nove primeiros meses de evolução interna e externa do “poder proletário” (outubro de 1917/julho de 1918);

– Ele confirma o papel decisivo desempenhado pela assinatura da paz com a Alemanha (Tratado de Brest-Litovsk) e suas implicações políticas na desagregação do movimento revolucionário;

– Enfim, contra as falsificações de todos os tipos da historiografia bolchevique, ele contribui com o aporte de informações sobre o que foram as verdadeiras posições dos S-R de esquerda. Até o presente, só alguns raros livros haviam tratado desse assunto, mas eram de difícil consulta. Devemos assinalar a obra de L. Schapiro intitulada *Les bolcheviks et l'opposition* (Éd. Les Îles d'Or, 1957) e, evidentemente, aquele de I. Steinberg, *Souvenirs d'un commissaire du peuple* (Éd. Gallimard, 1930). Graças a essas informações, podemos desenvolver melhor uma crítica revolucionária do Partido dos S-R de Esquerda evitando cair na interpretação do Partido Bolchevique que deformou a realidade com o objetivo de justificar sua luta para conservar o poder e instaurar sua ditadura sobre os soviets.

I. OUTUBRO DE 1917/JULHO DE 1918: UM PERÍODO FUNDAMENTAL

É verdade, a luta contra os S-R de esquerda ainda vai atomizar ao menos por algum tempo as organizações soviéticas.

Mas a vitória reforça o prestígio dos bolcheviques e dá-lhes mais confiança neles próprios. Depois dos anarquistas, os

S-R de esquerda foram derrotados em algumas horas. Os partidos de oposição vão meditar sobre essas lições. Se os bolcheviques tiverem a sabedoria de não englobar em seus ataques contra os líderes S-R de esquerda toda a massa camponesa inscrita nesse partido, eles recuperarão rapidamente sua influência nesses meios.

Jacques Sadoul

Carta a Albert Thomas

Moscú, 7 de julho de 1918.

(Conferir *Notes sur la révolution bolchévique*,
Éd. Maspéro)

Em julho de 1918, o processo revolucionário proletário começado na Rússia a partir do mês de fevereiro de 1917 (formação dos soviets) encontra-se em um impasse e será definitivamente liquidado no decorrer dos anos seguintes (a sublevação de Kronstadt em março de 1921 foi a última reação importante da classe operária que reclamava “Todo o poder aos soviets, e não ao partido!”). Com efeito, nesse momento, a repressão contra os S-R de esquerda, em consequência de sua tentativa de insurreição, representa a última etapa de um confisco do poder que os bolcheviques já haviam iniciado com seu golpe de Estado político-militar de outubro de 1917. Os nove meses transcorridos desde essa data revelam-se ser, portanto, o “período fundamental” da revolução russa: aquele durante o qual tudo se organiza e tudo acontece de modo decisivo. No transcurso dos dias e das semanas, a evolução dos acontecimentos conduz ao sufocamento do processo proletário, acuado entre uma contrarrevolução interna que se desenvolve em seu seio desde a tomada do poder pelos bolcheviques e as maquinações externas dos diversos imperialismos em função da situação criada pelo prolongamento da guerra mundial.

Como constata J. Sadoul, que, membro da Missão popular francesa na Rússia, aliou-se aos bolcheviques, estes acabam por obter uma vitória total. Eles estabelecem, assim, a ditadura de seu partido às expensas dos órgãos representando a dinâmica social do movimento em ruptura com o capitalismo: os soviets ou conselhos

operários são pouco a pouco esvaziados de todo poder e só serão mantidos sob uma forma institucional destinada a mascarar a dominação da burocracia. É em consequência de sua ruptura parcial, não revolucionária, com a Social-democracia (ex.: as palavras de ordem de Lênin sobre o “derrotismo revolucionário” e a “transformação da guerra imperialista em guerra civil” serão substituídas por aquelas de “paz a qualquer preço” e “defesa da pátria socialista” após outubro de 1917) que os bolcheviques serão levados a desempenhar o papel de principal fator ativo da contrarrevolução no interior do processo proletário. Isso se verifica por *vários fatos*:

– O “*substituísmo*” do Partido Bolchevique em relação aos *soviets* na tomada e no exercício do poder: a insurreição foi concebida e desenvolveu-se como um “golpe de Estado” visando a uma simples derrubada do governo de Kerenski (sobretudo em Petrogrado: conferir a tomada do Palácio de inverno), em seguida, à sua substituição por um governo de “comissários do povo” estabelecido sob o controle direto e majoritário dos bolcheviques. Assim era aplicada uma espécie de prolongamento da velha concepção de Marx sobre a “conquista do poder político” que datava do *Manifesto* (1848). Entretanto, este último havia mudado sua concepção à luz da experiência proletária da Comuna: em *A Guerra Civil na França* (1871), ele havia, com efeito, ressaltado a necessidade para a classe operária de não “se contentar em tomar tal qual o aparelho de Estado e fazê-lo funcionar por sua própria conta”! Marx chegara à teoria da “destruição do Estado” por um movimento social do proletariado em ruptura com o capitalismo.

– A identificação do Partido Bolchevique com um Estado capitalista não destruído pelos acontecimentos de outubro de 1917 e batizado “Estado proletário”: o Partido-Estado foi o motor do desenvolvimento da classe capitalista sob uma forma burocrática e dotou-se rapidamente dos principais órgãos de repressão (criação da Tcheka – polícia política – desde dezembro de 1917, constituição de um “Exército Vermelho” sob o controle de Trótski e sobre critérios estritamente nacionalistas indo até à reintegração de ex-oficiais czaristas).

– A aplicação de um programa econômico de desenvolvimento

do capitalismo de Estado: nacionalizações, “controle operário” sobre a produção, reforma agrária etc., que havia sido definido bem antes de outubro de 1917 (conferir por exemplo as “teses de abril” de Lênin) e que foi confirmado já no dia seguinte à tomada do poder:

A vanguarda mais consciente do proletariado da Rússia já se deu a tarefa de desenvolver a disciplina do trabalho [...]. É preciso inscrever na ordem do dia, introduzir na prática e testar o salário por peça; aplicar os inúmeros elementos científicos e progressivos que comporta o taylorismo, proporcionar os salários ao balanço geral de tal ou qual produção ou aos resultados da exploração das ferrovias, dos transportes fluviais e marítimos etc. etc.

(*As tarefas imediatas do poder dos soviets*, redigido por Lênin em março/abril de 1918.)

Orientado para objetivos tais como o capitalismo de Estado qualificado, à maneira de Hilferding e da Social-democracia, de “passo à frente” ou de “antecâmara do socialismo” e a espera de uma “revolução internacional” concebida como o desencadeamento de movimentos controlados pelos bolcheviques para levar seu apoio ao reforço do Estado russo (aquilo a que visará um ano mais tarde, em março de 1919, a fundação da III Internacional!), o processo proletário só podia resultar rapidamente em um impasse e sucumbir ante o triunfo da contrarrevolução. Enquanto as lutas autônomas nos outros países, em particular na Alemanha, não conseguiram estender a dinâmica revolucionária em escala mundial e foram desviadas de seu terreno de classe pelas táticas bolcheviques impostas no seio da III Internacional (conferir em relação a isso, o livro de Otto Rühle intitulado *Fascisme brun, Fascisme rouge*, publicado pelas Éditions Spartacus, que denuncia as maquinações do emissário bolchevique na Alemanha: K. Radek).

De outubro de 1917 a julho de 1918, a luta política entre partidos opondo-se pela direção e pela gestão do novo Estado vai dominar a expressão independente do proletariado por intermédio dos soviets. As diferentes fases dessa luta são: a dissolução da Constituinte e a eliminação dos S-R de direita bem como resíduos mencheviques (ja-

neiro de 1918), o desarmamento dos anarquistas – “Guarda Negra” – e a repressão contra eles (abril de 1918) e, enfim, a liquidação dos S-R de esquerda. Victor Serge retoma uma expressão de Trótski: “o fim do bloco soviético”, e constata claramente o que isso provoca:

O enquadramento dos socialistas contrarrevolucionários como fora da lei e a ruptura com os anarquistas e os socialistas-revolucionários de esquerda têm por consequência o monopólio político do Partido Comunista e, de fato, o definhamento da constituição. Se não há mais debates políticos entre partidos representando por meio de nuances de opinião diferentes interesses sociais, as instituições soviéticas, a começar pelos soviets para acabar pelo Vtsik e pelo Conselho dos comissários do povo, onde os comunistas estão sozinhos, funcionam esvaziados, todas as decisões são tomadas pelo partido, elas só lhe dão o selo oficial.

Victor Serge

L'An I de la Révolution Russe
(Tomo II, Petite collection Maspéro).

Deve-se observar que, na época em que foram escritas estas linhas, seu autor era um partidário e não um adversário do bolchevismo, o que as torna ainda mais interessantes.

II. TRATADO DE BREST-LITOVSK: UM PAPEL DECISIVO NA DEGRADAÇÃO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

Entre todas as divergências que opunham os S-R de esquerda aos bolcheviques, foi sua encarniçada oposição à assinatura do Tratado de Brest-Litovsk que provocou a ruptura no seio do governo estabelecido após outubro de 1917 (em consequência do II Congresso Pan-russo dos Sovietes Rurais, em 9 de dezembro, sete dirigentes dos S-R de esquerda haviam ingressado no Conselho dos Comissários do Povo):

À primeira notícia da ofensiva dos alemães após a ruptura das conversações de Brest, a corrente capitulante, inseparável do nome de Lênin, tornou-se preponderante; os adeptos dessa tendência adotaram como palavra de ordem: ceder em todos os pontos ao imperialismo alemão a fim de salvar a República dos Sovietes. O Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda não pôde resignar-se a essa ruptura com todas as tradições da revolução social, e para salvar o próprio espírito da revolução de novembro, os socialistas-revolucionários de esquerda abandonaram o governo.

I. Steinberg

(Conferir *Os acontecimentos de 4 a 7 de julho em Moscou* – Texto publicado nesta obra.)

Foi em 19 de março de 1918 que os representantes dos S-R de esquerda pediram demissão do Conselho dos Comissários do Povo para marcar sua oposição resoluta à ratificação do tratado de paz separada. Esse ato punha fim ao efêmero governo de coalizão com os bolcheviques, mas o Partido dos S-R de Esquerda iria ainda praticar, durante pouco mais de três meses, uma política de “apoio crítico” ao governo central no âmbito das instituições soviéticas. I. Steinberg explica-se assim:

É verdade que no IV Congresso dos Sovietes, a resolução do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, pela qual este protestava contra a ratificação da paz de Brest, só obteve 300 votos contra 700 que votaram a favor da paz. Entretanto, nós julgamos necessário, sem romper com a República dos Sovietes como tal, submeter nossas divergências ao julgamento das massas populares ao mesmo tempo em que continuávamos a trabalhar em outras instituições da República diferentes do Governo supremo. Admitimos que a resolução aceita no Congresso fora ditada não por um cálculo minucioso das consequências internas e internacionais desse voto, mas pelo ardente desejo de paz e repouso do qual as massas camponesas e os soldados estavam anima-

dos a despeito da razão de classe e a despeito de seu dever revolucionário.

(Idem citação anterior.)

Durante esse IV Congresso Pan-russo dos Sovietes, os comunistas de esquerda (em número de 68) abstiveram-se, recusando-se a colocar em causa a unidade do Partido Bolchevique. Os S-R de esquerda esperavam concluir uma aliança com eles: no final de fevereiro/começo de março, eles tentaram *démarches* junto a Piatakov, Bukharin e sem dúvida outros dirigentes dessa corrente. Segundo L. Schapiro, eles propuseram-lhes formar um governo de coalizão... e projetaram inclusive prender Lênin durante 24 horas para declarar guerra à Alemanha! A despeito de certas atividades fracionadas tais como a publicação de quatro números do jornal *O Comunista*, os comunistas de esquerda permaneceram uma tendência no interior do Partido Bolchevique, e suas críticas de fundo, desenvolvidas durante as conversações de paz, depois durante algum tempo após a assinatura do tratado, reabsorveram-se pouco a pouco no decorrer dos meses ou se transformaram em temas de oposição “democrática” ou “operária” sempre no seio do partido.

As consequências do tratado de paz desmentiram a análise de Lênin que contava com uma “trégua” para consolidar as “conquistas de Outubro”: com efeito, passando por cima das cláusulas estabelecidas em Brest-Litovsk, as tropas do imperialismo alemão prosseguiram seu avanço, anexando regiões inteiras (Ucrânia, Don, Crimeia) que estavam entre as mais ricas da Rússia. Depois de ter tentado negociar um apoio junto aos imperialistas da Entente, adversários dos impérios centrais dos quais faziam parte a Alemanha e a Áustria-Hungria, o governo bolchevique iniciou uma meia-volta entabulando novas conversações com o invasor. Pela obtenção de concessões ainda mais duras que em Brest-Litovsk (conferir o ultimato de 10 de junho de 1918 exigindo o retorno da frota russa em Sebastopol da qual só uma parte foi afundada propositamente), o imperialismo alemão detinha os meios de pressão consideráveis sobre a política, tanto externa quanto interna, dos soviets.

Contando muitos partidários entre os marinheiros do mar do Norte bem como do Báltico, entre as massas camponesas das regiões ocupadas ou ameaçadas de sê-lo, os S-R de esquerda radicalizaram ainda mais suas posições sob a pressão desses acontecimentos. Evoluíram de uma atitude de “apoio crítico” àquela de “sabotagem desejada da paz de Brest-Litovsk”. No final de junho de 1918, eles conclamaram abertamente à resistência armada contra os alemães e reclamaram a expulsão de seu embaixador em Moscou, o conde von Mirbach. Eles também empreenderam uma grande campanha de agitação no exército, no front, e, em 24 de junho, seu Comitê Central decidiu “lançar-se em uma série de atos terroristas contra os principais representantes do imperialismo alemão”. O assassinato do conde Mirbach, em 6 de julho, foi o sinal da ofensiva armada dos S-R de esquerda para forçar a decisão dos soviets que estavam sob a influência majoritária dos bolcheviques. Quando se realizava o V Congresso dos Sovietes, desde 4 de julho, no qual sobre os 1.164 deputados presentes, os S-R de esquerda só tinham 353 representantes, as ações de Blumkin (executor do embaixador alemão) e de Popov (que, com um destacamento da Tcheka, apoderou-se do correio central) vieram, com efeito, apoiar pela violência as diatribes de Kamkov e Maria Spiridonova contra os bolcheviques durante as sessões do congresso. A sublevação dos S-R de esquerda foi rapidamente reprimida pois estes não tinham verdadeira estratégia de tomada do poder. Uma vez mais, I. Steinberg resume muito bem a evolução da política dos S-R de esquerda ante as consequências da paz de Brest-Litovsk:

A esse declínio lento mas seguro dos soviets, era preciso, a qualquer custo, pôr um termo. Foi o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda que tomou a iniciativa de modificar radicalmente a orientação da política dos soviets. Isso é natural, pois não há na Rússia nenhum outro partido que seja a favor dos soviets e que seja igualmente hostil ao imperialismo dos Centrais e ao imperialismo dos Aliados em seu conjunto.

É sob a bandeira do Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda que vieram alinhar-se os operários e os

camponeses de inúmeras províncias russas, e muitos congressos de soviets provinciais partilharam a ideia da sabotagem desejada da paz de Brest-Litovsk, preconizada pelos socialistas-revolucionários de esquerda. [...]

O Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda tomou a iniciativa de mudar e orientar a política dos soviets em um sentido oposto àquele que ela seguiu até aqui. E para exercer uma pressão mais intensa, o partido decidiu colocar o poder dos soviets diante dos fatos consumados. O assassinato do embaixador da Alemanha, Mirbach, é um desses fatos consumados.

(Idem citação anterior.)

Assim, esses textos vêm confirmar que o tratado de Brest-Litovsk constituiu uma “frenagem” para a dinâmica da revolução proletária na Rússia, e, por isso mesmo, desempenhou um papel decisivo na desagregação dessa revolução. As consequências da paz separada com a Alemanha iam igualmente pesar muito sobre a evolução ulterior do processo revolucionário em escala mundial:

– *A extensão da revolução foi sacrificada sobre o altar da defesa dos interesses do Estado russo: compromissos comerciais bem como militares com os países capitalistas para desenvolver uma economia de capitalismo de Estado que, segundo Lênin, embasando-se no “modelo alemão”, representava uma “antecâmara do socialismo”.* Para além dos discursos de seus congressos, a III Internacional contribuiu por sua prática, não para suscitar a revolução mundial, mas para fomentar movimentos interclassistas (tática frontista⁴ afogando os interesses proletários em objetivos capitalistas) para fazer pressão sobre os governos ocidentais e levando-os a compor com o novo Estado russo. Toda a política da I.C. visou a um reforço deste último.

– *O fim de todo poder real dos soviets foi consagrado com a*

⁴ De *front*: em geral, o frontismo designa uma política de união de vários partidos políticos contra um inimigo comum. (N. do T.)

dominação exclusiva do Partido Bolchevique: começado em Outubro de 1917, o domínio deste sobre o processo revolucionário na Rússia intensificou-se e tornou-se irreversível a partir do momento que o abandono da extensão da revolução passou aos fatos. A desagregação interna operou-se por meio da eliminação de todas as correntes favoráveis à extensão e a contrarrevolução triunfou nas massas nutrindo-se igualmente da resignação e das reneгаções de um grande número de militantes pertencentes a essas correntes.

Já em setembro de 1918, Rosa Luxemburgo extraía lições fundamentais sobre o tratado de Brest-Litovsk:

Assim, o resultado final da paz de Brest-Litovsk é que a revolução russa está de todas as partes cercada, esfomeada, estrangulada. Todavia, mesmo no interior, no território deixado ainda pela Alemanha aos bolcheviques, o controle do poder e a política foram fatalmente empurrados para falsas vias. Os atentados contra Mirbach e Eichhorn são, por assim dizer, uma resposta compreensível ao regime de terror que o imperialismo alemão estabeleceu em território russo. A social-democracia, é verdade, sempre repudiou o terror por atos individuais, mas unicamente porque ela opunha a ele a luta de massa como um meio mais eficaz, não porque lhe preferisse a resignação passiva à dominação reacionária violenta. Evidentemente, é só um comunicado mentiroso do W.T.B. (Bureau Telegráfico Wolff – Agência de imprensa alemã) entre outros quando se sustentam que os socialistas-revolucionários de esquerda realizaram esses atentados por instigação ou sob ordem da Entente...

“La tragédie russe”, Lettre de Spartacus n° II.
(Conferir *Contre la guerre, pas de révolution*,
Éd. Spartacus.)

Ela projetava inclusive uma consequência que se realizou plenamente, em seguida, com a assinatura do tratado de *Rappalo* em 1922, e que estava contida nas notas anexadas (permanecidas secretas até

1926) no tratado *complementar àquele de Brest-Litovsk*, assinado em 27 de agosto de 1918:

Vemos aproximar-se, como um sinistro fantasma..., uma aliança dos bolcheviques com a Alemanha! Isso decerto seria o último elo da cadeia fatal estabelecida pela guerra mundial em torno do pescoço da revolução russa: recuo para começar, capitulação em seguida, e, enfim, aliança com o imperialismo alemão. A revolução russa encontrar-se-ia, assim, por causa da guerra mundial, à qual ele queria a qualquer preço subtrair-se, simplesmente rejeitada ao pólo contrário – do lado da Entente sob o tzar, ao lado da Alemanha sob os bolcheviques.

(Idem.)

Hoje, malgrado a desagregação da contrarrevolução sob os golpes da crise e das lutas autônomas do proletariado, a perspectiva revolucionária sofre sempre com a hipoteca bolchevique e reclama a maior clarificação possível sobre o período leninista. Rosa Luxemburgo media perfeitamente a dimensão histórica que teriam as implicações da paz de Brest-Litovsk:

Uma aliança dos bolcheviques com o imperialismo alemão seria moralmente, para o socialismo internacional, o mais terrível golpe que lhe poderia ser desferido. A Rússia era o último refúgio socialista – onde ainda existiam socialismo revolucionário, pureza dos princípios, profusão de ideais – para onde se voltavam, na Alemanha bem como em toda a Europa, todos os elementos socialistas honestos para recompor-se da repugnância provocada pela prática do movimento operário da Europa ocidental, para armar-se de coragem e crer ainda nas obras ideais, nas fórmulas sagradas. Pelo “acoplamento” grotesco entre Lênin e Hindenburgo, é a fonte de luz moral que se apagaria no Leste...

(Idem.)

III. ALGUNS ELEMENTOS PARA DESENVOLVER UMA CRÍTICA REVOLUCIONÁRIA, E NÃO BOLCHEVIQUE, DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA

Na Introdução a *Souvenirs d'un Commissaire du Peuple*, I. Steinberg resume assim as convergências e as divergências entre os dois partidos:

O grande evento político desse novo período da revolução foi a transmissão do poder governamental aos soviets e a formação, em dezembro de 1917, de um governo de coalizão formado pelos bolcheviques e pelos socialistas-revolucionários de esquerda. Durante os três primeiros meses, reinou certa solidariedade entre os dois partidos ligados pela luta comum pela paz internacional e pelo desejo comum de abrir as vias a uma completa transformação socialista da Rússia.

Entretanto, divergências de opiniões revelaram-se pouco depois entre os dois partidos, particularmente no que dizia respeito às relações com os camponeses, ao emprego da violência revolucionária e ao tratado de paz em Brest-Litovsk.

Examinando uma a uma essas três principais divergências, nosso objetivo é ressaltar o que eram as verdadeiras posições dos S-R de esquerda e fazer sua crítica sem cair na propaganda bolchevique.

a) *Contra a paz de Brest-Litovsk, por qual tipo de guerra?*

Devemos de início observar que os S-R de esquerda não foram hostis à abertura de negociações com a Alemanha, e que durante as conversações de Brest-Litovsk, eles manifestaram uma posição assaz próxima daquela defendida por Trótski: “nem guerra, nem paz”, esperando atrair todos os outros beligerantes à mesa das negociações e resultar assim em uma paz internacional pondo fim à guerra imperialista. Foi em consequência do avanço militar alemão, aproveitando-se da suspensão das conversações e da assinatura de uma paz *separada* consentida pela

facção majoritária de Lênin no seio do Partido Bolchevique, que sua posição aproximou-se daquela dos comunistas de esquerda que preconizavam desde o início a preparação de uma “guerra revolucionária”.

Lênin acusou os S-R de esquerda de fazerem o jogo da burguesia russa querendo desencadear uma guerra nacional e em aliança com os imperialistas da Entente. No *Cahier Spartacus* intitulado “Traité de Brest-Litovsk 1918: coup d’arrêt à la révolution” (série B, nº 77), certas fórmulas deixavam entender que os S-R de esquerda haviam encarnado a posição que lhes atribuía Lênin. Ora, à luz dos textos publicados nessa obra, fica muito claro que estes não defendiam absolutamente tal posição. Com efeito, contrariamente ao que escreve a maioria dos historiadores da revolução russa, favoráveis aos bolcheviques, os S-R de esquerda embasavam sua visão numa retomada dos combates sobre *princípios de classe*:

Não é à guerra contra a Alemanha ao lado da Entente, não é a favor do imperialismo “aliado” e contra o imperialismo alemão que o Partido dos Socialistas-Revolucionários convida o povo. Não, ele apela a uma insurreição, independente de toda influência imperialista, do povo trabalhador contra seus inimigos de classe; convida os trabalhadores a uma guerra civil contra a burguesia estrangeira, a uma guerra civil semelhante àquela que ele fez com tanto sucesso no interior da Rússia contra a burguesia nacional. E, por esse meio, o Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda, que reclama o retorno às máximas da revolução de novembro, põe um fosso intransponível entre ele e os socialistas-revolucionários de direita (Kerenski e Savinkov à frente): estes últimos desejaram de novo fazer do povo revolucionário da Rússia um instrumento dos objetivos da Entente lutando pretensamente pela liberdade.”

I. Steinberg

(Conferir *Os acontecimentos de 4 a 7 de julho em Moscou* – Texto publicado nesta obra.)

Observemos, de passagem, que foi Lênin, *habitué* da mentira e da dissimulação, que havia projetado, ante o avanço alemão (fim de fevereiro de 1918), pedir ajuda aos exércitos da Entente; Trótski, por sinal, encarregara-se, aliando-se a essa tese, de fazer contatos com os emissários ingleses, franceses e estadunidenses (assim, o desembarque dos primeiros contingentes britânicos em Murmansk, em março de 1918, fez-se com a autorização dos bolcheviques para impedir os finlandeses-alemães de ocupar esse porto!).

Para reduzir seus adversários, no seio de seu próprio partido e no exterior, Lênin recorreu igualmente, como fizera várias vezes, à prática do amálgama. Ora, havia importantes diferenças entre a posição dos comunistas de esquerda e aquela dos S-R de esquerda que, estes, tiveram tendência a limitar ao problema da “disciplina de partido” (conferir o texto “Nossos aliados no campo de nossos adversários”).

Enquanto os comunistas de esquerda definiam a “guerra revolucionária” como uma luta armada do proletariado urbano e rural, sacrificando-se se necessário para ajudar na extensão mundial da revolução comunista, a visão dos S-R de esquerda repousava mais no apelo a uma “revolta de classe”, a uma insurreição espontânea do povo trabalhador (operários e camponeses confundidos). É o que deixa compreender a leitura do texto complementar de I. Steinberg, publicado nesta obra: “Por que somos contra a paz de Brest-Litovsk”. Por isso mesmo seus princípios de classe ligavam-se ainda às *teorias “populistas” do século XIX* segundo as quais os povos eslavos, em particular os russos, deviam levar a “Salvação” à Europa ocidental e à Humanidade inteira. Sob uma forma democrática e socialista mais elaborada que seus predecessores, os S-R de esquerda não se sentiam menos imbuídos de uma espécie de “missão redentora” que, segundo eles, incumbia ao povo revolucionário da Rússia:

[...] se a República dos trabalhadores da Rússia pudesse sair vitoriosa da luta, não seria lutando isolada, engajando apenas um combate singular com um imperialismo, mas *envolvendo* (grifo do autor) nessa luta as massas populares atrasadas, passivas ou pouco conscientes da Europa e dos

Estados Unidos [...] nós nos daríamos conta de que as massas populares da Europa que ainda não alcançaram a consciência de classe precisavam de uma luz muito forte, de uma luz contínua e resplandecente vinda de um país que, graças a numerosas causas históricas, poderia ter sido o primeiro a dar um passo decisivo no caminho da regeneração revolucionária. Quanto a nós, cremos com razão, e ainda cremos agora, que é a República dos Sovietes da Rússia que tem o privilégio de ser essa ‘grande potência’ do socialismo e da revolução, que estimulará e acelerará na Europa o ‘processo’ revolucionário instintivo e inconsciente engendrado pela guerra atual, e que só terá de adquirir, levado pela revolução russa, formas claras e suscetíveis de viver.

(Idem citação anterior.)

Para despertar as massas esmagadas pela guerra e levá-las a cumprir “sua” missão revolucionária, os S-R de esquerda utilizaram a violência individual praticando atos terroristas contra os representantes do imperialismo alemão na Rússia. Além disso, crendo ainda como os “narodniki” no papel liberador da revolta camponesa, eles concentraram sobretudo sua agitação no campo apoiando-se nos resultados materiais da reforma agrária à qual se juntaram os bolcheviques (conferir “a terra aos camponeses”, decreto de 26 de outubro de 1917). Essas relações privilegiadas com o campesinato explicavam a colaboração do grupo literário “Os Citas” (poetas como Blok, Essenin etc.) com os jornais dos S-R de esquerda. Louvando a missão de fraternidade mundial que devia ser a obra dos eslavos, Blok havia previsto o fim do “Huno selvagem”...

b) Contra a pena de morte, por qual tipo de violência?

O II Congresso dos Sovietes, reunido durante os acontecimentos de outubro de 1917, declarou que a pena de morte estava abolida. O governo de Kerenski restabelecera-a no front, para forçar os soldados

fatigados e famintos a retomarem a ofensiva desde 18 de junho. Assim que participaram do poder (formação do governo de coalizão em dezembro de 1917), os S-R de esquerda fizeram-se os garantidores dessa abolição. Entre os postos ocupados por seus sete representantes no Conselho dos Comissários do Povo, um dos mais importantes – com a pasta da agricultura – era aquele de I. Steinberg, encarregado da Justiça. Durante os poucos meses de sua participação governamental, a pena de morte permaneceu *oficialmente* ilegal e eles opuseram-se a seu restabelecimento jurídico durante a condenação do almirante Chtchastni, em 21 de junho de 1918, por um “Tribunal extraordinário, composto de juízes nomeados pelo Comitê Executivo Central” (conferir o texto de A. Schreider: “A pena capital”). Esse almirante, ao qual recusaram o direito de citar testemunhas de defesa e que foi julgado sem a assistência de um júri, era acusado de “alta traição”. Em consequência do ultimato alemão, intimando a frota russa no mar Negro para tornar a Sebastopol (caso já citado anteriormente), ele revoltara-se sustentando possuir documentos relativos a um acordo secreto segundo o qual os bolcheviques engajavam-se a entregar também a frota do Báltico.

Todavia, ao mesmo tempo que travando esse tipo de batalha no plano do *legalismo* (eles queriam estabelecer uma rede de tribunais “independentes” do poder executivo e nomearam comissões encarregadas de zelar pelo respeito dos direitos dos prisioneiros), os S-R de esquerda foram parte interessada, *de fato*, na violência tchekista e de suas execuções sumárias contra os “inimigos da revolução”. Com efeito, desde a criação da Tcheka, sob a presidência de Dzerjinski (em 7 de dezembro de 1917), eles candidataram-se a obter um certo número de postos de funcionários nesse órgão da repressão estatista. Um deles, Alexandrovitch, tornou-se inclusive o principal auxiliar de Dzerjinski com o título de vice-presidente. *A posteriori*, os S-R de esquerda tentaram justificar sua política contraditória dizendo que haviam ingressado na Tcheka para limitar os poderes dessa administração e, sobretudo, para combater a influência dos bolcheviques em seu seio. Nunca, nesse período, eles se pronunciaram contra a própria existência da Tcheka, por sinal nem contra a das prisões (eles sonharam simplesmente em explodir os símbolos da opressão tsarista, como a fortaleza Pedro e Paulo, onde foram presidiários, prisioneiros

políticos, durante anos!). Eis como I. Steinberg tentou explicar a política dos S-R de esquerda em relação a isso:

Os socialistas-revolucionários de esquerda obtiveram o Commissariado da Justiça e decidiram utilizar essas funções para enfraquecer, de início, e para modificar, em seguida, a extensão e o ritmo da atividade exercida pela Tcheka. De-sejávamos fazer, quando muito, um serviço técnico para as cortes de justiça e para o tribunal revolucionário.

Não era, para mim, naquela época, tarefa fácil. Não devemos esquecer que se os chefes bolcheviques faziam muito barulho e agitavam-se mais do que era necessário, nossos adversários burgueses travavam contra nós, contudo, uma luta encarniçada. A mínima derrota política, a mínima fraqueza de nossa parte em relação a eles teria podido destruir o fundamento sobre o qual se construía a república soviética. Temia-se, então, parecer, por pouco que fosse, sensível e sentimental, e não se queria recomeçar as fraquezas do regime desse Kerenski que girava por todos os ventos. Assim, o Commissariado da Justiça começou a funcionar com a resolução tomada de ser severo em toda parte onde isso fosse necessário. Mas, ao mesmo tempo, ele adotava voluntariamente posição contra a Tcheka. Isso anunciava que uma luta pela supremacia ia ser travada entre essas duas instituições supremas. E assim aconteceu: essa luta não cessou um único dia, nas pequenas coisas bem como nas grandes.

Encontramos a Tcheka já formada: ela compreendia naquele momento o presidente, Dzerjinski, e seis ou sete de seus colaboradores. Todos eram bolcheviques, assim como o carasco Peters, famoso a seguir. Havíamos muito bem compreendido que o melhor meio para lutar contra os abusos de uma administração é fazer parte dela.”

Souvenirs d'un Commissariat du Peuple.
(Conferir cap. III: “Dans l'ombre de la terreur”)

No fundo, essa duplicidade dos S-R de esquerda provinha de suas concepções substituísta, partidista e estatista que eles queriam impor, tal como os bolcheviques, mas com mais escrúpulos e menos amoralismo, no transcurso de uma revolução proletária cuja expressão essencial situava-se nos soviets. É, por sinal, tentando apoiar-se na Tcheka que eles produziram sua sublevação de julho de 1918. Blumkin, o S-R de esquerda que matou o embaixador alemão Mirbach, era um funcionário da Tcheka (poupado pela repressão e, tendo conseguido fugir, aderirá mais tarde ao bolchevismo). Desde o início, eles visaram controlar a sede principal: assim, Dzerjinski e dois outros bolcheviques que se precipitaram para lá para enfrentar a situação, foram feitos prisioneiros. O ocupação do correio central foi obra de um destacamento da Tcheka que, comandado pelo S-R de esquerda Popov (segundo V. Serge; L. Schapiro denomina-o Prochian), expediu telegramas às províncias para anular as instruções do Conselho dos Comissários do Povo. Assim, após ter retomado o controle, os bolcheviques não hesitaram em dirigir os primeiros golpes da repressão: golpearam na cabeça, fuzilando o jovem Alexandrovitch que, suplente de Dzerjinski na presidência da Tcheka, havia facilitado a preparação e o desencadeamento da sublevação.

Os S-R de esquerda teorizavam sobre o recurso aos atos terroristas individuais como um meio para levar as massas a realizar a revolução (conferir o texto de A. Schreider: “O terrorismo como meio de ação revolucionária”). O substituísmo próprio dos partidos levou-os, assim como os bolcheviques, a agir no lugar dos soviets para *forçar* esses órgãos representativos do conjunto do proletariado a mudar sua orientação política. A violência revolucionária de massa devia ser provocada e guiada se necessário pelos atos exemplares de sua vanguarda e de seus chefes como indivíduos. Assim, os S-R de esquerda permaneciam os herdeiros de Tkatchev, o populista russo do século XIX, discípulo de Auguste Blanqui.

c) Que relações com os camponeses?

Lênin tendo adotado o programa agrário dos S-R de esquerda e mandado votar “a terra aos camponeses” durante o II Congresso dos

Sovietes, parecia que a questão da relação com os camponeses estava resolvida, tendo em vista que os S-R de esquerda decidiram ingressar no governo após ter medido no campo e no seio dos sovietes rurais os efeitos favoráveis do decreto relativo à terra.

Todavia, ao contrário, a situação envenenou-se muito rápido por causa da queda catastrófica dos abastecimentos de cereais às cidades: segundo as fontes citadas por L. Shapiro, os estoques de grãos nos entrepostos do Estado haviam caído de 641.000 toneladas, em novembro de 1917, a 136.000 toneladas em dezembro e a 46.000 toneladas em janeiro de 1918. Sob a influência majoritária dos bolcheviques, o Conselho dos Comissários do Povo decidiu efetuar requisições nos campo e pôr fim ao comércio ilegal (mercado negro) que se estabelecera com as cidades. Para isso, ele enviou destacamentos armados que, em várias ocasiões, entraram em duros confrontos com os camponeses. De parte a parte, houve numerosos atos de crueldade. A ofensiva alemã, a ocupação de regiões agrícolas tais como a Ucrânia durante a suspensão das conversações de Brest-Litovsk, a assinatura do tratado de paz ratificando as anexações, depois a retomada do avanço alemão, todo esse processo de guerra imposto e de capitulações sucessivas veio agravar consideravelmente a situação. As maquinações dos grupos nacionalistas a soldo dos diversos imperialismos, e facilitadas pelo “direito dos povos em dispor de si mesmos”, do qual os bolcheviques faziam-se os propagandistas, também não ajudaram em nada.

Os S-R de esquerda foram, portanto, levados a afastar-se da política dos bolcheviques no campo. Estes últimos acusaram os S-R de esquerda de querer favorecer os camponeses ricos (os cúlaques) recusando fazer distinções entre o campesinato e concebendo-o globalmente como uma classe explorada como o proletariado. A maioria dos historiadores, pró-bolcheviques ou não, propagaram esse tipo de anátemas e atribuíram, assim, falsas posições aos S-R de esquerda.

“Não falai mentiras!”, clama um texto de I. Steinberg a propósito dos comunicados bolcheviques transmitidos à imprensa europeia concernentes aos acontecimentos de julho de 1918; falsificada mais do que qualquer outra, talvez, a posição dos S-R de esquerda relativa à questão camponesa necessita de um restabelecimento da verdade.

Com efeito, se os S-R de esquerda proclamaram-se amiúde “o partido dos camponeses” por causa de seu programa e de sua implantação privilegiada no mundo agrícola, eles jamais apoiaram os camponeses ricos, e estabeleciam uma distinção de classe no seio do campesinato:

Estabelecemos para o campo duas categorias claramente caracterizadas: na primeira, compreendemos todos aqueles que vivem de seu trabalho pessoal e não recorrem a qualquer trabalho assalariado para cultivar seus campos. Toda essa categoria, são os camponeses-trabalhadores. Na segunda categoria, compreendemos todos os exploradores e especuladores vivendo às custas dos trabalhadores e explorando suas terras por meio da força de trabalho do próximo.

Essa distinção é clara e precisa.

A. Schreider

(Conferir *Os camponeses e a revolução*
– texto publicado nesta obra.)

O conflito com os bolcheviques concentrou-se de fato em torno da questão das requisições de cereais, e dos excedentes de trigo, em particular. Para apoiar suas ações de força, os bolcheviques haviam decidido criar “comitês de camponeses pobres” que, apoiando-se sobre os assalariados agrícolas ou os camponeses sem terra, deviam ser o ferro de lança da luta de classes no campo. Aos olhos dos S-R de esquerda, isso estava em perfeita contradição com a base da reforma agrária que, por meio da repartição das terras, não visava ao parcelamento em pequenas propriedades individuais, mas à socialização repousando sobre a antiga comunidade rural, portanto, ao desaparecimento dos assalariados agrícolas e dos camponeses pobres sem terra. Além disso, para eles, essa política dos bolcheviques provocava divisões falsas e perigosas no seio da classe que eles definiam como sendo aquela de “camponeses-trabalhadores” tendo os mesmos interesses a defender. Enfim, ela enfraquecia a revolução opondo os operários aos camponeses.

Mais globalmente, o problema era aquele de uma revolução proletária que, no âmbito de um imenso país como a Rússia, fortemente marcado pelo modo de produção asiático (variedade oriental do feudalismo), devia resolver a questão da relação entre uma enorme massa camponesa (75% a 80% da população) e uma minoria de operários industriais (aproximadamente 5%). Diante disso, os S-R de esquerda acertaram em censurar os bolcheviques por eles terem abandonado sua posição social-democrata em outubro de 1917 e tentado retornar a ela após terem instalado-se no poder:

Ainda bem recentemente, nossos social-democratas bolcheviques afirmavam que o campo devia passar pela fase de proletarização, que a diferenciação entre proletários rurais e exploradores rurais devia realizar-se antes, e que só então o exército socialista receberia esse reforço de vários milhões de camponeses sem terra. Os social-democratas afirmavam que na questão agrária, bem como na vida industrial, a evolução para o socialismo só podia efetuar-se pela proletarização das massas e pela concentração da propriedade nas mãos de alguns exploradores rurais pouco numerosos. Só nesse momento o campo tornar-se-ia uma arena de luta entre o trabalho e o capital; é nesse momento que a propaganda socialista seria ali necessária, útil e compreensível.

Durante a revolução atual, os social-democratas bolcheviques renunciaram, a contragosto, é verdade, às suas teorias e aceitaram nosso programa agrário. [...]

Mas o verdadeiro rosto do social-democrata bolchevique aparece cada vez mais amiúde sob a máscara que ele adotou pelas necessidades da causa...

A. Schreider

(Conferir *Os camponeses e a revolução*
– texto publicado nesta obra.)

Para Rosa Luxemburgo, a partilha das terras era uma “palavra de ordem pequeno-burguesa” do mesmo modo que o direito dos povos de dispor de si mesmos. Em sua brochura póstuma *La Révolution Russe (Cahier Spartacus, série A, nº 4)*, ela critica os bolcheviques por terem aplicado a reforma agrária inscrita no programa dos S-R de esquerda. Ela também não compreendeu que:

Estes últimos reivindicavam as antigas tradições populistas e punham sua esperança na força criadora da democracia camponesa emanada do “mir”.

(Conferir Ida Mett, *Le paysan russe dans la révolution et la post-révolution – Cahier Spartacus, série B, nº 24.*)

Ora, é preciso lembrar em relação a isso que Marx havia confessado suas simpatias pelas aspirações dos populistas em sua luta contra a autocracia czarista, e isso às expensas dos “marxistas” russos. Interrogado por Vera Zassulitch sobre a utilidade da comuna rural (*mir*) para passar ao socialismo, respondeu-lhe que a necessidade histórica do desenvolvimento capitalista não se impunha em todos os lugares:

A análise apresentada no *Capital* não oferece, portanto, razões a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz dela, e da qual busquei os materiais nas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é o ponto de apoio da regeneração social na Rússia, mas a fim de que ela possa funcionar como tal, seria necessário de início eliminar as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e, em seguida, assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo.

Marx

“Carta a Vera Zassulitch”, 1881.

Um ano mais tarde, assinando com Engels o *prefácio de uma edição russa do Manifesto Comunista*, ele precisou sua tomada de posi-

ção contra as teorias de seus “discípulos”, isto é, os social-democratas para os quais não havia alternativa na Rússia senão o desenvolvimento do capitalismo:

Se a revolução russa der o sinal de uma revolução proletária no Ocidente, e que ambas se completem, a atual propriedade coletiva da Rússia poderá servir como ponto de partida para uma evolução comunista.

IV. ANEXOS

A. Algumas úteis referências cronológicas relativas à história dos S-R de esquerda

(Para obter mais informações, deve-se consultar os livros já citados de I. Steinberg, L. Schapiro e V. Serge. O texto intitulado: “Algumas páginas da história do Partido dos S-R de Esquerda” figura nesta obra publicada por Spartacus e também aporta precisões. Assinalamos, enfim, que devia aparecer um livro sob o título *Le déclin des Socialistes-Révolutionnaires (1917-1925)* e conter uma segunda parte sobre os S-R de esquerda: ele foi anunciado pelo autor, J. Baynac, como uma continuação do primeiro volume *Les Socialistes-Révolutionnaires (mars 1881-mars 1917)* publicado nas Éditions R. Laffont).

1915

O grupo dos Zimmerwaldianos, com Natanson, Tchernov e Kamkov, recusa-se a seguir a maioria do Partido S-R que prega a defesa nacional. Ele aproxima-se das teses internacionalistas condenando a guerra imperialista.

Fevereiro de 1917

Formação de uma ala esquerda no Partido S-R Ela recusa-se a participar do governo provisório, diferentemente de Tchernov, que aceita um cargo.

18 de maio de 1917

O III Congresso do Partido S-R reúne-se em Moscou. A esquerda, com Maria Spiridonova, Natanson, Kamkov, Prochian e I. Steinberg, apresenta um programa excluindo toda coalizão com os partidos burgueses e orientando-se para a formação de um governo exclusivamente socialista.

20 de outubro de 1917

A esquerda recusa-se a obedecer às ordens dadas pelos chefes do Partido S-R em favor das medidas de defesa nacional do governo presidido por Kerenski. Ela abandona em grupo a sala das sessões do Conselho da república (desde as sublevações de julho ela lutava contra o restabelecimento da pena de morte no front).

7 de novembro de 1917 (25 de outubro no antigo calendário russo)

Golpe de Estado bolchevique. Os mencheviques e os S-R de direita abandonam o II Congresso dos Sovietes para marcar seu apoio ao governo Kerenski; os S-R de esquerda permanecem ao lado dos bolcheviques (o Partido S-R pronuncia, então, a exclusão de sua ala esquerda).

19/28 de novembro de 1917

I Congresso distinto do Partido dos S-R de esquerda que reúne os delegados de 99 grupamentos locais. Pronuncia-se contra a Assembleia Constituinte se esta não respeitar o poder operário e camponês exprimido pelo II Congresso dos Sovietes.

9 de dezembro de 1917

II Congresso dos Sovietes Rurais. Em consequência do controle estabelecido sobre o congresso pela neutralização dos deputados de direita (formação de um executivo camponês), um acordo de coalizão

governamental é concluído com os bolcheviques: sete representantes dos S-R de esquerda ingressam no Conselho dos comissários do povo.

18 de janeiro de 1918

Na abertura da Assembleia Constituinte, os bolcheviques apresentam um texto retomando as resoluções do II Congresso dos Sovietes e estipulando que a referida Assembleia abdicava de seus poderes essenciais. Ante a rejeição do texto (237 votos contra 136), os S-R de esquerda acompanham os bolcheviques e abandonam a Assembleia (no dia seguinte esta é dissolvida pela força e, pouco depois, o III Congresso dos Sovietes ratifica a decisão da retirada dos dois partidos por 377 votos sobre 419 votantes).

26 de fevereiro de 1918

I. Steinberg, S-R de esquerda, comissário de justiça, obtém a abertura de uma investigação relativa a dois membros da Tcheka acusados de corrupção. Na ausência de provas, há improcedência e o Conselho dos comissários do povo vota uma resolução dizendo que a investigação entrava no âmbito de “campanhas mentirosas conduzidas pelos agentes da burguesia contra o governo dos soviets”! Os S-R de esquerda tentavam justificar sua participação na Tcheka tentando limitar os “abusos” dessa polícia política.

Março de 1918

Assinatura do Tratado de paz de Brest-Litovsk. No IV Congresso dos Sovietes que se reuniu para ratificar o tratado, os S-R de esquerda votam contra a paz separada enquanto os comunistas de esquerda abstêm-se. No dia 19, seus delegados demitem-se do Conselho dos Comissários do Povo.

17/25 de abril de 1918

O II Congresso do Partido dos S-R de Esquerda aprova essa de-

missão ao mesmo tempo em que continua a inscrever sua ação no âmbito das outras instituições da República dos Sovietes.

Maiο-junho de 1918

Os S-R de esquerda pregam a resistência armada de classe ante o imperialismo alemão. Eles empreendem uma campanha de agitação entre as tropas. Em 16 de junho, opõem-se ao restabelecimento da pena de morte, e no dia 21 à primeira condenação: aquela do almirante Chtchastni que acusava os bolcheviques de terem engajado-se a entregar a frota do Báltico aos alemães. Do dia 24, seu Comitê Central adota a resolução “no interesse da Rússia, e naquele da revolução internacional”, de “entregar-se a uma série de atos terroristas contra os principais representantes do imperialismo alemão”.

4 de julho de 1918

Abertura do V Congresso dos Sovietes. Os S-R de esquerda têm aproximadamente 40% dos delegados a favor de suas posições. No dia 5, Maria Spiridonova critica violentamente a política dos bolcheviques, e em particular no plano agrário, por causa das requisições de cereais bem como dos excedentes de trigo.

6/7 de julho de 1918

Assassinato do embaixador alemão, o conde Mirbach. Sublevação dos S-R de esquerda: ocupação da sede da Tcheka (Dzerjinski, seu presidente, é estreitamente vigiado) e do correio central de onde são expedidos alguns telegramas para suspender a execução de todas as ordens do Conselho dos comissários do povo. A grande parte dos grupos S-R de esquerda (entre 800 e 2.000 homens segundo Trótski) permanece imóvel em torno da sede de seu Comitê Central. Os bolcheviques encarregam os fuzileiros letões comandados por Vatsetis e um destacamento internacional sob a direção de Bela Kun (na maior parte, prisioneiros de guerra húngaros) de restabelecer a ordem. Em 7 de julho, ao meio-dia, a sublevação é vencida, tanto em Petrogrado

como em Moscou, em consequência dos disparos de alguns obuses que põem em debandada tropas S-R de esquerda que só dispunham de pouquíssimos armamentos. Balanço: uma dúzia de mortos (número apresentado por L. Schapiro).

B. A repressão dos bolcheviques contra os S-R de esquerda

Em julho de 1918:

Os bolcheviques mandaram prender imediatamente toda a delegação S-R de esquerda presente no V Congresso dos Sovietes e todos os membros de seu Comitê Central que não puderam fugir. No total, houve aproximadamente 300 prisões (números de V. Serge). A Tcheka fuzilou principalmente o jovem Alexandrovitch, adjunto S-R de esquerda do presidente bolchevique – o lituano Dzerjinski – e um certo número de marinheiros partidários da sublevação. Em contrapartida, o autor do atentado contra o embaixador alemão, Blumkin, teve a vida salva e conseguiu escapar (ele aderirá alguns meses depois ao Partido Bolchevique, participará da guerra contra os exércitos brancos e tornar-se-á um apoio para Trótski no interior do G.P.U.: ele será, por sinal, uma das primeiras vítimas da repressão contra os trotskistas, sendo fuzilado sem julgamento em dezembro de 1929). Aquele que o acompanhou para cometer o atentado, Andreiev, escapará igualmente da repressão e juntar-se-á às tropas do anarquista Makhno na Ucrânia (os S-R de esquerda que participaram da Makhnovitchina cometeram dois atentados contra Blumkin, a quem eles censuravam por sua adesão ao bolchevismo)⁵. Os jornais S-R de esquerda foram proibidos, mas o próprio partido não foi declarado ilegal. Uma resolução de 15 de julho de 1918 autorizava os membros do Partido S-R de Esquerda a tomar assento nos soviets sob a condição que desmentissem categoricamente toda participação “no assassinato e na revolta que se seguira a este”. Para evitar

⁵ A propósito da colaboração dos S-R de esquerda à luta dos libertários nessa região, encontraremos informações no livro de A. Skirda *Makhno, le Cosaque de l'Anarchie*, recém-publicado por conta do autor.

a expulsão dos soviets, muitos S-R de esquerda consentiram nesse desmentido da ação decidida pelo Comitê Central.

Em um primeiro momento, a repressão permaneceu, portanto, *limitada* malgrado as queixas da delegação alemã, em particular do novo embaixador Helfferich, que reclamava mais condenações. Parece evidente que os bolcheviques não quiseram agravar as dificuldades, que eles conheciam no campo e no exército, por uma severidade excessiva em relação aos S-R de esquerda.

Em seguida:

O Partido S-R de Esquerda dividiu-se em várias tendências. Os extremistas, tais como Kamkov e Irina Kakhovskaia, formaram um grupo terrorista clandestino que, entre outros, organizou o atentado contra o comandante das tropas alemãs na Ucrânia, o marechal-de-campo von Eichhorn; seu autor, Boris Donskoi, foi enforcado em Kiev, em 10 de agosto de 1918, por decisão do Conselho de guerra alemão. Entretanto, os principais membros do Comitê Central dos S-R de esquerda, entre os quais Maria Spiridonova, compareceram diante de um “tribunal revolucionário” (em 27 de novembro de 1918) que só os condenou a penas assaz leves, das quais, por sinal, eles foram anistiados alguns dias depois “em razão dos serviços prestados à causa revolucionária”. Além disso, os bolcheviques deixaram a possibilidade a Natanson de partir ao estrangeiro (era um dos mais antigos dirigentes S-R, havia muito à esquerda do partido, que havia preparado a coalizão com os bolcheviques, participando após 1905 dos grupos de combate mantidos por Lênin e especializados nas expropriações bem como em todos os tipos de ataques à mão armada). Quanto a Prochian (Popov segundo V. Serge), que havia praticado a ação no correio central, ele morreu em liberdade pouco tempo depois, e Lênin inclusive dedicou-lhe um necrológio.

A repressão amplificou-se um pouco nos meses e nos anos que se seguiram, sobretudo em relação a Maria Spiridonova e aos S-R de esquerda que prosseguiram sua agitação no campo. Assim, em 18 de fevereiro de 1919, Maria e um grande número de membros de seu partido

foram presos novamente e acusados de “fomentar um complô”. Maria Spiridonova, tratada como “histérica”, foi internada num “sanatório” (de fato, uma prisão camuflada) onde sua tuberculose agravou-se, e de onde ela fugiu, escapando assim da morte. Conseguiu esconder-se até outubro de 1920 em Moscou, todavia, acometida de tifo assim como centenas de milhares de pessoas, os bolcheviques conseguiram prendê-la definitivamente durante uma batida policial. Detida, fez uma greve total de fome e sede, durante 13 dias! Transferida a um hospital psiquiátrico, ela chegou a sobreviver e foi em seguida colocada pela Tcheka em prisão domiciliar a 80 km de Moscou. Suas últimas notícias datam de junho de 1922, em uma carta em que seu amigo, Izmailovitch, pedia que os prendessem numa prisão normal. Depois disso não há mais qualquer vestígio (em seu tomo III do *Arquipélago Gulag*, Soljenitsin indica que ela provavelmente morreu em um campo).

Um outro grupo do Partido S-R, com notadamente I. Steinberg, tentou conduzir uma oposição legal e obteve a autorização para publicar uma revista, *Znamia*, na primavera de 1920. Na condição de delegado “com voz consultiva”, o ex-comissário do povo da justiça pôde inclusive ler uma declaração no VIII Congresso dos Sovietes, em dezembro do mesmo ano. Todavia, a insurreição de Kronstadt pôs fim a essa “benevolência” dos bolcheviques: prisões maciças significaram o desaparecimento do Partido S-R de Esquerda, ainda que alguns de seus membros continuassem, para além de 1922, a manifestar-se no seio de certos soviets locais, inclusive aquele de Moscou. I. Steinberg foi um dos raros dirigentes a poder escapar e deixar a Rússia (encontramos alguns elementos suplementares de sua biografia no livro de J. Baynac: *La Terreur sous Lénine*, p. 361, publicado pelas Éditions Le Sagittaire).

Globalmente, segundo L. Schapiro, pode-se dizer que a repressão contra os S-R de esquerda foi *menos rigorosa* do que aquela sofrida pelas outras oposições. Assim, em 1921, no total, 26 de seus dirigentes haviam sido fuzilados, e 4 mortos na prisão. De fato, os bolcheviques esperavam, por uma relativa clemência, recrutar um grande número de jovens S-R de esquerda, o que se verificou durante um processo de junho de 1922, no qual 7 deles só receberam penas leves, e até mesmo um *sursis* equivalente a uma absolvição imediata. Essa

tática revelou-se proveitosa pois alguns jovens, após um estágio na prisão, juntaram-se às fileiras do Partido Bolchevique ou da Tcheka. Entretanto, a maioria dos antigos dirigentes ainda vivos nessa época encontrava-se no exílio ou em prisão perpétua. Nos anos 1930, houve notícias de Izmailovitch, Kakhovskaia e Maiorov que cumpriam prisão domiciliar na região do Ural. No processo de Bukharin, em 1938, os juizes stalinistas mandaram Kamkov e Karelin comparecer, tirados de sua prisão para dar credibilidade à acusação de um “complô” do qual o ex-líder bolchevique teria sido um inspirador na época em que fazia parte da facção dos comunistas de esquerda, manifestando sua oposição à assinatura do tratado de Brest-Litovsk.

Em conclusão, diremos que os textos publicados nesta obra pelos Amigos de Spartacus são uma *contribuição* à necessária clarificação relativa às posições dos S-R de esquerda e, assim, a todas as críticas revolucionárias que possam ser feitas sem cair nas falsificações bolcheviques. Todavia, uma história geral sobre o combate dos S-R de esquerda na revolução russa ainda está por ser feita...

Guy Sabatier

Fevereiro de 1983.

Agradeço ao Institut d’Histoire Sociale (15, avenue Raymond Poincaré, Paris 16^e) e, em particular, a Jean-Louis Panné, que pôs à minha disposição vários documentos, notadamente aqueles de I. Steinberg.

EDITORIA EM DEBATE

Muito do que se produz na universidade não é publicado por falta de oportunidades editoriais, quer nas editoras comerciais, quer nas editoras universitárias, cuja limitação orçamentária não permite acompanhar a demanda existente. As consequências dessa carência são várias, mas, principalmente, a dificuldade de acesso aos novos conhecimentos por parte de estudantes, pesquisadores e leitores em geral. De outro lado, há prejuízo também para os autores, ante a tendência de se pontuar a produção intelectual conforme as publicações.

Constata-se, ainda, a velocidade crescente e em escala cada vez maior da utilização de recursos informacionais, que permitem a divulgação e a democratização do acesso às publicações. Dentre outras formas, destacam-se os *e-books*, artigos *full text*, base de dados, diretórios e documentos em formato eletrônico, inovações amplamente utilizadas para consulta às referências científicas e como ferramentas formativas e facilitadoras nas atividades de ensino e extensão.

Os documentos impressos, tanto os periódicos como os livros, continuam sendo produzidos e continuarão em vigência, conforme opinam os estudiosos do assunto. Entretanto, as inovações técnicas assinaladas podem contribuir de forma complementar e, mais ainda, oferecer mais facilidade de acesso, barateamento de custos e outros recursos instrumentais que a obra impressa não permite, como a interatividade e a elaboração de conteúdos inter e transdisciplinares.

Portanto, é necessário que os laboratórios e núcleos de pesquisa e ensino, que agregam professores, técnicos educacionais e alunos na produção de conhecimentos, possam, de forma convergente, suprir suas demandas de publicação como forma de extensão universitária, por meio

de edições eletrônicas com custos reduzidos e em divulgação aberta e gratuita em redes de computadores. Essas características, sem dúvida, possibilitam à universidade pública cumprir de forma mais eficaz suas funções sociais.

Dessa perspectiva, a editoração na universidade pode ser descentralizada, permitindo que várias iniciativas realizem essa convergência com autonomia e responsabilidade acadêmica, editando livros e periódicos de divulgação científica conforme as peculiaridades de cada área de conhecimento no que diz respeito à sua forma e conteúdo.

Por meio dos esforços do Laboratório de Sociologia do Trabalho (LASTRO), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que conta com a participação de professores, técnicos e estudantes de graduação e de pós-graduação, a Editoria Em Debate nasce com o objetivo de desenvolver e aplicar recursos de publicação eletrônica para revistas, cadernos, coleções e livros que possibilitem o acesso irrestrito e gratuito dos trabalhos de autoria dos membros dos núcleos, laboratórios e linhas de pesquisa da UFSC e de outras instituições, conveniadas ou não, sob a orientação de uma Comissão Editorial.

Os editores

Coordenador

Fernando Ponte de Sousa

Conselho editorial

Adir Valdemar Garcia

Ary César Minella

Janice Tirelli Ponte de Sousa

José Carlos Mendonça

Maria Soledad Etcheverry Orchard

Michel Goulart da Silva

Paulo Sergio Tumolo

Ricardo Gaspar Muller

Valcionir Corrêa

OS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA NA REVOLUÇÃO RUSSA

Esta obra traz a tradução de duas brochuras publicadas pela primeira vez em julho de 1918 pelo Partido dos Socialistas-Revolucionários de Esquerda (Internacionalistas), acerca das razões de seu rompimento com o governo soviético – do qual participava em coalizão com o Partido Bolchevique – em um momento crucial da Revolução Russa. O Tratado de Paz de Brest-Litovsk, os acontecimentos de julho de 1918, o debate sobre a pena de morte e a política do governo revolucionário diante dos camponeses são alguns dos temas que o leitor conhecerá nestas páginas, da perspectiva daqueles que venceram reacionários e contrarrevolucionários, mas foram vencidos internamente no campo revolucionário, e por suas próprias palavras. Desaparecida durante décadas e republicada na França em 1983, apenas agora tornada disponível em língua portuguesa pela Editoria Em Debate, trata-se de uma leitura indispensável para os interessados na história da Revolução Russa e nas transformações sociais mais profundas.

 **E d i t o r i a**
EM DEBATE

ISBN 978-85-8267-001-9



9 788582 670019